



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

CAROLINA WHITAKER PESCARIA

**A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO
DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL**

Santarém

2018

CAROLINA WHITAKER PESCARIA

**A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO
DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Oeste do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares
Linha de Pesquisa História, Política e Gestão Educacional.

Santarém

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

P473e Pescaria, Carolina Whitaker

A educação escolar e a sociedade em Itaituba-PA no processo de expansão da economia extrativista mineral. – Santarém, Pará, 2018.

112 fls.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador: Anselmo Alencar Colares

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado em Educação.

1. Educação. 2. Sociedade. 3. Processo extrativista. I. Colares, Anselmo Alencar, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370.098115

CAROLINA WHITAKER PESCARIA

**A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO
DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL**

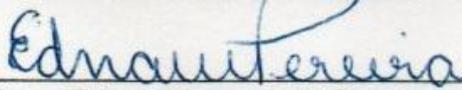
Dissertação apresentada à Universidade Federal do Oeste do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares
Linha de Pesquisa História, Política e Gestão Educacional.

Conceito: APROVADA

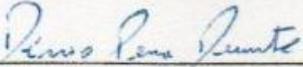
Data de Aprovação: 30/08/2018



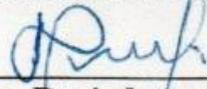
Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares – Orientador/ Presidente/ Ufopa.



Profa. Dra. Edna Marzzitelli Pereira – Membro Externo/ Ufopa



Prof. Dr. Dercio Pena Duarte – Membro Externo/ Ufopa.



Prof. Dr. Doriedson Alves de Almeida – Membro Interno/ Ufopa.

A minha mãe, Professora Doutora Jussara Saldanha Whitaker Pescaria, que soube ao longo de sua vida, proporcionar a imortalidade do seu nome, do seu trabalho, da sua importância ao longo da luta por uma educação libertária, significativa, humana. Por ter sido, para mim, um exemplo enquanto mãe, mulher, educadora.

AGRADECIMENTO

Minha família, aqueles que puderam suportar meus momentos de ausência, me acalmar nos momentos aflitos, consolar minhas lágrimas e comemorar cada vitória alcançada. Agradeço a você minha mãe, que hoje já não está presente nessa vida material, porém continua em meus pensamentos e certamente me guiando do plano espiritual, obrigada por acreditar sempre no meu potencial. Meu filho Yuri, razão pela qual me supero todos os dias. Marília, minha irmã amada, que esteve realizando o papel de mãe, suprimindo toda minha ausência durante esse mestrado, ouvindo minhas angústias para a finalização dessa dissertação e me incentivando em todos os momentos de minha vida. Ao meu marido Rodrigo pelo carinho, apoio e compreensão em todos os momentos ao longo desses dias. O amor de vocês me fez permanecer sempre de pé.

Minhas amigas e colegas de trabalho, Flávia, Marlen e Patrícia, que acompanharam cada etapa do processo seletivo do mestrado, comemorando cada nota até a aprovação. Todos os momentos que passamos ao longo desse período, estão guardados como lindas lembranças que me fortalecem sempre que preciso. O apoio de vocês foi fundamental para chegar aqui.

A Professora Dra. Dulce, pela brilhante entrevista e por todos os ensinamentos sempre me proporcionados ao longo de minha vida, sua jornada na educação é ensinamento para todos aqueles que acreditam que ela possa ser um mecanismo de transformação e libertação.

Aos amigos queridos, aos quais não irei nomear todos, para não me fazer injusta. Agradeço o incentivo, a companhia e ao mesmo tempo o entendimento pelos meus dias de ausência. Em especial aos meus irmãos de alma, Anne, Mailaine e Moisés, nossa amizade é capaz de ultrapassar qualquer adversidade em nossas vidas.

Meus colegas de mestrado, com quem pude aprender e compartilhar muitos saberes, em especial Greice, Aldilene, Tania, Igor, Mario e Nato.

Em nome da Professora Doutora Sonia Maria Caetano e do Professor Felipe Mello, agradeço aos entrevistados que participaram do processo de pesquisa, contribuindo para minhas análises.

A Norma Viana, minha eterna professora e amiga. Obrigada por poder me dar à oportunidade de ter sido sua aluna no ensino médio, por ter proporcionado minha primeira experiência em sala de aula como professora, por estar ao meu lado em diversos momentos difíceis e por todo incentivo ao longo da produção desta dissertação.

Aos meus professores do mestrado, que me trouxeram um grande enriquecimento intelectual, uma educação que teve realmente significado para a minha vida. Em especial agradeço ao professor Sanfelice, por quem tenho profunda admiração.

A Universidade Federal do Oeste do Pará pela oportunidade de poder cursar o Mestrado em Educação.

Ao meu orientador Dr. Anselmo Alencar Colares, pelas orientações em suas aulas, pelo acompanhamento do meu processo de pesquisa e por auxiliar no meu enriquecimento intelectual.

O Brasil é aqui, o resto é perfumaria. Nem shopínguê, nem marketínguê, tem mesmo, no meio da cidade, o quilômetro um da Transamazônica, por debaixo do asfalto quente, coração de homem que vendeu a lavoura de café no Sul, para empregar seu dinheiro no sonho amazonense. Tem sangue de índio dizimado, cultura castrada, garimpo e malária. Dinheiro de contribuinte e palavra sem valor de quem governou em nome da pátria amada.

Jussara Whitaker

RESUMO

Discute-se enquanto objeto de pesquisa, a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro. Inicialmente apresenta-se a construção histórica da sociedade do município nos períodos da borracha e do ouro. O território onde hoje está localizado o município de Itaituba era ocupado essencialmente por povos indígenas - Mundurukú e Maués -, sofrendo a colonização pelos europeus, principalmente portugueses. Conforme as relações de trabalho passaram por mudanças ao longo da história, e o processo educacional - principalmente o institucionalizado - foi sofrendo modificações, buscando atender as novas exigências organizacionais. Itaituba foi sendo construída a partir de ações que não priorizaram o desenvolvimento social, como em outras regiões onde a exploração extrativista predomina na economia. O estudo apresenta um quadro geral da educação do período de 1970 até 1995, com base nos dados disponíveis, evidenciando os quantitativos de unidades escolares, alunos matriculados e professores atuantes na rede de ensino. A metodologia consistiu em um estudo histórico buscando compreender a relação sociedade e educação a partir das mudanças na base econômica, porém, dando maior atenção aos aspectos locais da percepção de alguns sujeitos sobre a trajetória evolutiva escolar de Itaituba. A questão que norteia essa pesquisa questiona de que forma ocorreu o desenvolvimento da educação durante o período econômico extrativista mineral no município de Itaituba-Pa. Foram realizadas, também, entrevistas com roteiro semi-estruturado com professores atuantes na cidade, com o objetivo de elencar informações sobre a história da educação local, buscando como objetivo principal identificar se a Educação Escolar reflete ou não as nuances da exploração do trabalho pelo capital. Evidenciamos o processo extrativista aurífero – consequentemente sua evolução -, onde o garimpeiro constitui a mão de obra explorada pelo capital sem ter essa percepção, e, da ilusão do enriquecimento rápido inicial vai ficando mais tempo constituindo família ou ajudando a formar um povoado que demanda educação escolar, mas não estão postas as condições objetivas para o atendimento. E, quando são implantadas, as escolas passam a fazer parte da engrenagem que alimenta o sistema econômico. Desta forma, o estudo confirma o entendimento de que a escola nos moldes burgueses legitima os interesses da classe dominante, passando a existir a internalização desses valores e não uma consciência crítica da exploração do trabalho pelo capital.

Palavras-chave: Educação 01, Sociedade 02, Processo extrativista mineral 03.

ABSTRACT

Schooling is discussed here as research object in the municipality of Itaituba-PA, problematized on the relation of this town with the socioeconomical context generated by gold exploitation. Firstly the historical construction of Itaituba town society is presented after rubber and gold times. The land where the town of Itaituba is located today used to be occupied essentially by indigenous peoples – Mundurukú and Maués -, suffering colonization by Europeans, mainly the Portuguese. As labor relations have changed along the years and so has the educational process – mainly the institutionalized – trying to answer new organizational demands. Itaituba has been built up from actions that didn't prioritize social development, as well as in other regions where extractive exploitation prevails in economy. The study presents a general overview of education from 1970 to 1995, based on available data, highlighting the quantities of school units, enrolled students and teachers working in the education system. The methodology consisted of a historical study that tries to understand the relation between society and education after changes in the economic base, however, paying closer attention to local aspects of the perceptions of some subjects about the school evolving path of Itaituba. The question that guides this research questions how the development of education occurred during the mineral extractive period in the municipality of Itaituba-Pa. Thus, semistructured interviews were used with teachers who work in that town, aiming to raise information about the history of local education, trying to identify whether School Education reflects or not nuances of labor exploitation by capital. We have highlighted the extractivist gold process – consequently its evolution -, where miners make up the workforce exploited seamlessly by capital, and, for the illusion of getting rich fast, s/he stays longer, making up a family or helping form a village that claims school education but that are not put under appropriate circumstances for this service. And, when they're implemented, schools start being part of system that feeds the economic one. By doing so, this study confirms the understanding that schooling in the bourgeois way legitimates the dominating class interests, and those values start being internalized instead of existing a critical awareness about work exploitation by capital.

Key-words: Education, Society, Mineral extractivist process

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01:	Imagem retirado do livro <i>A Viagem ao Tapajós</i> , retratando a vista da localidade de Itaituba.....	26
Ilustração 02	Mapa da localização do município de Itaituba.....	32
Ilustração 03	Imagem aérea de Itaituba-Pa.....	33
Ilustração 04:	Descrição de Itaituba no <i>AlmanakeLammeart</i>	44
Ilustração 05:	Henry Wickham ao lado de uma seringueira do Sri Lanka em 1905.....	48
Ilustração 06:	Dados do Censo 1960.....	53
Ilustração 07:	Legenda do mapa.....	56
Ilustração 08:	Cidade de Itaituba em 1970.....	57
Ilustração 09:	Foto histórica que representa a movimentação do aeroporto de Itaituba nos anos de 1980.....	62
Ilustração 10:	Placa comemorativa do início da construção da Transamazônica.....	66
Ilustração 11:	Visita do Presidente Médici em Rurópolis.....	68

LISTAS DE QUADROSE TABELAS

Quadro 01:	Formação administrativa de Itaituba-Pa.....	34
Quadro 02:	Dados populacionais.....	35
Quadro 03:	Relação da população em idade escolar x população matriculada.....	75
Quadro 04:	Unidades escolares em Itaituba.....	75
Tabela 01:	Produção da borracha em Itaituba.....	43
Tabela 02:	População projetada.....	54

LISTAS DE SIGLAS

COSANPA – Companhia de Saneamento do Pará

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Biodiversidade

IDESP – Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PIN – Programa de Integralização Nacional

SEPLAN – Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral

SEPOF – Secretaria de Estado do Planejamento, Orçamento e Finanças

SUDAN – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
1.1	O tema: o cotidiano visto enquanto possibilidade de estudo	19
2	O CONTEXTO SÓCIOECONOMICO DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA-PA.....	22
2.1	Caracterização geral do município de Itaituba.....	32
2.1.1	Localização geográfica.....	32
2.1.2	Formação administrativa.....	34
2.1.3	Dados populacionais.....	35
3	BORRACHA E OURO: A ECONOMIA GERADA PELA EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS.....	36
3.1	Borracha: do cultivo do nativo aos interesses do capital.....	37
3.1.1	Itaituba no cenário da extração do Látex.....	41
3.2	Mudanças e (des)estruturação social: a economia aurífera em itaituba.....	49
3.2.1	O Eldorado Tapajônico.....	49
3.2.2	A história “banhada” a ouro.....	51
3.2.3	Divisão de trabalho no garimpo.....	59
3.2.4	As Cantinas.....	62
3.2.5	Itaituba cidade Pepita.....	63
3.3	O “desenvolvimento” regional nos anos de 1970: projetos de ocupação e integração territorial.....	65
4	4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR EM ITAITUBA: RELAÇÕES COM A SOCIEDADE (EM ESPECIAL A ECONOMIA AURÍFERA) A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS E DO REFERENCIAL DE ANÁLISE.....	69
4.1	Breves considerações sobre a economia em Itaituba.....	69
4.2	Relação entre escola e a economia aurífera.....	
4.3	Relação entre sociedade e escola.....	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS.....	96

APÊNDICES.....	102
APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	102
ANEXOS.....	109
ANEXO A – FOTOS HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA.	109
ANEXO B – TRECHO DO LIVRO O PASSADO DE ITAITUBA E A CONQUISTA DO TAPAJÓS.....	111

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Iniciamos apresentando o local escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, sob nosso olhar de pesquisador, que utiliza a visão histórica para analisar o desenrolar das relações cotidianas, nas quais situamos também a educação escolar, entrelaçados com a formação econômica, social e política do município de Itaituba-Pa. Tomamos para nós a discussão de Caio Prado Junior (2001 p.22) sobre o entendimento de relação, a partir de reflexões realizadas em seu trabalho Teoria Marxistas do Conhecimento e Método Dialético Materialista:

“Relação” será tomada no sentido da maneira ou modo como as feições do Universo, ou relações presentes na Realidade exterior ao pensamento conhecedor e que constituem o objeto do Conhecimento, se dispõem e contrapõem, em si e entre si, no espaço e no tempo.

Assim, o ato de relacionar não será meramente uma ligação entre objetos distintos que não interferem ou mesmo não se complementam. A educação aqui vista enquanto objeto de estudo, estará sendo conhecida e estudada dentro de uma totalidade, de um conjunto que transcende a própria individualidade do objeto. Essa totalidade é em primeiro momento percebida, quando percorremos as ruas da cidade de Itaituba, as casas e as pessoas, vivenciando o cotidiano dessa gente.

Vivendo nessa cidade desde 1998, e nela tendo realizado a formação em nível superior no curso de História, vimos que os fenômenos sociais são profundamente interligados não sendo possível compreendê-los isoladamente. No percurso do mestrado esta compreensão foi mais ampliada e por isso nos propusemos a estudar a sociedade e a educação em Itaituba, tendo em vista as transformações econômicas ocorridas e, de forma mais específica o período mais intenso da exploração do ouro nas décadas de 1970 e 1980.

O que a historiografia local nos fornece são informações oficiais sobre o processo de colonização e fundação do município, relatos de viajantes estrangeiros, relatórios governamentais que apresentam um levantamento descritivo e em sua maioria estatístico sobre a população, a economia, entre outros fatores. As referências no que se refere ao processo educacional, em grande parte são oriundas

dos dados obtidos através do Censo Educacional realizado pelo Ministério da Educação.

Certamente que, ao longo dos capítulos dessa dissertação, estaremos nos apoiando nessas produções para contextualizar o campo do estudo e traçar as observações da localidade, entendendo que o cotidiano pode ser visto enquanto possibilidade de estudo e não pode ser entendido enquanto um:

Aglomerado de coisas e entidades distintas e bem discriminadas, que interagindo embora entre si, independem umas das outras e tem cada qual sua individualidade própria, irredutível e permanente. [...] Contrastando com essa maneira de considerar a Realidade e de conhecê-la, propõe –se a dialética de Marx , que é, de um lado, a perspectiva da Unidade universal, tanto no espaço (o que significa interligação, relacionamento e integração em conjunto, da totalidade das feições e situações da Realidade), como no tempo, isto é, a incessante transformação desse conjunto que é antes processo em constante devir. De outro lado, e correspondendo a essa maneira de enxergar a Realidade, o conhecer dela consiste em progressivamente aprender a descrever aquela unidade universal, o que nos é dado nas relações que compõem e em que se estrutura a unidade universal; e em que se dispõe espacial e temporalmente [...]. (PRADO JR, 2001 p.36 – 37)

Desta forma, o cotidiano é visto enquanto possibilidade de estudo perpassada do entendimento da realidade construída por fatos, situações, feições e circunstâncias realizadas pelas produções e comportamentos de indivíduos que formam os processos coletivos que são por sua vez, direcionados por uma conjuntura econômica.

Sobre Itaituba, Coudreau (1897 p.24) já dizia “Ah!...se nossos escritores e pintores das novas escolas soubessem o que perdem em não conhecer a Amazônia!...”. Tal expressão revela ser praticamente impossível não se admirar com o imenso Rio Tapajós que banha a cidade, certamente o cartão postal municipal, principalmente durante o período de agosto a dezembro, momento em que aparecem as praias de água doce, deixando o cenário ainda mais bonito. Mas além de belo, o rio faz parte da cultura desse povo, como diriam os compositores Paulo André e Rui Barata “Esse rio é minha rua” e de todos aqueles que foram estruturando suas vidas em função dele, pois ao longo de suas águas todos os dias trafegam pequenas, médias até grandes embarcações, levando pessoas e

mercadorias, e ele é muito utilizado pelas comunidades ribeirinhas para viabilizar a locomoção, como também fonte de alimento.

O rio não é somente “uma rua”, pode ser visto também como o quintal da casa de muitas pessoas, um lugar de lazer e divertimento. No final de todas as tardes é muito comum, principalmente em períodos de férias, um conglomerado de crianças e adolescentes brincando no Tapajós, as cenas desses jovens se balançando em cordas penduradas nos galhos das árvores e em seguida se jogando ao rio, fazem parte do cenário local. Os finais de semana são sempre esperados para que se possa ir às praias, agosto é aguardado por todos para o início do Itaverão, evento realizado todos os domingos na praia do Paranamiry, com apresentação de bandas musicais locais e regionais.

Porém, os olhares mais recentes ao nosso Tapajós, não necessariamente estão relacionados a proporcionar qualidade de vida para a população local, a instalação de uma rede de portos graneleiros no distrito de Miritituba, na margem direita do rio, vem mudando, a cada dia, a paisagem. Além desse projeto, ainda está em discussão a construção do Complexo Tapajós, uma série de barragens que servirão para alimentar uma nova usina hidrelétrica. Essa iniciativa governamental tem causado muitas discussões entre aqueles que discursam em prol de um possível progresso, contra aqueles que pregam o respeito ao meio ambiente, às populações ribeirinhas que terão suas terras inundados, às comunidades indígenas afetadas e ao próprio Parque Nacional da Amazônia, área de proteção ambiental, que também sofrerá impacto.

O Parque Nacional da Amazônia, certamente este é um lugar que merece destaque, unidade de conservação criada em 1974, localizado a 53 km do centro de Itaituba, tem uma importância ambiental no que diz respeito à preservação da fauna e flora, mas que também é um grande atrativo turístico.

O parque é responsável pela proteção de inúmeras nascentes de contribuintes dos rios Tapajós e Amazonas, além de ser habitat de várias espécies ameaçadas de extinção, como a onça pintada, anta e arara juba, animais avistados com certa frequência no interior da UC. Há no interior da unidade infraestrutura básica para receber o turista. É possível fazer algumas trilhas sinalizadas no interior da floresta, onde se pode avistar inúmeras espécies de aves. No verão (agosto a dezembro), com a baixa do rio, formam-se os bancos de areia que,

junto as águas claras do rio Tapajós, convidam-te para um banho. Do mirante se tem uma bela vista das corredeiras e pedreiras que se afloram no período de seca. (ICMBIO, 2017 s/p)

Conhecer os ares amazônicos, não envolve somente as belezas naturais, existe também uma cultura riquíssima na cidade, fruto primeiramente dos nativos, posteriormente do processo de miscigenação destes com outros povos.

A região do Tapajós é muita rica em relação à cultura que ali coexiste. Os traços da cultura portuguesa, indígena, cabocla, por exemplo, estão ao lado da cultura nordestina, percebidas através das manifestações múltiplas que envolvem tanto linguagens artísticas, como as ligadas à religiosidade. (WHITAKER, 2016 p.54)

Sabemos que os processos de colonização acabaram por extinguir muitos elementos da cultura indígena, por isso gostaríamos de ressaltar o trabalho realizado numa aldeia chamada Praia do Índio, localizada a 10 minutos de carro do centro da cidade, onde existe um grupo de artesãos liderados por Everaldo Manhuari Munduruku, que desenvolve a fabricação de peças de cerâmica, incentivando inclusive as crianças indígenas a aprenderem esse processo. Existe nesse trabalho, a manutenção e o próprio resgate da cultura da etnia Munduruku.

A influência de outras culturas é perceptível quando falamos, por exemplo do festejo realizado todos os anos para a padroeira do município, Nossa Senhora de Santana. A festa inicia com uma procissão pelas ruas da cidade e em seguida o deslocamento fluvial dando abertura para os dez dias de quermesse, oferecendo ao público a missa diária, parque de diversão e leilões.

Não poderíamos deixar de mencionar sobre a importância das parteiras e benzedoras na localidade, mesmo com a existência da medicina formal, a presença delas se faz constante. Em um artigo publicado na Revista Acadêmica Boyrá, realizamos um estudo sobre a importância histórica desses personagens: "As benzedoras participantes deste estudo se percebem como parte da cultura local, sabem de sua importância quando o assunto é a saúde física e espiritual, e mais, se reconhecem como uma ponte que liga a tradição e o novo." (WHITAKER, 2013).

O universo cultural do município é muito vasto, de artefatos indígenas, a lendas e histórias sobre a floresta, da cultura religiosa às festas profanas, da

infinidade de vivências cotidianas, impossível seria em apenas algumas laudas conseguir mensurar tudo isso.

Necessário ressaltar que a nossa experiência enquanto docente tanto no nível fundamental e médio, quanto superior, faz com que possamos entender que a pesquisa científica ainda é precária pela ausência de instituição de ensino superior que ofereça cursos de mestrado ou doutorado na localidade, fazendo com que a fomentação dos estudos locais seja restrita. Grande parte da historiografia local está sendo construída através dos cursos de graduação, em destaque os de História e o de Pedagogia, onde as monografias possuem como principal fonte de pesquisa a história oral, incentivada por professores que entendem a necessidade do legado historiográfico. Por ser esta tarefa, um quase sacerdócio, num lugar onde muito ainda precisa ser passado às letras, sentimo-nos na obrigação de aqui evidenciar o trabalho investigativo de duas pioneiras, - talvez como uma homenagem- que ao longo dos últimos treze anos tem trabalhado sob esta perspectiva: Profa. Dra. Djalмира de Sá Almeida e Profa. Dra. Jussara Whitaker (*in memoria*).

1.1 O tema: o cotidiano visto enquanto possibilidade de estudo

Considerando a maneira como as relações sociais foram se moldando em Itaituba, levando em conta os processos econômicos extrativistas enquanto propulsores da formação da sociedade contemporânea local, desenvolvemos nossa proposta de trabalho, onde procuramos entender os reflexos sobre a Educação Escolarizada no município, pois consideramos esta, o sustentáculo que proporciona a humanização do ser humano.

Chama-nos atenção a vinculação da história da cidade com a questão econômica do minério aurífero, e mais, percebemos a possibilidade de buscar entender os passos evolutivos da educação a partir, justamente, da história sócio econômica voltada ao ouro, que teve seu ápice a partir da década de 1970, mesmo que o processo extrativista tenha iniciado já em meados de 1950, somente na década 70 houve um salto no fluxo migratório na região, modificando assim a estrutura local até então existente.

Orso (2011, p. 4) discute a necessidade de se pensar na educação não como uma ação isolada:

Mas, porque não podemos pensar e limitar nossa ação e nossa preocupação com a educação, à escola? Porque, tudo tem a ver com tudo, com a totalidade das relações e condições. No particular (na escola) estão presentes as relações universais. Por isso, apesar de ser lá nosso espaço de trabalho, apesar de ser lá onde passamos a maior parte de nosso tempo e de a escola ser uma espécie de termômetro onde se fazem sentir grande parte dos problemas educacionais, mesmo assim, a maioria deles não são produzidos, não são oriundos neste espaço, tudo provém do meio social.

Acreditando que o conhecimento tem ligação com a vida, e a educação escolarizada tem íntima relação com aquilo que é produzido historicamente pelo homem, ela deveria apresentar um aprendizado onde houvesse a compreensão do ser social, suas relações de trabalho, o conhecimento de sua identidade. A educação aqui está sendo entendida enquanto

Uma atividade mediadora no interior da prática social. Assim sendo, a primeira condição para se atuar de forma consistente no campo da educação é conhecer, da forma mais precisa possível, o modo como se encontra estruturada a sociedade na qual se desenvolve a prática educativa. (SAVIANI, 2013 p.2).

Saviani (1994) também afirma que o homem difere de outros seres porque ele realiza o trabalho, sendo este uma atividade intencional onde a natureza será modificada para a sua sobrevivência, criando assim o seu mundo cultural através do ato educativo. Assim, a produção humana pode ser tanto material, quanto não-material. Neste estudo, pretendemos analisar o mundo cultural construído em Itaituba, através das atividades extrativistas, especificamente a aurífera - produção material -, considerando os saberes necessários para a manutenção desse tipo de trabalho - produção não-material -, relacionando-as ao sistema educacional - produção não-material -, enquanto parte integrante desse sistema produtivo.

No primeiro capítulo apresentamos o cenário onde se desenvolve essa pesquisa, trazendo uma contextualização acerca da história da localidade, como ocorreu o processo de urbanização do município e suas principais características atuais. A historiografia local é demasiadamente escassa, recorreremos como uma das

principais fontes, aos relatos do escritor e viajante Coudreau (1897) para nossas descrições e análises de como era o local no início da ocupação territorial pelas sociedades não indígenas. Apresentamos também nesse capítulo, dados descritivos da sociedade Itaitubense, produzidos por órgãos governamentais.

Posteriormente, trazemos a construção da sociedade do município através da perspectiva com a/da relação com os períodos econômicos da borracha e do ouro, dando ênfase ao momento aurífero, palco principal do estudo, através do levantamento bibliográfico de autores como Machado (1999), Hagg (2009), Brasil (1970), Moreira (2003) e Cavalcante (2013).

Para que se possa realizar o estudo das ações produzidas, se fez necessário o levantamento bibliográfico acerca da história do município, priorizando os períodos econômicos em destaque nessa pesquisa. Durante o trabalho de campo foi realizada uma pesquisa documental junto ao Museu Municipal Aracy Paraguaçu e na Biblioteca Pública Municipal, para que levantássemos uma maior quantidade de informações a respeito dos acontecimentos históricos, e principalmente dados que pudessem auxiliar na construção da análise sobre a educação escolarizada.

Culminando com a escrita da dissertação apresenta-se um quadro geral da educação escolarizada a partir do ano de 1970, momento em que a economia aurífera ganha destaque na região, até meados da década de 1990, quando entra em declínio esse processo extrativista. Ressaltamos que a extração aurífera ainda se faz presente no município, porém atualmente ganhou outras proporções, com a entrada de capital estrangeiro e empresas multinacionais. Esta nova fase demandaria um estudo mais específico e a inserção de outros elementos analíticos, considerando o cenário de profundas modificações pelas quais passou a economia globalizada.

Quanto ao método e a metodologia empregados, para a obtenção de dados e as respectivas análises, procuramos nos utilizar das ferramentas fornecidas pela História, enquanto ciência, e de sua perspectiva materialista dialética, embora tendo a consciência de que ainda nos falta mais conhecimento para sua aplicação consistente. Todavia, ressaltamos a importância de termos tido a aprendizagem de como a educação, e todas as demais atividades humanas, estão profundamente relacionadas com o modo de produção, e as modificações que ocorrem nas relações sociais tendo em vista as alternâncias dos ciclos econômicos.

Consideramos relevante também, a realização da técnica da entrevista semi-estruturada, inicialmente com dois educadores que vivenciaram o momento em que o ouro esteve no auge de sua produção, objetivando o conhecimento do cotidiano desses profissionais, assim como a percepção que os mesmos possuem sobre o sistema educacional. Posteriormente com seis educadores atuantes no município, e por fim, entrevista com uma Doutora em Sociologia, sobre a análise das relações capitalistas no município de Itaituba.

Como questão principal que norteia essa pesquisa, pretendemos verificar: de que forma ocorreu o desenvolvimento da educação escolarizada durante o período econômico extrativista mineral em Itaituba-Pa? Objetivando além do entendimento da relação entre a educação escolarizada e a sociedade itaitubense durante o período aurífero, discutir o contexto sócio econômico do período como eixo estruturante da educação escolarizada e identificar se essa educação escolar reflete ou não as nuances da exploração do trabalho pelo capital.

Acreditamos ser possível não nos distanciarmos de uma abordagem qualitativa e ao mesmo tempo descortinarmos a historicidade do fenômeno, assim como suas contradições. Ainda buscando os aportes teóricos de Triviños (2009), levamos em consideração a história de Itaituba, como suas relações de materialidade e implicações sociais interferem na estrutura educacional, que é, também conjuntural.

2 O CONTEXTO SÓCIOECONOMICO DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA-PA

O capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível. Mészáros (2008).

Consideramos importante a descrição do campo de estudo, primeiramente situando geograficamente o local da pesquisa e posteriormente esclarecendo questões acerca das transformações ocorridas, através dos processos de ocupação territorial, da inserção de culturas migratórias e uma nova maneira de se estruturar as relações econômicas.

Quando iniciamos nossas reflexões sobre o município, nos recordamos de uma leitura realizada em outrora, sobre a Situação da Classe Trabalhadora na

Inglaterra, escrita por Friedrich Engels (2010), onde apresenta-se de maneira minuciosa a condição de miserabilidade vivida pelos operários durante a industrialização daquele país. O autor mencionado descreve as péssimas condições das ruas e moradias, da sujeira e da falta de saneamento básico; locais esses que passaram a existir e abrigar os trabalhadores devido a nova estrutura econômica que surgia. Guardadas as devidas proporções, nos recordamos das análises realizadas e fizemos um paralelo com o surgimento da economia aurífera e a formação de diversos bairros em Itaituba, que cresceram de forma desordenada, com ruas sem condições de uma boa trafegabilidade, moradias precárias, com total ausência de saneamento básico, lugares inclusive onde instalaram-se os bares e os prostíbulo, grande centro de violência, assassinatos e prostituição inclusive de menores.

Ainda hoje, temos no município, diversos bairros que foram sendo construídos em virtude dos processos econômicos que ali ocorreram. São casas que serviam de moradia para aqueles que se aventuravam principalmente à procura do sonhado "Eldorado", que muitas vezes não vingou. Aquele território ocupado inicialmente por descendentes de índios e colonizadores portugueses não integrantes da elite, posteriormente - através da migração nacional, como maranhenses e cearenses, conforme nos relata Machado (1999) -, passou a ser lugar de morada daqueles que procuravam no ouro o enriquecimento e a melhoria de vida.

A exemplo, podemos citar a criação de aglomerados populacionais que mais tarde foram transformados em bairros periféricos, que mantiveram por um bom tempo parte das suas raízes culturais maranhenses, percebidas nos tipos de festa que faziam, nas músicas ouvidas, nas expressões idiomáticas - o sotaque - ou então na construção dos girais à frente de suas cozinhas. De certo, precisamos ressaltar que algumas famílias ao trabalhar com no processo da extração aurífera, acabaram enriquecendo e ocupando cargos políticos e em alguns casos tornaram-se os "coronéis" da cidade.

Porém, a maioria da população não conseguiu conquistar o enriquecimento através das economias de exploração, houve na verdade uma falsa ideia de desenvolvimento. Os períodos econômicos ocorridos em Itaituba - da borracha e do ouro -, como afirma Whitaker (2015), foram grandes propostas desenvolvimentistas que não conseguiram perceber as necessidades diárias da

população, sendo estas relacionadas a questões de infraestrutura, qualidade de vida, acesso à cultura e lazer, uma educação que pudesse garantir seus direitos enquanto cidadãos. Podemos complementar, à luz dos referenciais teóricos que embasaram nosso estudo, que a não percepção mencionada pode ser mais precisamente dita como não intenção, uma vez que a economia extrativista mineral instalada não exigia o emprego mão de obra especializada.

O processo histórico de ocupação do território hoje conhecido como Itaituba, no interior do Estado do Pará, não se difere inicialmente de outras regiões do Brasil. Assim como em diversas localidades do país, o município era ocupado essencialmente pela população indígena que teve suas terras invadidas pelo colonizador europeu, principalmente oriundo de Portugal. Segundo relatos registrados pelo Primeiro Tenente Reformado da Armada Nacional e Imperial Rufino Luís Tavares, em Itaituba “foram seus primeiros habitantes índios Maúes e Mundurucus, os quais entretinham relações de commercio com os regatões de Santarém”. (TAVARES, 1876 p.14-15).

Segundo informações da Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Finanças (SEPOF), as invasões ocorridas em todo território amazônico aconteceram por holandeses, franceses e ingleses, que objetivavam apropriação das riquezas das localidades. A coroa Portuguesa preocupada com essas invasões, na tentativa de coibir a presença de outros povos europeus em seus territórios no além mar, funda a Capitania do Grão-Pará e Maranhão e o governo expulsa os estrangeiros, através de inúmeras expedições realizadas com forte ação militar, seguidas de intensificação do trabalho de catequese. A historiografia oficial nos revela que a primeira expedição portuguesa a atingir a região foi a do Capitão Pedro Teixeira em 1626 e logo em seguida chegaram os jesuítas e seus aldeamentos.

Em 1639, em mais uma expedição ao Tapajós, Pedro Teixeira juntamente com missionários jesuítas, que tinham a função de catequizar os indígenas, funda a aldeia Tapajós (embrião do hoje município de Santarém, que constitui polo dinamizador da economia no Oeste Paraense). Sob o domínio missionário, a catequese se expande e novas aldeias surgem, fazendo com que a região passe a se tornar um entreposto comercial regional. Em meados de 1754, Francisco Xavier de Mendonça Furtado tornou-se governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão e

determina que o Vale do Tapajós fique sob a tutela política do Pará. Após a expulsão dos jesuítas do Brasil, as aldeias passam a ser denominadas de Vilas, onde a aldeia Tapajós passa a ser chamada de Santarém. (SEPOF, 2011). Itaituba, aparecerá nos registros históricos somente em 1812, como centro de exploração e comércio de especiarias. (MACHADO, 2013).

Em memorial elaborado pelo Engenheiro Civil João de Palma Muniz, nomeado pelo Intendente Municipal de Itaituba José Joaquim Lages para realizar estudos sobre a delimitação de Itaituba, encontramos relatos onde Muniz (1906, p. 13-14) afirma sobre as terras ao longo do Tapajós, após a fundação da povoação de N. S. de Belém,

As novas terras descobertas não eram desabitadas; inumeras tribos selvagens as ocupavam como suas. Ao explorador e colonizador portuguez apresentava-se, para adquiril-as, a contingencia de conquistal-as aos naturaes, que certamente não as concederiam sem a lueta, como já acontecera nas regiões do sul.

Por outro lado, os portugueses foram levados á conquista e colonização do Pará pela noticia de que hollandezes e ingleses penetravam no paiz com as suas feitorias, entreendo relações de amizade com os naturaes.

A expulsão destes estrangeiros deu logar a expedições no interior, com a incumbencia de desalojal-os e expellil-os completamente dos territórios, que com justo direito Portugal se arrogava o domínio.

No desempenho de uma destas missões penetrou o capitão Pedro Teixeira no Amazonas, atingindo pela primeira vez o rio Tapajós [...]. Sendo o rio de fácil navegação em uma grande extensão, as viagens foram repetidas e por ellas chegou-se ao conhecimento de que tornava-se necessário levar aos seus habitantes a catechese. Ao missionário jesuíta tocou a tarefa de transplantar para a região por ele banhada, com a cruz, as sementes da civilização.

Muniz (1906) afirma que a data de fundação de Itaituba é difícil de se estabelecer, porém não é anterior a 1836, principalmente em virtude do destacamento de militares para a região, que já era ocupada por algumas aldeias de famílias indígenas. Seu fundador foi o tenente-coronel Joaquim Caetano Correa, considerado por ele o principal propagador do progresso na localidade, em 1854 através da Lei nº 266 cria-se o município de Itaituba.

Almeida (2012 p.683) explica a origem do nome Itaituba, essa denominação já era utilizada pelas tribos indígenas, antes mesmo da colonização portuguesa. O

nome utilizado pelos índios Tapajós, designava “áreas de muitas pedrinhas” que “os Tapajós acreditavam ser as pedrinhas resultado das lavas de um antigo e adormecido vulcão existente na área central de Itaituba. Itá = pedras+ Y= rio+tuba=variação de tupã, de deus= rio das pedras de Deus”.

Entre as referências sobre a história do município, tivemos acesso ao livro de Coudreau (1897) que escreveu *A Viagem ao Tapajós*, uma obra que retrata a trajetória de uma missão científica realizada pelo rio Tapajós ordenada por Lauro Sodré, na ocasião Governador do Estado do Pará. O viajante afirma chegar à cidade de Itaituba em 1895 e descreve sua primeira impressão acerca do que encontra:

Itaituba, onde me demoro de 2 a 22 de agosto, conta, paralelamente ao Tapajós e numa única linha, umas trinta casas, das quais oito ou nove de comércio, mais ou menos importantes. Por trás são jardins, em regra geral mal conservados, projetos de ruas e capoeiras. Entre a linha de casas e o rio, duas palmeiras reais, quatro mangueiras e qualquer coisa que, não sendo nem prado, nem gramado, nem praça publica, participa dos três. (COUDREAU, 1897 p.21)

Em seguida acrescenta que a cidade ao todo possuía 100 casas, habitadas por 800 “almas”, estando localizada a margem esquerda do Rio Tapajós, foi fundado pelo tenente Joaquim Caetano Correa “membro de uma das mais eminentes famílias que impulsionou o comércio Tapajônico [...] o tenente Joaquim Caetano Correa foi um dos grandes obreiros do progresso do rio Tapajós.” (COUDREAU, 1897 p.21)



Ilustração 01: Imagem retirado do livro *A Viagem ao Tapajós*, retratando a vista da localidade de Itaituba.

Fonte: Coudreau, 1987.

Na obra, Joaquim Caetano Correa também é citado como detentor do cargo de diretor dos índios do rio Tapajós, e que possuía estreita relação com os Munduruku, afirmando que havia uma população de 18.910 indígenas, durante o período da expedição, na região tapajônica. Porém, o autor afirma através das palavras de Gonçalves Tocantins¹ que o tenente nunca percorreu de fato as aldeias centrais e esse recenseamento não condiz exatamente com aquilo que se verifica:

Pode ser, também, que em consequência das doenças, guerras, fusão com os brancos, etc., os Mundurucús tenham sido consideravelmente reduzidos em números. De outra forma não se explica que, fazendo uma avaliação aproximada numa área muito maior que a visada pelo tenente Joaquim Corrêa, eu não chegue senão a um total de 1.389 indivíduos, em lugar de 18.910.

O que podemos afirmar é a perceptível intervenção do homem branco em território indígena, através das guerras, do extermínio dessa população ou mesmo do próprio processo de miscigenação. Tocantins (1877, p. 102) em seus estudos sobre a Tribo Munduruku ressalta:

Se é certo que a população mundurucu, puramente selvagem, não atingiu actualmente a cifra de 18.000 almas, por outro lado estou convicto de que as antigas povoações d'essa tribo, fixadas em outro tempo nas margens do Alto e Baixo Tapajóz, excediam muito por si sós d'este algarismo. Estas ultimas populações de que acabo de tratar fixaram-se nas antigas missões, ou fundiram-se pouco a pouco com a população cristã, de tal sorte que seus descendentes não comprehendem hoje sequer o dialecto da tribo.

Coudreau (1987, p.21) ainda acrescenta que "Itaituba, insalubre, colocada num território uniformemente pobre, e que retrograda de continuo, em lugar de progredir"; mesmo evidenciando a posição estratégica comercial da localidade, afirma que o futuro do Estado não está ali. A ocupação do Pará, baseada em exploração - que permanece até os dias atuais-, coloca Itaituba enquanto lugar que

¹Engenheiro formado pela Universidade de Gand, na Bélgica, atuou sobretudo em seu Estado natal, o Pará. Efetuou uma ampla análise linguística e antropológica sobre os Mundurucú durante o final dos anos de 1870, descrevendo as pinturas rupestres dos ancestrais da tribo, as tradições vivas do grupo, os primeiros contatos culturais com os colonizadores, afirmando que para ele os mundurucú eram essencialmente primitivos, sem quaisquer signos de civilização.
(FONTE:<https://books.google.com.br/books>)

possuía caráter de dominação e manutenção do poder territorial, principalmente em virtude da localização geográfica dessa terra, porém não a mostrava enquanto localidade que pudesse obter grandes progressos.

Muniz (1906, p. 21-22), afirma que Itaituba, “seguiu, na sua existência, a marcha normal dos demais, arrastando uma pobreza que não se achava em relação com a riqueza do município”. Para ele, isso ocorria devido a maneira como a política era desenvolvida, “a existência municipal era difficilima, sempre a precisar do auxilio da província, até para as mais mezinhas necessidades da vida própria, sem na maioria dos casos, ver as suas pretensões satisfeitas”.

Ao longo do Tapajós, após os trabalhos realizados pelos jesuítas até o século XVIII, foram os Capuchinhos que fundaram novos aldeamentos junto aos índios Munduruku. Ligado ao desenvolvimento de Itaituba temos o Frei Egidio de Garezzio, que por mais de 10 anos realizou trabalho junto aos aldeamentos, onde a vida não era muito fácil, primeiro pelas condições precárias de transporte, depois pela própria falta de auxílio da província. (MUNIZ, 1906)

Em Tavares (1876) também encontramos uma descrição do que seria o início do processo de ocupação territorial – não indígena -, Itaituba era a vila comercial mais importante de todo o Tapajós, onde os Cuyabanos se supriam de guaraná, que era cultivado e manipulado pela tribo dos Maués.

Além do guaraná, seus habitantes cultivavam tabaco, cacá, e cana de assucar. Exportava: borracha, guaraná, em pães, salsaparrilha reputada como a melhor de todo o Pará e Amazonas, óleo de copahyba, cravo e cumarú. A parte habitada contém 17 casas cobertas de telha, 20 palhoças em bom estado, uma igreja em começo. [...]. As duas escolas de instrução elementar se acham providas e são frequentadas por 25 alumnos do sexo masculino e cinco do sexo feminino. A população da villa se limita a uns 200 individuos de ambos os sexos, mas a de todo o município alcança a 3.600, sem neste algarismo compreender a população indígena que excede de 4.000. [...]. Não me detenho em algumas considerações que se ligam a factos que depõem muito contra o atraso que se observa nas villas, parochias e povoados do rio Tapajóz. Comtudo, sempre acrescentarei que quizera ver seus habitantes sobre tudo mais instruídos, mais laboriosos e industriosos, porém muito menos inclinados ao commercio. A índole é a melhor possível, mas a ilusão e abandono a que se entregam, não lhes deixa meditar sobre as fontes das riquezas que desprezam a troco das promessas enganadoras com que são levados aos seringas, donde regressam pobríssimos,

individuos e enfermos, do corpo e espirito! (TAVARES, 1876 p. 15 - 16)

Muniz (1906, p.35) ressalta que Itaituba se desenvolveu e produziu fonte de riqueza para o império e a província, não tendo nenhuma melhoria, na sua visão não passou de uma aldeia com o nome de vila, nem a câmara municipal possuía prédio apropriado para as reuniões. Como toda iniciativa de progresso e melhorias dependiam do governo provincial, existiam muitas dificuldades na concretização disso, "Itaituba, no período da monarquia, era do número dos municípios considerados secundários, destinados a produzir somente".

Após a instauração da República, o Estado passou a se organizar e a dissolver as Câmaras Municipais, dando lugar a uma nova estrutura política. Muniz (1906) nos apresenta os principais pontos:

- Decreto nº 103 de 13 de março de 1890 dissolveu a Câmara de Itaituba.
- Decreto nº 104 de 13 de março de 1890 cria o Conselho de Intendência Municipal.
- 22 de junho de 1891 é promulgada a Constituição Estadual, na qual a autonomia municipal ficou plenamente fixada.
- Decreto nº 385 de 8 de agosto de 1891, regulamenta a primeira eleição para intendente e conselho municipal.
- 10 de outubro de 1891 ocorre a primeira eleição para intendente e vogaes do Conselho Municipal, sendo Intendente o Tenente Coronel Victor José Pinto de Campos, e para vogaes o Tenente Coronel Joaquim Lourenço Cardoso, Raphael Toledano, Tenente Leopoldo Augusto de Moraes e alferes Leonardo José Peixoto.

Uma nova estrutura social surgia, e gostaríamos de abrir nesse momento um parêntese para algumas considerações que acreditamos importantes para nossas reflexões. No momento em que as comunidades indígenas foram sendo catequisadas, ou mesmo dizimadas, e foi se dando lugar à instalação de uma sociedade mercantilista, os interesses dessa ocupação foram exclusivamente para o acúmulo de capitais, e todas as medidas políticas implantadas deveriam satisfazer as necessidades desse objetivo, pensar nos recursos naturais enquanto mercadorias.

Um objeto produzido pelo trabalho humano, que é trocado por seu produtor em vez de ser por ele consumido e que, por suas propriedades, satisfazer às necessidades humanas de qualquer natureza, diretamente como meio de subsistência ou indiretamente como meio de produção (MARX, 2004 p. 15)

Em nossa reflexão, então, a mercadoria passou a ser todo e qualquer recurso natural que era retirado pelo homem, inicialmente exercido pela população indígena e posteriormente por outras populações que terão também sua mão de obra explorada, tendo em vista que “o produtor” nesse cenário não será aquele que exerce o papel de troca/venda das mercadorias.

Marx (2004, p.28) ainda afirma que é importante ressaltar que a mercadoria além de ser produto do trabalho humano, possui uma utilidade e um valor que só existe justamente devido a força humana utilizada para sua existência, e ainda complementa:

[...] no seio de uma comunidade indígena, onde não há trocas, os objetos produzidos pela atividade de seus membros são valores de uso, uma vez que eles foram criados somente para serem consumidos. Eles são valores também porque contém trabalho humano, mas são valores em estado latente e que só aparecerão quando forem trocados por produtos de outras comunidades. Nas sociedades mais desenvolvidas, a moeda de ouro e de prata é a forma que reveste o valor de todas as mercadorias.

Em síntese, quando os colonizadores ocupam as terras indígenas e trabalham através dessa perspectiva de utilizar a força humana para a obtenção de mercadorias, promove-se uma mudança nas relações até então existentes, sejam elas sociais, políticas, religiosas, culturais ou educacionais, utilizando-se de mecanismos que passam a organizar, gerir ou mesmo controlar as relações humanas.

Saviani (1994) afirma que aquilo que difere o homem dos outros fenômenos, seres vivos ou animais é o trabalho, como já foi citado anteriormente, pois somente através dele pode-se transformar a natureza para a sua sobrevivência. Ressaltamos ainda que a educação será uma exigência do e para o seu processo, bem como ela própria, é um procedimento de trabalho. Conforme as relações de trabalho passam por mudanças ao longo da história do Brasil e conseqüentemente em termos mais

locais em Itaituba-Pa, o processo educacional - principalmente o institucionalizado - passa a sofrer também modificações, atendendo assim às novas exigências econômicas e políticas.

Na visão de Muniz (1906, p. 44) o município de Itaituba passa a se desenvolver justamente a partir de uma mudança política, com a vinda do Regime Republicano. Anteriormente "a sua sede era uma aldeia em 1889; sem rios regulares, sem ponte de desembarque, com edificações atrasadíssimas, semelhava antes um povoado em plena decadência, do que centro de uma zona com fóros de município". Com a vinda da república, a cidade ganhou aspecto de nova vida, com edificações remodeladas, inauguração de praça pública, iluminação, ruas arborizadas, melhorias na comunicação com a capital através das navegações. Em relação a educação escolarizada afirma:

A instrução publica no município desenvolveu-se no regime republicano, que recebeu da monarchia duas escolas na sede, a do masculino, creada por portaria de 21 de Dezembro de 1862 e do feminino por acto de 5 de janeiro de 1872. Essas escolas, que eram de 2ª entrância, passaram a primeria, em virtude do disposto no dec. N. 372 de 13 de Julho de 1891.

Em 1894 accusava o movimento seguinte de matriculas: sexo masculino, 28 alumnos; sexo feminino, 52 alumnas.

Além dessas duas escolas foram creadas mais duas, uma no logar Barreirinhas, para o sexo masculino e outra mixta em Goyana, escolas que até 1897 não foram providas de professor.

Em 1897 a matricula na sede foi de 36 alumnos e 40 meninas.

Em 15 de novembro de 1900 dizia o tenente-coronel Moraes Sarmiento, sobre a instrucção publica no município: não é animador o estado de instrucção publica neste Municipio, apesar dos esforços que durante minha administração empreguei para ergue-la do abatimento em que a encontrei. Si, de um lado temos a lamentar a mesquinha, senão nullafrequecia dos alunos que matriculam-se nas escolas, de outro lado pasmamos do indiferentismo da quase totalidade dos paes e educadores de menores, não curando do principal dever imposto pelas leis da razão e do bom sendo.

Já para Machado (1999 p. 02), é necessário compreender que as "missões religiosas, e as pequenas fortificações e vilas, concebidas pelos portugueses e construídas com a mão-de-obra indígena, revelaram-se a longo prazo funcionais ao domínio do território [...]", porém, "quase nada tiveram a ver com a gênese do

urbano na região”, o desenvolvimento da urbanização ocorrerá a partir da exploração da borracha.

De certo que, desde sua fundação, Itaituba foi sendo construída a partir de políticas que não necessariamente priorizaram um desenvolvimento social, mas sim baseado em economias de exploração como abordaremos a seguir. Porém, antes vamos a uma caracterização atual da localidade objeto de nosso estudo.

2.1 Caracterização geral do município de Itaituba

2.1.1 Localização geográfica

Segundo dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social, Itaituba pertence a mesorregião Sudoeste Paraense e a microrregião Itaituba, possuindo como limites os municípios: ao Norte – Aveiro; a Leste – Altamira, Rurópolis, Novo Progresso e Trairão; ao Sul – Jacareacanga; a Oeste – Jacareacanga e o Estado do Amazonas.



Ilustração 02: Mapa da localização do município de Itaituba/PA
 Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/mapa-itaituba.html>

A cidade localizada à margem esquerda do Tapajós, possui o rio como a principal via de acesso a outros municípios, tanto no que se refere ao transporte de passageiros, realizado através de barcos, lanchas e voadeiras², quanto para o transporte de mercadorias vindas de outras localidades.

Outros meios de locomoção envolve o aéreo, tendo atualmente apenas uma empresa comercial operando, a MAP Linhas Aéreas que oferece voos para Altamira, Belém e Manaus apenas três vezes durante a semana – segundo informações extraídas do site da empresa-, e algumas companhias de táxi aéreo. O transporte terrestre é realizado através das Rodovias Transamazônica e da BR 163, ambas ainda não estão totalmente pavimentadas e em períodos chuvosos costumam ter grandes atoleiros, dificultando assim o acesso. As condições precárias dessas rodovias são notícias desde o período em que começaram a ser planejadas, fruto de políticas de integração da Amazônica, já foram objeto de grandes discussões. Abordaremos mais adiante algumas questões pertinentes a esses projetos, pois relacionam-se às ações de ocupação de Itaituba.



Ilustração 03: Imagem aérea de Itaituba-Pa.
Fonte: Gilson Vasconcelos, 2017

² Embarcações com casco de metal, movidas a motor de polpa, muito utilizada pelas população ribeirinhas.

2.1.2 Formação administrativa

O quadro a seguir apresenta uma síntese das leis e decretos que foram sendo elaborados ao longo dos anos sobre a maneira como o município de Itaituba foi sendo estruturado e organizado legalmente em termos administrativos, sendo criado no ano de 1854, inicialmente categorizado enquanto vila, passando a ser uma cidade no ano de 1900.

Quadro 01: Formação administrativa de Itaituba-Pa.

Formação administrativa	Lei e ano
Elevado à categoria de vila com a denominação de Itaituba. Sede na povoação de Brasília Legal.	Lei provincial nº 266, de 16-10-1854
Transfere a sede da povoação de Brasília Legal para à povoação de Itaituba.	Lei provincial nº 290, de 15-12-1856
Elevado à condição de cidade com a denominação de Itaituba.	Lei estadual nº 684, de 23-03-1900
Município é constituído do distrito sede	Divisão administrativa referente ao ano de 1911
Extinto o município, ficando seu território sob administração direta do Estado.	Decreto estadual nº 78, de 27-12-1930
Itaituba figura sob administração direta do Estado do Pará.	Divisão administrativa referente ao ano de 1933
Elevado novamente à categoria de município com a administração de Itaituba.	Lei estadual nº 8, de 31-10-1935
O município aparece constituído de 3 distritos: Itaituba, Brasília Legal e Igapóacú.	Divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937
Extinta o distrito de Igapó Açu, sendo seu território anexado ao distrito sede de Itaituba.	Decreto-lei estadual nº 2972, de 31-03-1938
Município é constituído de 2 distritos: Itaituba e Brasília Legal.	Divisão territorial datada de 1-VII-1950
Desmembra do município de Itaituba o distrito de Brasília Legal. Elevado à categoria de município com a denominação de Aveiro.	Lei estadual nº 2460, de 29-12-1961
São criados os distritos de Jacaré-acanga e São Luiz do Tapajós.	Lei estadual nº 2460, de 29-12-1961
Desmembra do município de Itaituba o distrito de Jacaré-a-Canga. Elevado à categoria de município.	Lei estadual nº 5691, de 13-12-1991

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados obtidos do IBGE, 2017

2.1.3 Dados populacionais

Com uma área territorial de 62.042,302 Km², possui 97.493 habitantes segundo o último censo realizado em 2010, distribuídos da seguinte forma:

Quadro 02: Dados populacionais

População residente	97.493	Pessoas
População residente rural	26.811	Pessoas
População residente urbana	70.682	Pessoas
Mulheres na área rural	11.957	Mulheres
Mulheres na área urbana	35.855	Mulheres
Homens na área rural	14.854	Homens
Homens na área urbana	34.827	Homens

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados obtidos do IBGE/Censo de 2010

A distribuição de renda da população se apresenta de forma desigual, enquanto a maioria 9.153 pessoas possuem renda de até meio salário mínimo, apenas 503 pessoas tem um rendimento domiciliar per capita de mais de cinco salários mínimos, o que fica refletido também na estimativa do percentual de pessoas abaixo da linha da pobreza, neste caso 39,34% da população. (IBGE, 2010).

O município apresenta 20.007 domicílios e apenas 2,5% possui rede geral de abastecimento de água, a grande maioria ainda tem poços em suas casas e somente 0,04% (equivalente a 10) residências possuem esgoto sanitário, as demais utilizam fossas rudimentares, valas e até mesmo o rio para o despejo dos dejetos. Desses domicílios, ainda existe 18,25%, envolvendo tanto aérea urbana quanto rural, sem acesso à energia elétrica, representando 18,26%. Em relação a coleta de lixo somente 48,62% possui o serviço regularmente. (SISTEMA DE INFORMAÇÕES DE INDICADORES SOCIAIS/MPPA, 2016).

A cidade apresenta problemas sociais que vão desde a má distribuição de renda e falta de saneamento básico, às péssimas condições de trafegabilidade para outros municípios. Assim, para que possamos analisar tanto as estruturas sociais quanto educacionais, se faz necessário compreender os dois principais períodos econômicos, sendo o primeiro da extração do látex, que envolve o início da exploração dos recursos à serviço do capital e posteriormente do ouro, que

consideramos o mais importante no que se refere as transformações ocorridas no município.

3 BORRACHA E OURO: A ECONOMIA GERADA PELA EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

Entendemos que para que possamos compreender a educação, faz-se necessário situá-la no interior do movimento histórico da sociedade. Desta forma, ao buscar as raízes do nosso processo de desenvolvimento, podemos identificar melhor determinadas particularidades que adquirimos, assim como, perceber os momentos de ascensão e declínio nesse processo, com seus respectivos componentes e implicações para a educação. (COLARES, 2011 p.190)

Corroborando com a citação acima, passaremos a discorrer sobre a dinâmica histórica de Itaituba, buscando evidenciar as raízes do chamado desenvolvimento ocorrido nos ciclos de maior pujança econômica, demonstrando que a comunidade local se estrutura, se reinventa, na medida em que as relações produtivas são modificadas. Inicialmente buscamos apontar que por conta da intensificação capitalista da exploração dos recursos naturais, surgiram ciclos econômicos que foram determinantes para aumentar o fluxo migratório, dando início aos processos de urbanização e conseqüentemente a estruturação diferenciada da vida social.

Posteriormente entraremos no universo da educação escolarizada, buscando compreender sua evolução dentro desse processo. Como abordaremos as particularidades do território de Itaituba, não utilizaremos termos abrangentes como educação amazônica, mesmo que nosso campo de pesquisa esteja dentro desse universo geográfico, pois respeitamos a pluralidade e a complexidade da utilização do conceito Amazônia, para a compreensão de um dado fenômeno. Ao mesmo tempo, não desconsideramos as questões educacionais regionais ou mesmo nacionais – que serão também abordadas nessa dissertação-, pois “há necessidade permanente de articular o singular e o universal para o melhor entendimento de nosso objeto de estudo”. (COLARES, 2011 p. 189).

Em Itaituba, podemos destacar alguns períodos econômicos que influenciaram e foram determinantes para a atual conjuntura do município. Em nosso

estudo nos concentramos em dois desses períodos, ou ciclos: o da borracha e o do ouro.

3.1 Borracha: do cultivo do nativo aos interesses do capital

A mata forja tua arma: cuia, facão e coragem
 O patrão explora tua lida: dívida, escravidão e medo
 Os gaiolas te vomitaram aos montes: nordestinos, sulistas, caboclos
 Porém. Da ferida das matas, és apenas um indefeso Ser
 Pois as chagas que Chico Mendes combateu
 O capital e os dólares em verbo Ter converteu.
 Nato Aguiar

Em meados de 1750 os portugueses já haviam descoberto a utilidade comercial da seringueira e em 1839 quando Charles Goodyear percebeu que através do processo de vulcanização a borracha extraída das seringueiras poderia ser modificada quando utilizada a altas temperaturas, a comercialização do produto aumentou consideravelmente, sendo o Brasil, o único país onde se encontrava a matéria-prima.

Do Acre até o Amazonas havia uma grande concentração de seringais, porém a falta de capital regional permitiu a implantação do Aviamento, sistema que “implica numa rede de fornecimentos que começava com os bancos estrangeiros financiadores, os quais forneciam créditos às casas exportadoras e aos seringalistas” (AMORIM, 1995 p.15). O sistema de aviamento permitiu que seringalistas e casas aviadores acumulassem grandes riquezas, porém ao seringueiro restou uma dependência econômica e social, pois estava submetido aos preços de compra do látex estipulados pelos aviadores.

Certamente que o processo de extração do látex é assunto amplamente debatido devido as mudanças ocorridas na região amazônica, porém a maior parte da literatura concentra-se em discutir a influência dessa economia nos grandes centros urbanos como Manaus e Belém. Talvez ainda seja esta, uma herança do pensamento positivista que privilegiava a história dos grandes feitos e uma visão elitizada dos acontecimentos, não incorporando à ciência a vida das minorias, daqueles que por muito tempo foram considerados “vozes anônimas”.

A fase de expansão gomífera, com destaque ao final do século XIX, foi marcada na Amazônia como um período de ouro, a Belle Époque. Certamente, os ganhos e investimentos eram restritos aos exportadores de borracha e Belém e Manaus eram basicamente os centros concentradores de toda a riqueza gerada na extração gomífera. Toda a riqueza do período deve-se ao fato de a Amazônia ser praticamente o único lugar do mundo com produção de borracha. Como a demanda mundial pelo produto estava em constante aumento devido, principalmente, ao desenvolvimento da indústria automobilística, as exportações só aumentavam. (OLIVEIRA; TRINDADE e MACHADO, 2012 p. 11).

Na citação, podemos destacar o fato desses centros terem concentrado as riquezas obtidas a partir da extração do produto natural em questão, por serem justamente os locais onde moravam e viviam - na maior parte do tempo - os "barões" da borracha. Ali se agrupava a vida em sociedade em meio a cultura importada da Europa. Enquanto isso, nas regiões interioranas, onde localizava-se o processo de extração do látex, na imensidão da floresta Amazônica, estavam os seringueiros, que viviam em condições precárias, mas cujo trabalho enriquecia os donos do seringal.

Cancela (2006 p.20) em suas pesquisas historiográficas sobre o período da borracha, afirma que os trabalhos produzidos em Belém em meados do século XX, associavam a extração do látex ao que era considerado progresso, modernidade, riquezas. De certo que houve crescimento econômico, a borracha passou a ser, durante a virada do século XIX para o XX, o segundo maior produto a ser exportado, atingindo o percentual de 24% entre os produtos mandados para o exterior. Além disso,

O aumento da renda dos governos provinciais; a riqueza dos comerciantes ligados a esse negócio; os palacetes, praças, as avenidas (re)construídas à época, os espetáculos e exposições internacionais que apontavam na capital, foram alguns dos acontecimentos desse período que apoiavam a leitura de um tempo marcado pela modernidade e pelo progresso, por parte dos pesquisadores mais clássicos.

Somente a partir dos anos de 1980, os autores passam a discutir a economia da borracha, levando em consideração outros fatores que não somente a ascensão financeira da região. As contradições desse sistema passam a ser evidenciadas,

abordando-se a respeito dos diversos grupos sociais e as relações desenvolvidas nessa produção. As transformações urbanas ocorridas não são mais discutidas apenas através do “embelezamento” das cidades e como sinônimo de riqueza, vem à tona assuntos como a exclusão da classe baixa de alguns pontos urbanos, o debate entre o conhecimento popular e o científico, as dificuldades encontradas por grande parte da população.

Assim, fez-se necessário se deter não apenas na construção dos palacetes mas também nas casas de porta e janelas, nos quartos de estâncias e vacarias,; tratar dos novos serviços de encanamento que levavam água às casas, sem esquecer as tinas de água enchidas nos poços públicos da cidade; tratar da modernidade representada pelos bonds e pela luz elétrica sem perder de vista que boa parte da cidade ainda era cortada por carros de tração animal e pelas sombras produzidas pelas lamparinas de querosene. Procurou-se ao analisar o cotidiano vivido nas cidades pelos casais e pelas famílias investigadas, mostrar a convivência de costumes modernos com antigas e contínuas tradições e comportamentos, ou ainda, os símbolos de riqueza e prestígio firmando-se em contraponto à pobreza e à necessidade. (CANCELA, 2006 p. 23)

O que a autora nos mostra é a necessidade e a importância de se quebrar os discursos oficiais que apresentam apenas uma versão dos fatos, aqueles que enalteciam o progresso advindo do sistema econômico, que trouxeram para a Amazônia não somente a modernidade dos grandes centros urbanos, mas também uma pequena parcela da vida no exterior. A história requer as versões do que ocorre nas camadas populares, entendendo as mudanças estruturais na vida cotidiano da população local, que ao contrário da pequena elite gomífera, não terá acesso aos benefícios dessas transformações.

A borracha cria uma nova reestruturação social, de um lado a formação da elite composta pela família dos seringalistas, de outro uma força de trabalhadores necessária para a nova organização social. A elite, formada por pessoas de outras localidades e até mesmo de outro país, passa a exigir cidades que pudessem oferecer um estilo de vida com luxo e conforto, além de melhorar os serviços urbanos e de infra-estrutura, o que gera uma espécie de tentativa de se copiar o estilo de vida Europeu, a famosa Belle Époque.

Nos grandes centros, o poder público necessita planejar as cidades para que elas se tornassem atrativas a essa classe social, tornava-se comum a vinda de navios a vapor da Europa e Estados Unidos, que traziam tanto mercadorias diversas, quanto artigos de luxos, "as importações variavam de artigos comestíveis, como manteiga, biscoitos, chás e artigos mais luxuosos, como louças, tecidos, chapéus e vestidos, vindo de lojas com o bom gosto e refinamento dignos da capital francesa" (SOARES, 2008 p.45). Enquanto a elite se divertia com os jogos, nos cafés e teatros, crescia a classe trabalhadora formada por homens utilizados nas construções da nova paisagem urbana, como operários e serventes, e também trabalhadores que atuavam no ofício de sapateiros, alfaiates e diversas outras atividades. Grande parte dessa mão de obra era de origem nordestina e não usufruía da modernidade trazida pela borracha.

O fosso social que separava os habitantes de pequenas e grandes aglomerações se refletia na paisagem urbana. Cada aglomeração se dividia entre o "centro", que abrigava as casas comerciais, o porto e as melhores residências, e o resto, onde vivia em casas de madeira e palha a maior parte da população. (MACHADO, 1999 p.4)

Soares (2008) em sua tese discorre um capítulo inteiro sobre a forma de se morar na Belém da Belle Époque, demonstrado que o espaço ocupado pelas populações, mas especificamente as casas, apresentam mais do que uma organização estrutural, representam uma identidade, um modo de vida, uma assimilação da cultura da época. De um lado a forma burguesa de se morar, o sinônimo de modernidade, inclusive possuindo diversas nomenclaturas de acordo com o padrão e a utilização do imóvel, existiam as chácaras, os chalets, casas de veraneio e os palacetes, que chegavam a ser batizados com nomes do proprietário ou da família. Construídas em localização privilegiada, as casas possuíam muitos materiais e produtos importados, existia o desejo de se incorporar as tecnologias e os modos de morar europeus, como o cuidado com a higienização e arrumação dos ambientes.

Para a classe operária, não havia muitas opções de moradia, alguns trabalhadores optavam por viver nos fundos das casas dos patrões ou mesmo em seus porões, porém a maioria se instalava longe do centro, nas zonas periféricas pois

ali poderiam construir suas casas conforme seus recursos e ainda criar animais para poder complementar a sua alimentação. Por serem as casas consideradas um assunto de saúde pública, associada aos projetos de modernização da cidade, o Poder Público realizava vistoria nas residências para avaliar as condições de higiene e construção das mesmas, na tentativa de evitar essa fiscalização, por não ter condições financeiras de adequarem-se aos padrões exigidos, a classe mais pobre afastava-se cada vez mais para a periferia, morando em locais considerados atrasados, anti-higiênicos e degradantes.

A disparidade entre os modelos arquitetônicos de moradias, representa a divisão de classe existente, assim como também a má distribuição de renda gerada pela economia da borracha, uma classificação da população entre modernos e civilizados, contra os considerados atrasados. Valladares (2016 p.91) em suas análises sobre a Manaus de 1890 a 1920, época inicial do período econômico da borracha, afirma que a elite extrativista almejava impor “novos valores culturais e sociais com o propósito – entre muitos outros – de que os homens se tornassem educados e se tratassem com boas maneiras, ou seja, de que se civilizassem”.

Essa nova conjuntura social altera os padrões existentes, proibindo comportamentos e provocando o que o autor chama de “sentimento de vergonha” onde a exibição em público, como por exemplo, andar indecentemente vestido, era um ato de incivilidade. O novo padrão de conduta gera um autocontrole e uma série de dispositivos legais que regulavam a vida manauense, haviam proibições, multas e até prisões para aqueles que não cumprissem as novas regras de comportamento.

3.1.1 Itaituba no cenário da extração do Látex

No ano de 1912 o Ten. Cel. Raymundo Pereira Brasil³ escreve um memorial sobre o Rio Tapajós, no qual responde um questionário sobre as propriedades, a

³Maranhense, nascido na década de 1870, jovem veio para a Província do Pará, fixou-se no Município de Itaituba, tornou-se proprietário de muitos seringais na região do Tapajós, enriqueceu. Intendente municipal de boas obras; em Belém, tinha conceituada firma comercial e exponência social; alta visão administrativa, amou Tapajós e Pará. Foi o seringalista na Amazônia de mais senso sobre a economia da borracha, na sua época de opulência e imprevidência. Denunciou a catástrofe que arrastara a borracha e a região. Estudioso da economia da Amazônia, a debatia na imprensa, livros e conferências e como deputado estadual. Confirmou as pesquisas de eminentes naturalistas da existência de guaraná no Tapajós. Com a catastrófica queda da borracha, entregou-

área, número de estradas de seringueiras, população e outros dados referentes as cidades e comunidades localizadas ao longo do rio. Essa espécie de recenseamento ocorreu em virtude da Exposição Nacional de Borracha ocorrida no Rio de Janeiro em 1913.

Os nossos concidadãos sabem que não nos temos poupados esforços – e não nos pouparíamos mesmo sacrifícios – para cada vez mais alargar a propaganda do bellissimo rio, que é orgulho e riqueza não apenas do Município que temos a honra de administrar, mas do grande e próspero Estado do Pará. [...] Temos fé que este grandioso certâmen, em tão boa hora promovido com alevantado patriotismo pelo Governo Federal, será fecundo em resultados benéficos, em efficacia pratica á segunda grande indústria nacional, ameaçada de imminente ruina. (BRASIL, 1913 p. IV)

A primeira parte do memorial faz uma apresentação das espécies produtoras de borracha que existem na região, como ocorre o procedimento de extração e beneficiamento, assim como os utensílios utilizados na atividade. Posteriormente traz dados referentes as localidades ao longo do Tapajós. Iremos nos atentar somente a cidade de Itaituba.

Brasil (1913) afirma que o município apresentava população de 1500 almas de janeiro a abril e de maio a dezembro 900 almas, 80 casas de telha e outras edificações, em destaque o Palacete Municipal e a Igreja, considerada por ele talvez a melhor do interior Estado do Pará. Havia 3 escolas municipais e 2 do Estado, todas localizadas na sede e com frequência diária de um total de 80 alunos. Ao longo das 3 largas ruas arborizadas com mangueiras, 68 combustores de intensidade de 20 velas iluminavam as noites da cidade. As margens dos igarapés do Piracanam – propriedade de Francisco Sombra de Freitas - e Bom Jardim – propriedade de Anacleto José Ferreira -, moravam 160 pessoas, havia 180 estradas com 9.000 arvores que produziam 20.000 kilos de borracha.

Ao longo do livro, nos é apresentada também a quantidade de borracha produzida em Itaituba desde o ano de 1893 a 1912, onde verificamos um aumento contínuo ao longo do período, o que acaba por comprovar sua importância dentro desse processo econômico. Podemos perceber também que a partir de 1908 passa a

se ao seu programa de divulgação da Amazônia, transferindo-se ao sul do país, onde faleceu, com o pensamento e coração no Pará, seu amor. (<http://www.fcp.pa.gov.br/images/dli/gbpav/espacos/obrasraras/pdf/cov.pdf>)

existir uma estagnação na quantidade de produção do látex, o que certamente já é reflexo do declínio que essa economia passará a enfrentar nos próximos anos.

Tabela 01: Produção de Borracha em Itaituba

Ano	Quantidade (Kg)	Ano	Quantidade (Kg)
1893	253.361	1903	665.492
1894	372.540	1904	692.210
1895	428.063	1905	672.223
1896	447.137	1906	669.453
1897	447.137	1907	666.112
1897	454.630	1908	733.600
1898	451.341	1909	738.000
1899	538.429	1910	745.00
1900	515.142	1911	712.000
1901	555.165	1912	712.000
1902	578.003		

FONTE: Adaptado pela autora do livro O rio Tapajós na exposição nacional da borracha de 1913.

O *AlmanakLaemmert*⁴ publicado em 1913, apresenta de que forma Itaituba estava organizada em relação a Administração Municipal, os professores atuantes da época, entre outras profissões, destacando como Capitalista o TEN. CEL. Raymundo Pereira Brasil. Em relação a população já nos informa 5.000 habitantes, porém não podemos afirmar se essa soma era somente dos moradores de Itaituba ou envolvia as comunidades que estavam geograficamente ligadas ao município.

⁴O *AlmanakLaemmert*, foi publicado no Rio de Janeiro pelos irmãos Eduard e Heinrich Laemmert, fundadores da Livraria Universal e da Tipografia Laemmert. Lançaram diversos autores brasileiros e publicaram por décadas, de 1833 até 1930, o famoso almanaque, considerado atualmente como um instrumento indispensável de consulta para conhecimento do passado comercial, financeiro e social brasileiro do Século XIX e início do Século XX. O acervo do *AlmanakLaemmert* pertence à Coordenadoria de Publicações Seriadas e tem 46 edições com cerca de 55 mil imagens, com nominatas de oficiais da corte e ministérios, Guarda Nacional, nobreza titulada, suplementos com informações sobre legislação, dados do censo e propaganda comercial. (Ministério da Cultura. Disponível em www.cultura.gov.br).

Itaituba

Município pertencente à comarca de Santarém. Compreende os districtos da cidade de Itaituba, Barreiros, Guyana, Jamanchim, Urubutu, Bacabal, Sae Cinza, S. Miguel e Três Barras.

O clima d'esta região, ainda que um tanto desigual, é assaz benigno, no perímetro da cidade. Cultiva-se a mandioca, milho, feijão, fumo, canna de de assucar e cacau. Viação a fluvial é feita por embarcações a vela e a remo, para a comunicação com os rios interiores; de Bella Vista a Santarém e outros pontos intermediários, por cinco lanchas a vapor; de Bella Vista a Belem, capital do Estado, por um vapor de regular lotação, em duas viagens por mez. A viação terrestre é feita por muares e carros. Acha-se projectada uma estrada de ferro que partindo de Itaituba, vá terminar nas cachoeiras do alto Tapajós, no lugar denominado «Mangabala».

População: 5.000 habitantes com 219 eleitores.

Administração municipal:

Intendente e presidente do conselho: José Joaquim Lage, cor.

Vice-presidente: José dos Santos Sampaio, ten. cor.

Vereadores:

João Paulo Alves Baptista, maj.
Gualdino Maximiano de Souza, ten. cor.

Francisco Carvalho de Azevedo, maj.

José Alves de Lima, maj.
Raymundo Pinto de Campos, cap.

João Paulo Carneiro, cap.
Fernando Soares Monteiro.

Secretario: José Pedro da Silva Vianna.

Procurador-thesoureiro: Francisco Caetano Guimarães Corrêa.

Official: Silverio Augusto de Moraes.
Porteiro: Alfredo Soares Douro.

Guardas:

Severo Jincks de Oliveira.
Joaquim Gomes Pinheiro.

Trapicheiro: Domingos Luiz Vianna Maia.

Administrador do cemiterio: Miguel José Ligeiro.

Administração judiciaria:

1.º supplente do juiz federal: Domingos Luiz Vianna Maia, cap.

Ajudante do procurador da Republica: João Baptista Lages, ten. cor.

Juiz substituto estadual: Dr. Silvio Pellico Araujo Rego.

Adjunto do promotor: Samuel Afalo, cap.

Supplente do juiz substituto: Leopoldo Augusto de Moraes, ten. cor.

Francisco Pereira de Mesquita, maj.

Tabellião e escrivão: Raymundo Joaquim Virgolino, cap.

Carcereiro: Alfredo Soares Douro.

Official de justiça: Francisco Negrão da Rosa.

Administração policial:

Prefeito de segurança: Cyrillo Silvino Bello, ten. cor.

Sub-prefeito: Anacleto José Ferreira, cap.

Supplente: Francisco Sombra de Freitas.

Agente: Symphronio Lopes de Mello, ten.

Instrução publica:

Professores:

Samuel Afalo, cap.

D. Joanna Lages Mesquita.

D. Joanna Maia Neves.

Alfredo Anthero de Moreira Mendonça.

D. Othilia da Cunha Ferreira.

Collectorias:

Collector: Francisco Caetano Guimarães Corrêa, maj.

Escrivão: Raymundo Pinto de Campos, cap.

Correio:

Agente: Claudio Couto.

Religião:

Frei João Capistrano.

Commercio

R. P. Brasil.

R. P. Brasil & C.^a

Corrêa & Chaini.

Bentes & Irmão.

L. A. de Moraes.

Benalal, Gabison & C.^a

M. Bemerguy & C.^a

E. Souza & C.^a

Siqueira & Filhos.

Manoel Filippe da Costa.

Benalal, Benhamú & C.^a

Alves de Lima & C.^a

E. J. da Silva & Filhos.

João José Ferreira.

Kalil Assan.

Samuel J. Toledano.

Moysés Cohen.

José Lopes Gaspar.

The Diamantino Rubler Plantation Limited.

Laurindo de Oliveira Paiva.

F. M. Mendonça & C.^a

Anacleto José Ferreira.

D. Rachel Clarinda da Cruz.

Viuva Magdalena & C.^a

V. L. Gaspar & C.^a

Pedro de Paula Barros.

Carvalho de Azevedo & C.^a

J. F. de Carvalho & C.^a

José Calixto & C.^a

A. R. Lobato & C.^a

José Leite Brasil.

Antonio Martins de Oliveira.

Raymundo Pereira Brasil & C.^a

F. P. de Carvalho & C.^a

Francisco Cesar Burlamaqui.

Jacob Bensahid.

Pedro Gazaneo.

Jacob Barros.

Francisco Machado Freire.

D. Dalila Maia Lages.

R. P. Campos.

J. A. Barroso.

S. de Azevedo & C.^a

Geraldo Pantoja.

Antonio Farias de Souza.

D. Helena Bendion.

Noberto Gadelha.

Leopoldo Benedicto de Jesus.

Profissões

Advogados:

Dr. Oscar de Gouvêa Cunha Barreto.

Dr. Oswaldo Caheté Barreto de Andrade.

Dr. Turiano Luiz Moreira de Vasconcellos.

José Joaquim de Moraes Sarmento, ten. cor.

José Pedro da Silva Vianna, maj.

Agrimensor: Francisco Macedo Junior.

Barbeiros:

Bernardo de Almeida.

Miguel Ramos de Souza.

Carpinteiros:

Camillo José dos Santos.

Domingos Paulo da Silva.

Antonio Rodrigues Cirne.

Miguel José da Costa.

Zacarias Re's.

Calafates:

Manoel Maria da Costa.

Malaquias Augusto de Azevedo.

Pedreiros:

Balbino Manoel dos Santos.

Domingos Martiniano Pereira.

Severo Alves de Carvalho.

Severiano Paulo Pereira.

Pharmaceuticos:

Francisco Caetano Guimarães Corrêa.

Francisco Pereira de Mesquita.

Pintores:

David de Souza Ramos.

Miguel José Ligeiro.

Photographos:

Claudio Couto.

Miguel José Ligeiro.

Pedro Arruda.

Agricultores e lavradores

Januario Antonio Lisboa.

João José Galvão.

Thimotheo das Chagas.

Tributino Roberto Alves.

Criadores

D. Amelia Sussuarana.

Antonio Marinho de Nazareth.

D. Dalila Maia Lages.

Francisco Moreira de Mendonça.

Galdino Maximiano de Souza.

Raymundo Pinto de Campos.

Theodoro Vianna.

Virgilio Lopes Gaspar.

Capitalistas

Antonio Anselmo de Oliveira.

Francisco Caetano Guimarães Corrêa, maj.

Raymundo Pereira Brasil, ten. cor.

Macapá

Município e comarca do mesmo nome. Villa fundada em 1752 e elevada a cidade, por lei provincial 231, de 6 de Setembro de 1856. Compreende duas parochias: a de S. José de Macapá e a de Nossa Senhora da Conceição do Railique.

A sede do município de Macapá é também sede de uma comarca, com um unico districto judiciario, e uma guarnição militar do exercito federal, que tem por fim a guarda da fortaleza.

População: 9.000 habitantes com 915 eleitores (1905).

Pharol do porto:

Empregados:

Claudio Paulo de Araujo.

José Maria de Sant'Anna.

Forte de Macapá:

Commandante: Zacharias Gomes da Silva, 2.º sarg.

Administração municipal:

Intendente municipal: José Seraphim Gomes Coelho, ten. cor.

Vice-intendente: Joaquim Manoel de Jesus Picanço, maj.

Vogaes:

Matheus de Azevedo Coutinho, ten. cor.

Pedro de Siqueira Montorrozo, maj.

Para o autor a desvalorização da borracha está relacionado a lavoura, pois o Estado gastava muito com a importação do arroz, feijão, milho e açúcar e deveria ter dado continuidade ao processo de lavoura iniciado em 1884 faria com que o estado pudesse atender as suas próprias necessidades.

Em 1884 a nossa borracha vendia-se a 2\$400 e 2\$800 a fina [...] e não tínhamos crise. O commercio viveu; ninguém fallava em valorização da borracha. E porque o commercio não cogitava d'essa medida? – Não tinha d'ella necessidade. A valorização nos tínhamos na lavoura, de que dispúnhamos ainda que em pequena escala; mas a tendencia era para o aumento; e assim o nosso producto daria para satisfazer as nossas necessidades e formar peculio. Eu bem me lembro, apesar dos meus dez annos de idade n'aquellaephoca, que, em um dos mezes de 1884, a borracha elevou-se a 4\$600 o kilo! O commercio nadou em dinheiro; mas... veio o desequilíbrio orçamentário nas rendas geraes do commercio pela sede de lucro, e, logo, ella baixando paa o seu preço anterior, que era o estável, veio com a baixa, que era justificável, a desorganização do Comercio Paraense; e, d'ali, fallencias e tantos outros desastres, e com estes, alguns suicídios! (BRASIL, 1913 p. 43)

Aldir Viana (2010 s/p) comenta que a cidade de Itaituba chegou a representar o Estado do Pará, em um evento ocorrido em Londres, expondo produtos tropicais, dada a sua importância enquanto produtora de borracha e acrescenta que no início do século XX havia muita riqueza em Itaituba:

As roupas dos barões da borracha eram lavadas em Belém. A influência francesa era marcante, notadamente no modo das pessoas se vestirem. Roupas e adornos eram importados em Paris. Esterlinas eram encomendadas por seringueiros a seus patrões e chegavam normalmente como qualquer outra mercadoria. As casas eram assoalhadas de acapu e pau-amarelo; algumas com azulejos importados de Portugal; os móveis como consolo, eram cobertos com pedras de mármore de carrara. Nas reuniões sociais falava-se o francês.

Com o desequilíbrio orçamentário do comércio da Amazônia, o sentimento era de um verdadeiro desastre, pois surgia a concorrência da Inglaterra com a teoria do livre cambio em relação ao preço da borracha. O mercado estrangeiro na visão de Brasil (1913) estava matando a indústria nacional.

Outro fator destacado pelo autor é em relação a diminuição da produção da borracha do ano de 1886 até o período em que escreve o memorial. Houve um acréscimo de 60% na população do Pará, porém um decréscimo de 1.562.911 kilos de borracha, ocorrido – na opinião de Raymundo Pereira Brasil - em maior parte, devido aos estragos dos seringais e a maneira como aconteciam as relações de trabalho.

Brasil (1913) evidencia que o seringueiro acaba por golpear a árvore em excesso, para assim poder extrair o máximo possível de quilogramas de borracha, de certo que as despesas na Amazônia são altas, e o trabalhador almeja com seu trabalho poder satisfazer suas necessidades. Os cereais são vendidos no centro das cidades e possuem um preço alto e muitas vezes em mau estado de conservação, devido a maneira como são transportados. Assim, o melhor seria se o seringueiro dedicasse uma parte do seu dia para a lavoura, plantando a mandioca, arroz, feijão, milho, tabaco.

Outro fator relevante, se deve ao fato de que na Amazônia o período de chuvas é intenso entre os meses de Janeiro a Abril, ocasionando uma pausa na extração do látex, então nesse momento seria ideal que o seringueiro tivesse outras alternativas como a colheita da castanha, extração de diversos óleos e a própria plantação de alimentos.

O seringueiro que fizer isto, concorrerá para a sua segurança de futuro e de sua família, sahindo assim da escravidão que ainda existe na Amazônia [...] Devo, porém, dizer, sem medo algum que me contestem, que o commercio da Amazônia é o único culpado da crise da borracha [...] O progresso da Amazônia é todo nas capitais; o interior agoniza. (BRASIL, 1913 p.50-55)

Brasil (1913 p.81) finaliza sua obra com uma síntese do que havia sido sua plataforma de governo que acabou por colocá-lo no cargo de intendente municipal. Existia uma grande preocupação com a lavoura, por várias vezes mencionada ao longo do memorial, enquanto possibilidade de crescimento e prosperidade da cidade. Outro ponto em destaque refere-se à instrução do povo, para o autor esse seria o ato mais altruístico de um governante, existindo o desejo de se criar um "Asylo Municipal para a educação do proletariado, com escola pratica de agronomia ligada

ao estabelecimento congênere”. Entre as propostas estavam a criação de escolas nas regiões do interior, nas localidades mais afastadas; oferecer prêmios aos melhores estudantes; aplicar lições de civismo e pensionar alunos que se destaquem, mas não possuem meios de se educar, oferecendo uma espécie de bolsa de estudos.

A escrita do memorial, de fato, não era somente um levantamento das informações pertinentes sobre o município e a extração da borracha, mas também uma tentativa de realizar uma propaganda positiva da região, desmistificando a ideia de povo atrasado com grandes perspectivas de ser um poderoso centro comercial brasileiro. Porém, a crise da borracha realmente ocorre, a principal fonte de renda da população – látex – deixa de ser comercializada em abundância e a população e seus governantes passam a pensar em outras alternativas de movimentar a economia local. Algum tempo depois, surgia uma nova proposta de comercialização da produção de borracha amazônica.

Por um tempo a borracha brasileira dominou o mercado, havia uma total ausência de competição, porém a estrutura dessa economia baseava-se na extração direto da floresta e enfrentava dificuldades pela escassez na mão de obra. (HAAG, 2009).

O grande declínio da exportação da borracha brasileira entre 1911-1914 está relacionado ao crescimento dos seringais asiáticos. Este episódio é bastante polêmico e diz respeito as sementes que, segundo alguns autores teriam sido “contrabandeadas”, em 1876, por Henry Wickham, um inglês, que as remeteu para o Jardim Botânico de Kew, na Inglaterra, de onde foram transplantadas para o Ceilão e distribuídas para os plantadores asiáticos. (LOURENÇO, 1999 p. 23)



Ilustração 05: Henry Wickham ao lado de uma seringueira do Sri Lanka em 1905
Fonte: <https://sanguesuoreseringais.wordpress.com/tag/fordlandia/page/3/>

Hagg (2009) também discorre sobre o episódio e esclarece que a Ásia era dominada pelos ingleses e oferecia, ao contrário do Brasil, mão de obra abundante e barata, o que favorecia naquele momento, condições ideais para se criar plantations de baixo custo. Situação essa, somada a outros fatores – como as diferenças culturais, sociais e de trabalho, fracasso na tentativa de plantio de seringueiras -, ocasionará um abandono e decadência das oligarquias da borracha na Amazônia.

Após o declínio da borracha, homens ficaram sem empregos, sem dinheiro e quase nenhuma possibilidade de voltar para a cidade natal, permanecendo no meio da floresta à mercê da ausência de políticas públicas. Itaituba nesse cenário ofereceu inicialmente mão de obra utilizada no processo de extração da borracha, e posteriormente serviu de refúgio para muitos desempregados, sem que ali houvesse qualquer estrutura capaz de suprir as necessidades de moradia, emprego, saúde, educação, enfim nenhuma política existente para assegurar qualidade de vida a esses trabalhadores.

3.2 Mudanças e (des)estruturação social: a economia aurífera em Itaituba

Eu sou garimpeiro tenho dinheiro e sou ganhão
 Lá no meu barraco eu tenho tudo, até meu coração
 Sou um rapaz decente de boa gente, vocês podem crer
 Eu fiquei gamado naquele dia em que vi você
 Você é muito linda meu bem, vou lhe conquistar
 Vou lhe dar uma pepita meu bem, você vai gostar
 Eu preciso tanto deixar de sofrer, tenho condição, frete avião pra levar você.
 Amilton Ramos – Músico conhecido como O Rei do Garimpeiros

O presente tópico traz como discussão a complexidade das estruturas sócias, econômicas e culturais construídas ao longo da economia extrativista mineral. Enfatiza o processo de trabalho e seus atores, seguido da importância da mulher na garimpagem, sendo este voltado ao trabalho de cozinheiras e prostitutas. Por outro lado, apresenta parte do imaginário popular responsável pela criação do mito do Eldorado e de que forma ele foi incorporado ao fazer humano, despertando fluxos migratórios, que sem dúvida, desencadearam um novo modo de vida e trabalho.

3.2.1 O Eldorado Tapajônico

Em muitos momentos já ouvimos sobre a lenda do Eldorado, que conta sobre uma cidade inteira construída de ouro, localizada no meio da selva Amazônica. Várias versões, desde a época das grandes navegações, fascina aventureiros em busca de riquezas em terras misteriosas. De certo, nenhuma cidade maciça de ouro foi encontrada, porém a lenda acabou ganhando conotações diferenciadas ao longo do tempo, a procura pelo ouro e pelo enriquecimento fácil, só aumentou conforme a sociedade foi se modernizando.

Será justamente a corrida aurífera que irá trazer novas e profundas modificações no cenário de Itaituba, não somente transformando a economia local, mas reestruturando todas as relações conjunturais. Mesmo não sendo uma cidade com paredes construídas de ouro, simbolicamente representou o Eldorado na vida de muitos aventureiros, ora com o advento da geração de grandes fortunas, para uma pequena parte da população, ora como utopia para a grande maioria.

A procura de felicidade e de novas perspectivas de vida, gaúchos, catarinenses, paranaenses, mineiros, goianos, paulistas, cariocas e nordestinos abandonaram suas terras de origem e saíram a procura de novas fronteiras onde pudessem encontrar o que lhe estavam faltando. [...] o resultado como se pode notar foi a violência, a prostituição, que não fazia parte do cotidiano dos habitantes "filhos de Itaituba". (MOREIRA, 2003 p. 18)

Whitaker, Bieri, Machado (2014) nos alertam para a falsa ideia de desenvolvimento criada na cidade, pelo fato do comércio ser movimentado, toneladas de ouro sendo extraídas, o aeroporto chegando a ser o mais movimentado do mundo em quantidade de pousos e decolagens, trazendo aventureiros e especuladores de toda parte do país, onde desenvolver, significava acumular bens e ter capital para ser investido em outras regiões. Porém,

O que se viu foi uma desorganização social promovida pela má distribuição de renda, pelo aparecimento de conflitos de terra, prostituição, inclusive infantil, tráfico de mulheres, desagregação familiar, estímulo à violência urbana, desrespeito à cidadania e a não organização de políticas públicas voltadas à educação e à saúde com programas e projetos de infraestrutura, enfim, qualidade de vida, trabalho e renda para a maioria da população.

Sentimos a necessidade, nesse momento, de abrir um parêntese para uma breve reflexão sobre aquilo que acreditamos ser desenvolvimento. Primeiro entendemos que ele não pode ser somente econômico, político ou social, visto de forma fragmentada, dissociada, setORIZADA. Ao contrário, as estruturas devem sofrer contínuas e profundas modificações de maneira mútua. Assim, não acreditamos que o fato da existência da circulação de milhões em dinheiro, ou quilos de ouro pela cidade de Itaituba, tenha de fato proporcionado um verdadeiro desenvolvimento. O que ocorreu foi um crescimento econômico, um aumento na circulação da renda local sem que, no entanto, fossem verificadas melhorias no que se refere as questões sociais ou mesmo políticas.

O acúmulo de riquezas, por vezes confundindo com desenvolvimento, certamente relaciona-se ao próprio sistema capitalista que visa a obtenção do capital, o acaba por gerar na população uma falsa ideia de melhoria de vida, um imaginário em torno do ouro, visto enquanto possibilidade de mudança qualitativa. Ainda hoje em Itaituba o discurso propagado é o de que a economia do ouro trouxe

o progresso, a modernidade, sem levar em consideração todos os outros fatores envolvidos no processo.

3.2.2 A história “banhada” a ouro

Santos (2010 p.25) nos informa que no final dos anos de 1950 descobriu-se a reserva aurífera no Tapajós, sendo explorados pela primeira vez pelos irmãos Nilçon e Edson Pinheiro, que acabaram por estabelecer moradia as margens do Igarapé de nome Cuiú-Cuiú, que mais tarde seria também o nome do garimpo ali criado. Nesse primeiro momento, as mercadorias utilizadas no garimpo eram compradas em Santarém-Pa, “Itaituba nada lucrava, muitas vezes os jornais chegaram a publicar “Garimpos de Santarém”, quando na realidade os garimpos eram de Itaituba.

Itaituba, por sua vez, confirmando a previsão de Nilson Pinheiro, já tinha se transformado na Capital do *Eldorado Maldito*, infestada de aventureiros, prostitutas e pistoleiros, autêntico faroeste amazônica. E a estimativa era de que cerca de 200 mil garimpeiros, alguns com seus familiares, encontravam-se espalhados naquela região sem-fim. Em barcos a motor ou de teco-teco, não parava o fluxo de homens mal encarados subindo o Tapajós. Numa ação rotineira a polícia de Santarém anotou em apenas um mês nomes de 5.600 garimpeiros, a maior parte oriunda de estados nordestinos. Com a febre do ouro estampadas em sua face, eles continuavam chegando em bando. (PINTO, 2004 p. 82)

A citação acima foi retirada do livro *Memórias de um Repórter*, que retrata a saga de Fernando Pinto no final da década de 1960 na região do Tapajós. O repórter foi recebido em Itaituba pelo prefeito local Teófilo Olegário Furtado, enfermeiro de profissão, que gostava de ser chamado de Doutor, para o repórter vaidade esta que se justificava no fato de que era ele o único a entender de saúde na localidade. O Prefeito apresenta a cidade que naquela época era considerada o maior município do mundo em tamanho territorial, mas que possuía apenas pouco mais de mil habitantes. Ao descrever o local, Fernando Pinto afirma ser “um monte de barracos enfileirados na única rua ornamentada por frondosas mangueiras” (PINTO, 2004

p.76), comenta sobre a praia de areia branca e águas azuis e sobre a fonte termal que lançava uma água sulfurosa.

O objetivo da viagem era justamente retratar a história da garimpagem que havia começado na região tapajônica, na oportunidade pode conversar com o próprio Nilçon Pinheiro que fazia questão de enaltecer o fato de ter descoberto o ouro no Alto Tapajós. Durante o encontro, com a boca cheias de dentes de ouro, o garimpeiro fala ao jornalista “Pode escrever aí que Itaituba vai se tornar a capital deste Eldorado Maldito”, Fernando então pergunta porque maldito? Nilçon responde: “Porque o ouro vai endoidar e também vai matar muita gente”.

A busca pelo ouro se tornará ainda mais atrativa a partir do momento em que o Governo Federal lança os projetos desenvolvimentistas para a Amazônia, apresentando ao mundo essa região. O acesso à Itaituba passará por mudanças a partir da construção das Rodovias na década de 1970, como já verificamos o PIN acaba por atrair para a região muitos migrantes e dando abertura e incentivando novos projetos, surgem além das linhas de ônibus intermunicipais e interestaduais, as linhas aéreas realizadas principalmente pelos monomotores.

Mesmo com a tentativa de integralização, Costa (2008 p.15) nos lembra mais uma vez das dificuldades enfrentadas pelos migrantes vindos para a região em virtude da criação dos assentamentos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

As dificuldades enfrentadas pelos recém-chegados eram imensas, como falta de apoio à saúde, a educação, o isolamento total em épocas de chuvas, pelas péssimas condições em que ficou a rodovia Transamazônica e a Cuiabá-Santarém, a falta de apoio técnico à agricultura, dentre outros, fazendo com que muitos colonos abandonassem suas terras e migrassem para as regiões de garimpo recém-descobertos na região. Muitos agricultores assentados pelo INCRA no início dos anos 70, passaram a ser garimpeiros, na década seguinte.

O autor ainda destaca que durante o período de 1960 a população de Itaituba não passava de 8.500 pessoas, porém com a descoberta de novas jazidas a cada dia, no final de 1980 Itaituba já possuía um contingente de 170 mil pessoas, a maioria vinda dos estados nordestinos. Segundos dados do Censo Demográfico do

Estado do Pará, a população em 1960 era de 13.589, o que demonstra uma pequena diferença pelas informações apresentadas por Costa (2008).

CENSO DEMOGRÁFICO: ESTADO DO PARÁ

21 CÔR POR SEXO, SEGUNDO AS ZONAS FISIAGRÁFICAS E OS MUNICÍPIOS

ZONAS FISIAGRÁFICAS E MUNICÍPIOS	TOTALS		BRANCOS		PRÉTOS		AMARELOS		PARDOS		SEN DECLARAÇÃO	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
ZONA DO TAPAJÓS	7 230	6 359	854	774	512	419	10	4	5 045	5 197	9	5
Itaituba	7 230	6 359	854	774	512	419	10	4	5 045	5 197	9	5

Ilustração 06: Dados do Censo 1960

FONTE: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=768>

O próprio Governo do Estado na década de 1970 afirma que o conhecimento e os inventários sobre a realidade tanto social quanto administrativas dos municípios, apresentavam-se de forma insuficientes, que eram necessárias maiores informações, para que assim se adequassem as ações governamentais. Então, a Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN), juntamente com o Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (IDESP), elaboraram através de financiamento da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), uma pesquisa sobre o perfil dos municípios paraenses. Em relação a demografia, o relatório apresenta os seguintes dados:

- 1950 – 10.862 Pessoas.
- 1960 – 8.339 Pessoas.
- 1970 – 12.690 Pessoas.
- 1975 – 15.656 Pessoas.

Acredita-se que a queda da população entre 50 e 60 deveu-se ao fato de que em 1961 parte do território de Itaituba tenha sido politicamente desvinculado para a criação do município de Aveiro. Sobre o crescimento, o relatório afirma:

O recente crescimento populacional de Itaituba é decorrente sobretudo da imigração, dirigida e espontânea, ocasionada por uma série de benefícios infra-estruturais, como por exemplo, a construção

de rodovias, ligando a área a outros centros sócio-econômicos, e da implantação de projetos (de colonização, agropecuários e extrativos), que vem dinamizando a sócio-economia do município, convertendo-o assim num dos mais importantes centros de atração populacional da região. (IDESP, 1977 p.59-60)

A cidade, a partir de 1970, passa a ser conhecida como a terra prometida e todos os dias chegavam pessoas em busca do enriquecimento “fácil e rápido”, pelo menos essa era a propaganda divulgada através de outras regiões do país. Porém, a projeção populacional realizada pelo Instituto, acabou por não apresentar a realidade ocorrida na localidade, o fluxo migratório foi muito mais intenso do que o esperado, assim as projeções de melhoria dos serviços básicos e de infraestrutura não conseguiram acompanhar as mudanças ocorridas.

Tabela 02: População projetada

Anos	População projetada
1975	15.656
1980	19.315
1985	23.829
1990	30.659
1995	37.824
2000	46.664

FONTE: Elaborado pela autora a partir de dados do IDESP, 1977

Atrelado a isso, temos os problemas enfrentados no processo de ocupação através das rodovias e também o desconhecimento sobre a vida em um garimpo, o aumento da violência, os altos índices de malária, a falta de serviços básicos como educação e saúde. Esses questionamentos passaram a fazer parte das discussões e relatos tempos depois, quando a produção do conhecimento sobre a história local passou a envolver uma visão mais crítica dos fatos, desvendando as mazelas existentes por trás dos grandes empreendimentos e economias ali instauradas.

A maioria dos maranhenses vieram de ônibus com suas famílias e em Itaituba, deixavam mulher e filhos e iam para os garimpos do Tapajós. Suas famílias chegavam a passar meses sem receber notícias do garimpo e ficavam sem conseguir o alimento. Muitos pais

de família não voltavam do garimpo. Quase todos sumiam misteriosamente. Alguns eram mortos à balas e outros sumiam sem que fossem dadas notícias a seus familiares. (SANTOS, 2010, p.25)

Verifica-se também que nesse período existia apenas uma farmácia em Itaituba e que no ápice da mineração passam a funcionar umas duzentas farmácias. Táxi não existia, e entre os anos de 1975 e 1988 passam a circular nas ruas de Itaituba cerca de 150 táxis. O sistema de saúde representado pelo SESP, na década de 1970, com o auge da mineração não vai mais conseguir atender a toda a população por causa do grande surto de malária e outras doenças advindas com o processo de mineração. Além desses fatores, ainda apontam-se os acidentados e os feridos em conflitos gerados pelo alto índice de violência iniciado a partir do boom da mineração. (MOREIRA, 2003 p.26)

O diagnóstico elaborado em 1977 compreende também uma série de outros fatores, onde gostaríamos de evidenciar a ausência de dados oficiais e estatísticos no que se refere ao abastecimento de água. As informações levantadas pelo relatório foram fornecidas pelo supervisor da Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA).

O sistema de abastecimento foi projetado e construído em 1970 e começou a funcionar em 71, com previsão de abastecer uma população de 7000 habitantes, porém em 1975 apenas 1070 domicílios possuíam o serviço de distribuição da água captada diretamente do rio Tapajós, não sendo submetida a nenhum tipo de tratamento. Realizou-se uma estimativa de abastecimento de água equiparado ao aumento populacional, porém acabou por não apresentar a realidade, como vimos na primeira sessão desta dissertação, o último censo realizado em 2010, nos apresenta o dado de apenas 502 domicílios com rede geral de abastecimento.

A caracterização urbana foi realizada a partir de dados fornecidos pela Prefeitura Municipal, que afirmou não possuir muitas informações sistematizadas, havendo assim a necessidade da utilização da observação. A estrutura ainda conservava características do período da sua formação, onde apenas quatro travessas possuíam pavimentação. A diversificação dos tipos habitacionais, estão relacionadas ao local onde essas construções estão e ao poder aquisitivo de seus proprietários. Na orla da cidade, por onde se iniciou a ocupação territorial, estão as edificações de pedra e cal, no centro comercial casas de alvenaria e madeira e nas zonas periféricas e nas margens do rio as casas são mais rudimentares, feitas de taipa e cobertas de palha de babaçu.

No que se refere a rede de esgoto, a pesquisa afirma a inexistência do mesmo, sendo que a “disposição dos dejetos é feita através de soluções individuais com a utilização de fossas negras e sépticas” (IDESP, 1977 p.17). Quarenta anos depois, não podemos afirmar uma melhora nessa particularidade, a cidade ainda não possui um sistema que possa ser considerado significativo de análise, o rio Tapajós continua sendo o destino dos dejetos residenciais.

Antes da corrida aurífera, a cidade apresentava-se estruturada conforme as ilustrações a seguir:

<u>Convencões</u>	
1 -	COLÉGIO
2 -	DELEGACIA DE POLÍCIA
3 -	E.B.C.T.
4 -	S.M.E.R.
5 -	ESCOLA
6 -	GRUPO ESCOLAR
7 -	IGREJA
8 -	MERCADO-COLETORIA-ESTADUAL
9 -	PREFEITURA
10 -	POSTO MÉDICO
11 -	SALÃO PAROQUIAL
12 -	USINA DE LUZ
13 -	USINA DE BENEFICIAMENTO DE ARROZ
14 -	OFÍCIO DE NOTAS-FORO
15 -	TORREFACÃO DE CAFÉ
16 -	CEMITÉRIO
17 -	PRAÇA
18 -	FONTE DE ÁGUA SULFUROSA
	RUAS PAVIMENTADAS (CONCRETO)
-----	LIMITE DE AGLOMERAÇÃO

Ilustração 07: Legenda do Mapa
FONTE: IDESP, 1977

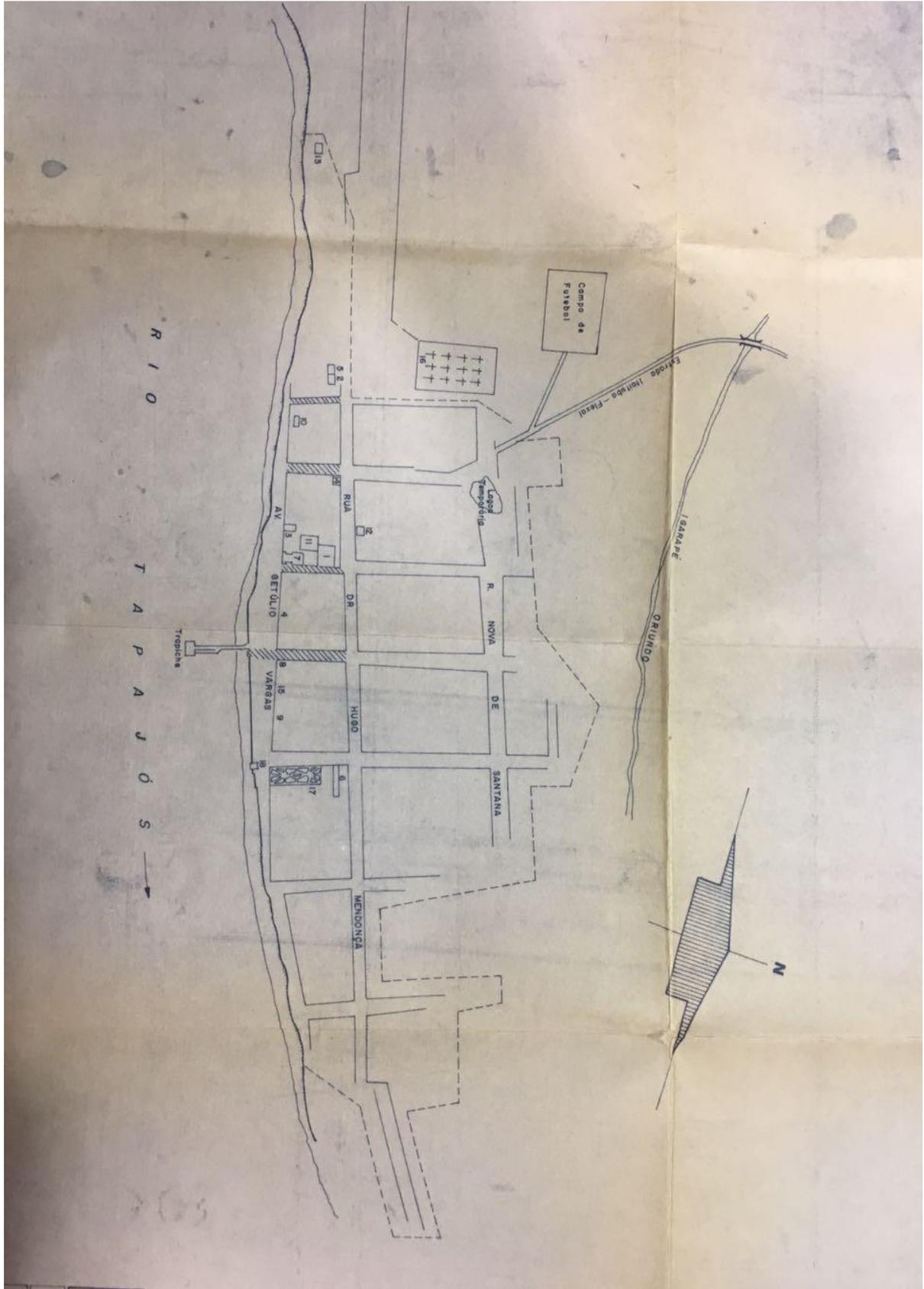


Ilustração 08: Cidade de Itaituba em 1970

FONTE: IDESP, 1977

A forte migração não esperada, acabou por ocasionar um crescimento urbano desorganizado, a falta de planejamento e de ações de políticas públicas, acabaram por ocasionar problemas não somente em relação a falta de saneamento ou distribuição de água e energia elétrica. Surgia uma nova divisão de classes, de um lado os donos de garimpos, dos meios de produção e do comércio abastecedor das áreas garimpeiras, de outro o trabalhador, que vendia sua força de trabalho para o enriquecimento do patrão. A maneira como esses grupos sociais passam a se estruturar, está diretamente relacionada a forma com a economia predominantemente existente na época.

Inicialmente a extração mineral era realizada de forma rudimentar, procedimento conhecido tradicionalmente como bateia, porém, considerado antieconômico em virtude da baixa produtividade. Com o passar do tempo, o processo feito de maneira manual, sofre “a inserção de novas tecnologias com a utilização do par de máquinas, equipamento composto por Motor-bomba para sucção e motor-bomba para bico-jato de água para desmonte”, além da utilização do mercúrio no processo de concentração e apuração de ouro. (CAVALCANTE, 2013 s/p).

Precisamos entender que, o migrante aventureiro ao chegar em Itaituba, possuído pelo desejo de fugir de uma condição de miserabilidade em sua terra natal, buscando melhorar de vida, chegava apenas com sonhos e quase nenhum conhecimento. Quando se instalavam na cidade, procuravam as agências transportadoras, onde havia um gerente geral que organizava a força de trabalho que seria mandado para o garimpo, assim como as atividades a serem realizadas. (CAVALCANTE, 2013 s/p). Muitos garimpeiros partem solitariamente para as regiões onde acontece a extração do ouro, deixando em Itaituba mulheres e filhos.

O início da extração de forma mais rudimentar marca a chegada do capital com sua força deletéria, que passará a se aprofundar a partir da transição para o trabalho com maquinários, onde esse capital passa a absorver o trabalho humano afetando a sociedade como um todo.

Na área garimpeira a violência cresce na mesma proporção da exploração aurífera, a ausência de segurança, escolas, hospitais, cedem lugar ao analfabetismo, proliferação de doenças, prostituição, alto índice de mortes não somente na área de

garimpo, mas na zona urbana também, pois a estruturação social formada a partir das relações nesse processo extrativista, influenciam a maneira de viver de toda a população. Moreira (2003) afirma que muitos conflitos gerados, seja com prostitutas, com donos de boates ou entre os próprios garimpeiros, acabavam sendo resolvidos em Itaituba, a exemplo, foi necessário a construção de mais um cemitério em virtude da quantidade de mortes ocorridas todos os dias na cidade.

Nesse cenário queremos ainda ressaltar três apontamentos que consideramos necessários para a compreensão das relações que passam a existir nesse contexto, primeiro diz respeito a própria divisão do trabalho, segundo sobre o isolamento territorial dos garimpos e a importância das chamadas Cantinas, por fim o papel da mulher nesse processo, que vai desde assumir todas as responsabilidades familiares, de cozinheiras nos garimpos ao trabalho de prostituição.

3.2.3 Divisão de trabalho no garimpo

Até 1978 predominava o trabalho individual com instrumentos rudimentares, máquinas simples e portáteis, utilizando pás e picaretas. Após esse período passou a existir a mecanização do serviço, surgindo inclusive as dragas, porém a ausência do poder público, a falta de orientação e assistência contribuiu para a utilização de técnicas predatórias à produção mineral e ao meio ambiente. (RODRIGUES et al, 1994).

A intensificação e a própria mudança do trabalho executado, passa a criar uma hierarquização nas relações e na forma de administrar o negócio, descritos por Cavalcante (2013):

1 – Dono do garimpo: É definido como comprador do ouro, possuidor da terra, máquinas, mercadorias e mão-de-obra, o dono reproduz as instituições oficiais, com poder de polícia e de justiça, a forma de representação comercial e centralizadora. Tudo passa pelo dono do garimpo.

2 – Gerente: O gerente é o representante do dono do garimpo dentro do barranco, é o responsável pela supervisão das atividades e o controle de gerencial da produção.

3 – Vendedor: É o responsável pela cantina, e é remunerado pelo dono do garimpo, é tem a responsabilidade de manter abastecido de óleo todos os barrancos e alimentação dos trabalhadores.

4 – Fiscais: Correspondem àqueles trabalhadores cuja função é percorrer os baixões, barracos e barrancos vistoriando as etapas de produção e o comportamento dos trabalhadores em relação ao cumprimento das normas estabelecidos pela empresa.

5 – Tropeiro: É o trabalhador responsável pelo abastecimento de óleo no barrancos e transportar e distribuir nos locais de serviços.

6 – Mecânico: É o agente contratado pela empresa responsável para sanar qualquer problema com as máquinas.

7 – Cozinheira: É contratada pela empresa para assumir a responsabilidade de afazeres ligados ao preparo de refeições, limpeza em geral, e a lavagem das roupas dos funcionários da cantina.

8 – Piloto: É contratado para prestar serviços de tipo de apoio, e fazer o transporte do pessoal, mercadorias, peças de reposições e combustível da cidade para o garimpo.

9 – Peões: assim chamados, os trabalhadores braçais, nas funções de jateiro, maraqueiro, raizeiro ou catador de raiz, os menos remunerados.

As relações de trabalho na garimpagem não se diferem das demais existentes dentro do sistema capitalista de produção, uma vez que existe claramente a divisão das tarefas, o capitalista que é o dono da terra e dos meios utilizados para a manutenção do sistema e o trabalhador que vende e deixa explorar a sua mão de obra.

O capital se anuncia desde o princípio como uma época de produção social. O que caracteriza a época capitalista é, portanto, o fato de a força de trabalho adquirir para o próprio trabalhador a forma de uma mercadoria que lhe pertence, e seu trabalho, por conseguinte, a forma de trabalho assalariado. Por outro lado, é só a partir desse momento que a forma mercadoria dos produtos se torna a forma social dominante. (MARX, 2004 p.121)

Independente da forma de recebimento, diarista, porcentista ou meia-praça⁵ (CAVALCANTE, 2013), o lucro do dono do garimpo sempre será superior a força empregada por seu trabalhador. No caso do trabalho no garimpo, o trabalhador ainda enfrenta o problema do isolamento regional, como as áreas de extração ficam

⁵ Inicialmente o salário mensal dos trabalhadores se fixava na faixa de 50 gramas por mês, que correspondia a 25 % da produção individual mensal de 200 gramas por trabalhador. No início dos anos 70 observa-se uma mudança no regime de trabalho. O salário, cujo valor em dinheiro somente dependia do preço do ouro e não da produtividade, cede lugar a um sistema de participação, criando uma forma de remuneração onde o ganho se dissocia do tempo de trabalho, associando-se ao valor do bem mineral (componente mercado mundial) e à produtividade da jazida (componente natureza). Este sistema ficou conhecido como meia-praça, que garantia ao trabalhador, em geral, a metade da produção com os custos sendo arcados pelo dono do serviço. (MATHIS, 1995 p.9)

afastadas dos centros urbanos e comerciais, aquilo que é comercializado depende também do dono do negócio, ele acaba por possuir todos os mecanismos de controle e manutenção do seu sistema.

A relação entre o trabalhador e o dono dos meios, cria uma certa ilusão que mascara as contradições existentes entre o capital e o trabalho, “evita que o trabalhador se defina como parte de um coletivo, sustenta a possibilidade de ascensão social” (MATHIS, 1995 p.10). Quando o garimpeiro recebe por porcentagem, ele oferece a sua mão de obra e o dono das máquinas entra com os meios de produção, a responsabilidade pelos custos da extração do ouro e da alimentação. No final do serviço dividem os lucros em porcentagens previamente combinadas – a exemplo 70% para o dono das máquinas e 30% para o trabalhador. De certa forma, o garimpeiro se vê no mesmo nível que o dono do meio de produção, existindo um sentimento de igualdade que é reforçado pela esperança de encontrar uma jazida rica e vir a se tornar um dia dono de máquinas.

Não podemos deixar de ressaltar que o trabalho era executado de maneira subumana, chegava-se a exercer a atividade por 12 horas diárias, de segunda a sábado, tendo um descanso de 1 hora para o almoço. Os contratos eram feitos verbalmente e sem nenhum amparo legal. Quando adoeciam precisavam se dirigir a cidade de Itaituba sem nenhum apoio do patrão, sendo substituído na medida em que não servia mais aos interesses do capitalista. Mathis (1995 p.11) esclarece que

Os acidentes de trabalho mais comuns nos garimpos são: soterramento em consequência de queda de barrancos ou de queda das galerias na lavra subterrânea, doenças de pele devido ao trabalho na água, corte nas mãos e nos pés, picadas de escorpiões e cobras, problemas de audição por causa do barulho das máquinas, doenças respiratórias, e de coluna. Sem assistência médica e privado da responsabilidade do dono da máquina, um acidente de trabalho quase sempre significa que o trabalhador, dentro do garimpo, fica responsável pelos custos do tratamento e pela perda do ganho dos dias parados.

Dentro dos garimpos, a ausência de postos de saúde dificulta o tratamento tanto dos acidentes, quanto das doenças contraídas em virtude das más condições em que vivem. São muito comuns os casos hepatite, doença de chagas, mas

principalmente de malária. A falta de água tratada, esgoto, moradias dignas, reforçam esse cenário que ao se prolongar, chega a causar muitas mortes.

3.2.4 As Cantinas

Conforme mencionamos, no garimpo existia a problemática do isolamento territorial. Em matéria exibida pelo Globo Repórter, pela Rede Globo de televisão, na década de 1980, foi retratada a vida dos pilotos de garimpos. Segundo a reportagem, eram mais de 300 homens que com seus aviões tornavam possível a atividade econômica no Tapajós, sendo Itaituba a base desses aviadores.

O aeroporto de Itaituba se tornou o mais movimentado do mundo em pousos e decolagens de monomotores, com fluxo superior a 200 aviões diários chegando e partindo para os 70 garimpos localizados na região, que devido a carência de estradas, via nesse meio de transporte sua única opção de ligação com mundo. Transportando, desde pessoas, equipamentos, alimentação e aproximadamente 15 toneladas de ouro por ano. Como os aviões monomotores eram pequenos, conseguiam carregar apenas 500 kg, com isso, tudo que era levado ao garimpo deveria ser pesado em uma balança – inclusive as pessoas – e os valores de transportes cobrados de acordo com o peso, cerca de 1500 cruzeiros por quilo. O vídeo mostra o momento em que está sendo pesado todo o material em uma agencia no centro de Itaituba, para ser levado ao aeroporto e despachado ao garimpo. (Documentário: Como era a aviação de garimpo na década de 80?)



Ilustração 09: Foto histórica que representa a movimentação do aeroporto de Itaituba nos anos 1980
FONTE: Tarauaca notícias

O isolamento associado ao alto preço do transporte, faz com que o custo de vida no garimpo se torne altíssimo, Santos (2010 p.28) exemplifica os preços cobrados pela alimentação e bebidas nas cantinas.

O custo de vida é o mais alto possível, pois uma garrafa de cachaça era de cem a mil cruzeiros, e uma de cerveja custavam de oitenta a seiscentos cruzeiros. A carne, somente é vendida salgada e saía ao preço de duzentos a quinhentos cruzeiros o quilo, também o pescado é vendido muito caro, apesar de ser o alimento mais fácil de ser adquirido na região. [...] A base da alimentação dos garimpeiros é o feijão com jabá e, como segunda opção, o alimento enlatado, que também custavam um absurdo. Assim pode-se ter uma ideia de como viver no garimpo não passava de uma aventura.

Moreira (2003) afirma que as Cantinas eram o centro de poder dos garimpos, um entreposto comercial onde comprava-se alimentação, instrumentos de trabalho, medicamentos, combustível para os equipamentos e local onde localizavam-se os rádios de comunicação com a cidade. Nas cantinas era possível também obter assistência sexual.

3.2.5 Itaituba cidade Pepita

Os garimpos, as praias a fonte
E as estradas que ligam lonjuras
Num poema ninguém há quem conte
Toda história das tuas formosuras.
Itaituba, ó cidade pepita.
Soberana do rio tapajós
Cada dia tu és mais bonita
Pondo orgulho e esperança em nós.
Que o progresso, porém não destrua
Teus valores que tem tradição
Quando os prédios encobrem a lua
Cresce um povo mais sem coração.
(Emir Bemerguy)

O ouro, e toda a sua importância histórica está presente no cotidiano de cada morador, na construção dos bairros, na formação do comércio, nas relações afetivas que ainda hoje sofrem influências de um período onde a figura do feminino quando não estava trabalhando em uma boate se submetendo a agressões físicas e morais, estava realizando tarefas domésticas. Ouvimos ainda hoje, e vemos, as

consequências das rupturas familiares. Por vezes mulheres e crianças ficavam na cidade enquanto o marido buscava o sustento na extração aurífera, quando ele não voltava, arrumava outra família no garimpo ou sumia sem que ouvissem mais falar. Pior era quando pais e mães partiam, deixando as crianças com parentes, vizinhos, amigos, na busca pelo ouro e mandavam todo mês uma quantia em dinheiro para a cidade, que deveria cobrir as despesas.

A sua importância é tamanha que as primeiras palavras do Hino da cidade são justamente “Os garimpos”, visto enquanto maior riqueza já possuída na região, aquilo que trouxe o progresso e transformou a esquecida localidade na conhecida “cidade pepita”. Acreditamos que tudo é realmente uma questão de interpretação, de leitura que se faz da vida diante das estruturas formadas ao longo dela.

Precisamos esclarecer que não estamos nos opondo ao dito progresso, ao crescimento econômico local, a vinda de migrantes trazendo seus costumes e tradições enriquecendo a cultura, porém não podemos concordar com o pensamento propagado em meio popular, de que o ouro trouxe o desenvolvimento local. Precisamos sim ainda discutir sobre as mazelas deixadas e produzidas ainda hoje por esse sistema capitalista, as desigualdades criadas, onde algumas famílias enriqueceram, compraram terras e se tornaram grandes empresários com investimentos fora da cidade inclusive, enquanto grande parte da população ainda vive abaixo da linha da miserabilidade. As contradições existentes em Itaituba são “gritantes”, bairros formados por uma população em extrema pobreza, morando em palafitas, sem assistência pública adequada, áreas de invasão em várias partes da cidade, grande índice de desemprego, entre tantos outros problemas que foram mencionados. Vale ressaltar que, a descoberta de riquezas naturais pode ser benéfica quando um país ou região tem soberania e conserva os frutos desse progresso.

Paralelamente ao processo extrativista mineral, durante os anos de 1970, uma política de integração nacional era realizada com o objetivo de ocupar a região Amazônica, considerada isolada das demais localidades do país. Consideramos importante evidenciar sobre essas ações, por entender que elas também influenciaram o processo de urbanização.

3.3 O “desenvolvimento” regional nos anos de 1970: projetos de ocupação e integração territorial

Desde a época do Governo de Getúlio Vargas, já havia uma preocupação em ocupar a região Amazônica em virtude do projeto da borracha que serviria aos interesses comerciais estrangeiros. Com Juscelino Kubitschek o discurso de integração do Norte com o restante do país, passou a se intensificar. Mas foi realmente durante o Governo Militar que a campanha “Integrar para não entregar⁶” ganha forças e diversos projetos passam a ser planejados na tentativa de desenvolvimento da região, através do Programa de Integração Nacional (PIN). (IANNI, 1979). Através do Decreto de Lei nº 1.106 de 16 de junho de 1970,

Art 1º É criado o Programa de Integração Nacional, com dotação de recursos no valor de Cr\$ 2.000.000.000,00 (dois bilhões de cruzeiros), a serem constituídos nos exercícios financeiros de 1971 a 1974, inclusive, com a finalidade específica de financiar o plano de obras de infra-estrutura, nas regiões compreendidas nas áreas de atuação da SUDENE e da SUDAM e promover sua mais rápida integração à economia nacional.

Art 2º A primeira etapa do Programa de Integração Nacional será constituída pela construção imediata das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém.

§ 1º Será reservada, para colonização e reforma agrária, faixa de terra de até dez quilômetros à esquerda e à direita das novas rodovias para, com os recursos do Programa de Integração Nacional, se executar a ocupação da terra e adequada e produtiva exploração econômica. (BRASIL, 1970)

Em 09 de outubro de 1970 na cidade de Altamira, é realizada a inauguração da construção da Transamazônica, símbolo de uma política desenvolvimentista, que objetivava ao mesmo tempo tirar do isolamento o norte do país; fortalecer a zona de fronteira; possibilitar através dos assentamentos do INCRA ao longo da estrada, uma melhoria de vida aos migrantes nordestinos que enfrentavam condições de miséria

⁶ As ideias estavam relacionadas com a doutrina da defesa nacional que via na Amazônia uma região de vazio demográfico, fazendo fronteira com vários países da América do Sul. Pensavam os governantes de então que a Amazônia estava por assim dizer cercada por países pouco estáveis politicamente, alguns dos quais com movimentos guerrilheiros ativos. (IANNI, 1979)

em meio a seca e ao mesmo tempo resolver os problemas fundiários da região sul, que já exigiam reforma agrária.

A “princesinha do Xingu”, como Altamira era conhecida, assistia com expectativa e até mesmo uma certa euforia o início das obras da rodovia. Tudo parecia gravações de filme, um general-presidente, Médici, recebido com emoção e delírios, uma castanheirado-pará (*Bertholletia excelsa*), derrubada como monumento para a rodovia, possíveis ataques de índios, trabalhadores mortos por animais selvagens e por doenças escondidas no ventre da floresta, enquanto migrantes eram transpostos de uma região para outra distante. (SOUZA, 2014 p.04)



Ilustração 10: Placa comemorativa do início da construção da Transamazônica
FONTE: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/>

No trecho entre Itaituba e Altamira muitas famílias vieram para participar da colonização, Muller (2015) ressalta que o sentimento era o da melhoria de vida. O INCRA prometia o transporte da sua cidade natal até as terras a serem ocupadas, construção de uma casa para sua hospedagem, salário mínimo ao colono durante seis meses para o sustento familiar, enquanto este não conseguia financiar as plantações.

Os migrantes chegavam em Itaituba através de barco, pelo Tapajós, e pelo aeroporto localizado à margem direita do rio, no distrito de Miritituba. Em sua pesquisa o autor entrevistou diversos colonos que vieram de outras regiões e se instalaram na cidade de Rurópolis – criada por ocasião da construção da estrada, localizada entre Itaituba e Altamira-, destacamos a fala da agricultora aposentada Arminda de Moura Dallabrida, que demonstra de que forma ocorreu na prática o assentamento da população e a importância comercial de Itaituba dentro desse processo.

Olha, o que a gente esperava encontrar era casa pra morar e de repente não encontramos, que quando chegamos em Miritituba a gente ficou lá no alojamento. Ai o marido é que veio pro interior para requerer o lote e depois que cada um deles foi tendo seu lote, ai é que fizeram uma vaquinha entre eles, os colonos, e cada um construiu a barraquinha de palha na beira da estrada para quando chegasse o dia que a pessoa resolvesse ir embora, cada um ia pro seu barraco. Aqui só tinha a estrada desmatada e só. Quem fez as barraquinhas foi os colonos. Em primeiro lugar o INCRA prometeu que nós ia ter casa ne! Disseram que a gente ia ter fogão... prometeram vaca, prometeram um começo de cada bicho que a gente fosse precisar criar como porco e galinha. Tudo a gente precisou comprar. Depois de dois anos nós ganhamos a casa, mais foi só, o restante das coisas a gente nunca ganhou nada. Os alimentos, era em Itaituba, a gente tinha de ir de mês em mês para Itaituba comprar. Tinha um caminhão que daí levava os colonos pra Itaituba [...]. (Pesquisa realizada por Muller, 2015)

A propaganda governamental foi intensa, muitas pessoas acabaram vindo por conta própria para a região, a formação da Vila da Palha foi um povoamento surgido nas proximidades de Rurópolis, em virtude dessa colonização não planejada, povoada pelos colonos sem destino certo. Porém, com a expectativa da visita do Presidente Médici em 1974, o INCRA convocou o exército para queimar os casebres construídos de maneira desordenada ao longo da Transamazônica, para que assim quando o Presidente sobrevoasse a região, visse uma área bonita e organizada. As pessoas ficaram desalojadas e não puderam nem se abrigar nas casas de outros colonos. (MULLER, 2015)

Como o governo não ofertava melhores possibilidades, além das terras, os colonos começaram a abandonar ou vender seus lotes na beira das rodovias para os grandes latifundiários que estavam

começando a se estabelecer na região e vinham se estabelecer na cidade para dar educação (escola) para seus filhos. Dessa forma, pelo descaso do Governo Federal para com os colonos, Itaituba começa a crescer demograficamente com a vinda dos colonos para a cidade, num novo processo de êxodo rural. (MOREIRA, 2003 p. 15)



Ilustração 11: Visita do Presidente Médici em Rurópolis
 FONTE: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/>

A construção da Transamazônica acontece ao mesmo tempo em que o Governo passa a incentivar também a mineração. De certo que, desde o período da colonização portuguesa, aventureiros já haviam detectado a presença do ouro no território de Itaituba, contudo, em meio a riqueza gerada pela borracha, o minério passou a ser visto em segundo plano e somente no final de 1950, quando Nilson Barroso Pinheiro junto com mais sessenta homens vindos do Amazonas encontrou uma grande concentração aurífera, se deu o início a corrida do ouro, que se intensifica nos anos de 1970 e 80.

Após o declínio da atividade garimpeira, no final da década de 90 devido a alguns fatores como “ [...] os custos elevados de manutenção dos equipamentos utilizados na lavra, e à exaustão dos depósitos ricos de natureza alúvio-coluvionar. [...] somados à queda do preço do ouro no mercado interno” (MACHADO, 2013 p.12) a economia de Itaituba passa a ser mais diversificada, a extração aurífera continua, mas o mercado abre espaço para a pecuária e principalmente para a extração da madeira.

Ao longo dessas explanações, realizamos uma discussão histórica apoiada nos processos extrativistas, onde destacamos o aurífero, por entender que foi durante esse período que Itaituba passou por mudanças significativas, que passaram a concretizar o sistema capitalista, estruturando as relações de trabalho e conseqüentemente a vida dessa comunidade. Assim, a partir dessa totalidade histórica, passaremos a discutir as relações entre as questões econômicas e as questões educacionais, à luz dos conceitos teóricos que sustentam esse estudo.

4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR EM ITAITUBA: RELAÇÕES COM A SOCIEDADE (EM ESPECIAL A ECONOMIA AURÍFERA) A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS E DO REFERENCIAL DE ANÁLISE

4.1 Breves considerações sobre a economia em Itaituba

A necessidade da compreensão das questões econômicas em Itaituba, apoiam-se na fundamentação materialista histórico-dialética, de que os meios de produção e o trabalho constituem a infraestrutura que possibilita a compreensão crítica dos fenômenos da superestrutura tais como a política, a economia, a religião e a educação. Para o melhor entendimento das categorias apresentadas, é imprescindível leituras de Marx e Gramsci, todavia neste texto utilizaremos algumas passagens ilustrativas. O entendimento da relação infraestrutura e superestrutura⁷,

⁷A metáfora do edifício – base (infraestrutura) e superestrutura – é usada por Marx e Engels para apresentar a ideia de que a estrutura econômica da sociedade (a base ou infraestrutura) condiciona a existência e as formas do ESTADO e da consciência social (a superestrutura). Uma das primeiras formulações dessa ideia surge na primeira parte de A ideologia alemã, onde há referência à “organização social que nasce diretamente da produção e do comércio, a qual, em todas as épocas, constitui a base do Estado, e do resto da superestrutura das ideias”.

Uma descrição mais pormenorizada do que se deve entender por base, ou infraestrutura, é feita por Marx em uma passagem do “Prefácio” à Contribuição à crítica da economia política (1859) que se tornou a formulação clássica da metáfora: “Na produção social de sua vida, os homens estabelecem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral.” A estrutura econômica não é, portanto, concebida como um conjunto dado de instituições, unidades produtivas ou condições materiais, mas antes como a soma total das relações de produção estabelecidas pelos homens ou, em outras palavras, das relações de classe que, entre eles, se estabelecem. (DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MARXISTA)

se faz possível a partir do contexto material de uma época, no nosso caso, da economia extrativista aurífera e do processo educacional escolarizado.

Marx (2008 p.47) em Introdução à Crítica da Economia Política, esclarece que:

Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual.

Desde a segunda metade dos anos de 70 do século XX, a produção extrativista mineral, passou a determinar o desenvolvimento material em Itaituba, que por sua vez alterou as relações sociais, como procuramos demonstrar ao longo da contextualização histórica. A sociedade, e por conseguinte a educação escolar em Itaituba passou por profundas modificações em função da atividade garimpeira. Utilizamos o conceito de subsunção formal e subsunção real do trabalho, discutido por Marx (2004) no Capítulo VI Inédito de O Capital, e trechos da entrevista realizada com a Dra. Dulce Andreatta Whitaker, formada em Ciências Sociais e Pós-doutora em Sociologia pela Universidade de Oxford, na busca de elucidar nosso objeto de estudo.

A entrevistada observa que para Marx o capital subordina paulatinamente o trabalho humano e não o trabalhador, que teoricamente é livre. Então, o capital vai subsumindo esse trabalho, nos primeiros momentos de modo formal, para depois, através do progresso industrial e da maquinaria tornar essa subsunção real, quando se instala o modo especificamente capitalista. “Na subsunção formal, o trabalhador

A estrutura e as superestruturas formam um “bloco histórico”, isto é, um conjunto complexo – contraditório e discordante – das superestruturas é o reflexo do conjunto das relações sociais de produção. Disto decorre: só um sistema totalitário de ideologias reflete racionalmente a contradição da estrutura e representa a existência das condições objetivas para a inversão da práxis. Só se forma um grupo social 100% homogêneo ideologicamente, isto significa que existem em 100% as premissas para esta inversão da práxis, isto é, que o “racional” é real ativa e atualmente. O raciocínio se baseia sobre a necessária reciprocidade entre estrutura e superestrutura (reciprocidade que é precisamente o processo dialético real). (GRAMSCI, 1978)

depende do capitalista só para comprar seu produto, para ganhar mais e garantir que o capitalista o compre, tem que trabalhar a mais, estendendo sua jornada” (WHITAKER, relato oral, 2018).

Em Marx (2004 p.87) podemos verificar o entendimento sobre a subsunção formal do trabalho:

O processo de trabalho subsume-se no capital (é o processo do próprio capital), e o capitalista entra nele como dirigente, guia; para este é ao mesmo tempo, de maneira direta, um processo de exploração do trabalho alheio. É isto que denomino subsunção formal do trabalho no capital.

Dra. Dulce ressalta que, mesmo existindo essa relação entre trabalhador e capitalista, nesse primeiro momento o trabalhador ainda possui seus instrumentos de trabalho, uma certa autonomia de horários, o que será mudado no momento em que passa a existir o aperfeiçoamento dos instrumentos, do maquinário, existindo assim a necessidade de capital para investimentos, algo que o trabalhador não possui. Despossuído de recursos, “o trabalhador se torna prisioneiro do capital e temos a subsunção real, quando o trabalho desaparece e cria-se a ilusão de que é o capital que produz riqueza”. (WHITAKER, relato oral, 2018).

Em nossas considerações no capítulo sobre a História e a estrutura social em Itaituba, podemos verificar que o momento de ocupação das terras indígenas pelos colonizadores europeus, onde é utilizado a força de trabalho humana para a obtenção de mercadorias, o capital se apoderou do trabalho, sendo o início da subsunção formal, da mais-valia absoluta, mesmo que ainda estivéssemos submetidos a processos de produção similar ao escravismo, “o capital já existe desempenhando certas funções subordinadas, mas não ainda na sua função dominante”. (MARX, 2004 p.91).

Verificamos em Coudreau (1897) que as guerras, doenças e a própria miscigenação reduziu consideravelmente a população Munduruku na região de Itaituba, porém o mesmo autor afirmou que a localidade permanecia num contínuo ao invés de progredir. Nesse processo, o capital não havia ainda atingido sua função dominante, passando assim a determinar totalmente a forma social daquela comunidade. O autor Muniz (1906) em nossas considerações também afirmara que

Itaituba até a Proclamação da República não havia tido nenhuma melhoria, sendo por ele considerada ainda uma aldeia.

Somente a partir da exploração da borracha que começaremos a verificar a subsunção do trabalho, onde o capitalismo se apodera do trabalho humano e o vai subordinando, em seguida subsumindo-o de modo gradativo, passando do formal para o real. Será através dos processos de aviamento, em outrora já explicitado, que os seringalistas – donos dos meios -, e casas aviadoras, começam a acumular grandes riquezas, enquanto aos seringueiros– trabalhadores -, resta a dependência social e econômica. Acreditamos que em Itaituba o processo de extração do látex não conseguiu atingir um modo de produção especificamente capitalista, pois o “produtor imediato continua a permanecer um vendedor de mercadorias e simultaneamente um utilizador do seu próprio trabalho” (MARX, 2004 p.92).

Será a partir do processo extrativista mineral que estaremos observando a transição no modo de trabalho. A forte migração acontecida em Itaituba que estava em busca do ouro no garimpo, já nos apresenta o momento em que o capital vai aprofundando sua capacidade de absorver o trabalho humano, afetando a sociedade como um todo. Em nossas considerações sobre a divisão do trabalho no garimpo, podemos identificar os atores sociais dentro do sistema, onde apresentamos o dono do garimpo que é o capitalista, a representação do capital, vendedores e fiscais que são aqueles que se apropriam da mais-valia e os trabalhadores produtores: tropeiro, mecânico, cozinheira, pilotos e peões.

Na economia garimpeira fica evidente a transição da subsunção formal para a real, onde o garimpeiro independente passa a peão numa estrutura burocratizada, onde tudo é pago com seu trabalho, ou seja, da mais-valia absoluta – extensão da jornada de trabalho -, passando à mais-valia relativa – intensificação do ritmo de trabalho -, existindo a perda da autonomia. “Do mesmo modo que se pode considerar a produção da mais-valia como expressão material da subsunção formal do trabalho no capital, também a produção da mais-valia relativa se pode encarar como a subsunção real do trabalho no capital”. (MARX, 2004 p.93)

A entrevistada ressalta que o aumento da produção no sistema capitalista, faz pensar que o capital por si fez crescer a produção, já que o trabalho subsumido parece a coisa menos importante na produção. A divisão do trabalho no garimpo

desvaloriza a figura do peão, porém é o seu trabalho que agrega valor ao produto obtido, no caso o ouro, cuja transformação em mercadoria posta em circulação é o que sustenta toda a estrutura.

Ao contextualizar sobre a subsunção real do trabalho, Marx (2004 p.108) ressalta que,

Na totalidade, estas formas de produção (da mais-valia relativa), (têm) em comum, para lá do mínimo crescente do capital necessário para a produção, o fato de as condições coletivas para o trabalho de numerosos operários que cooperam diretamente entre si, permitirem, enquanto tais, economizar – ao contrário do que acontecia com a dispersão dessas condições na produção em pequena escala – pois que a eficácia destas e do seu valor. O seu uso comum e simultâneo faz com que o seu valor relativo (com respeito ao produto) decresça, embora aumente a sua massa absoluta de valor.

Conforme verificamos, até 1978 predominava o trabalho individual e os instrumentos rudimentares – mais-valia absoluta -, após esse período passa a existir a mecanização do serviço e a divisão do trabalho, que acabará proporcionando uma lucratividade maior para os donos de garimpo, ao mesmo tempo que cria no trabalhador uma ideologia marcada pela possibilidade de ascensão social, que mascara a percepção da exploração da mão-de-obra.

Será nesse cenário marcado pelas contradições capitalistas, que a educação escolar começará a ser desenvolvida. Uma cidade que desde sua fundação foi palco de economias baseadas no extrativismo, onde destacamos o látex, que marca o início do capitalismo se apoderando do trabalho humano. Porém, somente com o ouro, se intensifica o modo de produção capitalista, que modifica as estruturas sociais até então existentes em Itaituba.

4.2 Relação entre escola e a economia aurífera

Com o grande fluxo migratório dos anos de 1970, o município de Itaituba passa a se reorganizar para tentar atender as necessidades dessa nova população. Como verificamos no mapa na página 55, Itaituba em 1970 possuía apenas três ruas

principais, onde estavam localizados a prefeitura, posto médico, cemitério, igreja, praça e duas escolas⁸.

A educação escolarizada evoluiu em relação a quantidade de escolas e número de alunos matriculados, assim como passou a ter um efetivo maior de professores com formação superior. Porém, nossa inquietação perpassa os dados numéricos, nossa pesquisa busca entender como ocorreu o desenvolvimento da educação escolarizada durante o período econômico extrativista mineral e também objetiva verificar se essa educação escolar reflete ou não as nuances da exploração do trabalho pelo capital, a partir das experiências de professores atuantes no município. Ao falar do processo educacional na atualidade Dra. Dulce ressaltou,

Para o desenvolvimento da nossa educação, necessitamos de estudos que adentrem a sala de aula, para captar o sentido que os alunos atribuem aos conteúdos que lhes são direcionados. Se temos que proporcionar, como diz Saviani, o conhecimento historicamente construído, cumpre lembrar que todo conhecimento humano é historicamente construído. (WHITAKER, relato oral, 2018))

Em relação ao quadro educacional no município, grande parte das informações existentes se refere a dados estatísticos e levantamentos quantitativos realizados principalmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INPE), pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), e relatório realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará (IDESP).

Dados obtidos sobre o início dos anos de 1970, referem-se a informações extraídas do censo demográfico do site do IBGE, e a um levantamento realizado pelo Governo do Estado do Pará, através do IDESP, publicado em 1977. No ano de 1970, Itaituba apresentava um contingente populacional de 12.690 moradores, sendo que de acordo com o censo:

- 04 homens e 15 mulheres, possuíam ensino médio completo.
- 23 homens e 7 mulheres, possuíam ensino superior completo.

⁸Escola Gaspar Viana e Escola Alice Carneiro, segundo informações obtidas através das entrevistas. A Escola Gaspar Viana foi desativada e no local houve a instalação da COSANPA no ano de 2012. A Escola Alice Carneiro, também foi desativa e seu prédio implodido no ano de 2013, para a construção de um camelódromo que nunca funcionou.

- 3.507 homens e 2.745 mulheres, sem instrução.

Na nota preliminar do diagnóstico, o relatório já nos informa a inexistência do ensino a nível de 2º grau em Itaituba e acrescenta,

Ao se tentar diagnosticar ou pelo menos traçar o perfil atual do ensino existente a nível de 1º grau, depara-se com sérios obstáculos – como, sobretudo, a escassez de dados fidedignos – resultantes da precariedade do sistema de registro estatístico educacional. (IDESP, 1977 p.76)

Das informações disponíveis conseguimos sistematizar um conjunto de dados que fornecem uma visão geral, embora parcial, dadas as lacunas de registro sobre a evolução quantitativa de escolas, alunos matriculados e professores na zona urbana.

Quadro 03: Relação da população em idade escolar x população matriculada

Ano	População em idade escolar (7 a 14 anos)	População matriculada
1973	2.659	931
1974	2.675	903
1975	2.691	1.251
1976	2.707	1.397

Fonte: Elaborado pela pesquisadora através de dados do IDESP, 1977.

Quadro 04: Unidades escolares em Itaituba

REDE	1973	1974	1975	1976
Estadual	2	2	3	6
Municipal	1	1	1	-
Particular	-	-	-	-
Federal	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pela pesquisadora através de dados do IDESP, 1977.

Em relação ao quantitativo de professores, o relatório já mencionado, apresenta somente o ano de 1976, onde afirma a existência de 94 professores atuantes na rede Estadual de ensino, enquanto apenas 2 docentes enquadravam-se na rede Municipal, sendo em sua grande maioria leigos, “sabe-se que esses professores não possuem preparação pedagógica, pois muitos cursaram apenas o primário e as vezes sem concluí-lo. (IDESP, 1977 p.83). Os 2 professores municipais e 46 do Estado, não possuíam qualificação necessária para estar ministrando aulas.

Trouxemos esses levantamentos para que pudéssemos obter uma visão geral de como estava organizada a escolarização municipal urbana, durante o período em que a economia aurífera passou a ser desenvolvida. Em virtude da escassez de informações, realizamos entrevistas com profissionais da área da educação, que acompanharam e participaram desse momento na história. Para essas primeiras considerações, utilizaremos trechos da fala de dois entrevistados, Professor Felipe Francisco dos Santos Mello é natural da cidade de Santarém-Pa, porém foi na cidade de Belém que cursou o nível superior em Letras e Artes e onde começou a trabalhar na Seduc. No ano de 1973, por uma exigência do seu trabalho, foi transferido para o município de Itaituba, onde segundo ele “havia uma necessidade grande de pessoal na área educacional, inclusive para assumir a direção geral de uma escola, que estava com a diretora afastada” (MELLO, relato oral, 2018). Desde então, permaneceu na cidade sempre atuando na área da educação, ocupando também o cargo de Diretor da Unidade Regional de Educação do Estado por quase 15 anos. Professora Sonia Maria Caetano, natural de São Luis de Montes Belo- Go, formada em Pedagogia e Doutora em Ciência da Educação. Sonia mudou-se com a família para Itaituba no ano de 1978, na época ainda adolescente, estava em fase de conclusão do 1º grau de ensino.

Ao chegar na cidade, Sonia conta que se deparou com cenas até então desconhecidas para ela,

Em 1978 quando chegamos em Itaituba era muito perigoso, tinha muita violência, prostituição, tinha muita morte, fomos morar na avenida Belém, meu pai não me deixava nem sair fora de casa porque tinha muita prostituição, mulheres correndo pelada na rua, elas usavam gilete no meio do dedo para poder brigar. Eu lembro que um dia vinha da escola e minha mãe não pode me buscar, fui obrigada a passar no meio da Avenida Belém porque não conhecia a cidade e não tinha outra rua, tinham duas mulheres brigando, se cortando com gilete. Meu pai dizia que ele não ia ficar mais em Itaituba, porque não compensava trabalhar com a pecuária, que iria voltar para o Mato Grosso. Meu pai trouxe muito gado e cavalo para vender, comprou uma fazenda para reproduzir a raça, mas isso levou em média de três a quatro anos, e quando decidiu ir embora dizia que só retornava quando o ouro tivesse acabado, quando a cidade tivesse outro direcionamento. Nessa economia rolava muito dinheiro, eu já vi pessoas na rua caídas, dormindo com pacotes de dinheiro caindo do bolso. Violência e bebida era grande, não tinham assaltos, era tudo ligado ao garimpo. (CAETANO, relato oral, 2018)

Felipe, ao comentar sobre o início da economia aurífera, refere-se mais a movimentação migratória que passou a existir no local e aquele pensamento idealizado do enriquecimento fácil advindo do garimpo,

Esse período do auge do ouro foi um período muito significativo porque o movimento era muito grande, realmente pra você ter uma noção o município chegou a ter 300 decolagens e pousos por dia no aeroporto, esses aviões decolando para o garimpo levando mercadoria, levando rancho, levando pessoal, então o movimento era muito grande, tanto de ida como de vinda. Aqui o município tinha o movimento muito grande, as pessoas chegavam todos os dias achando que ouro se tirava até com o bico do sapato, atrás do eldorado, chegava aqui e a realidade era outra, porque o ouro sempre existiu mas era longe do centro da cidade, era nos garimpos, era distante, então a pessoa tinha que pegar um avião, ou um outro transporte e se transportar pra lá pro garimpo, lugar de difícil acesso, locais muito perigosos, tanto por parte do ser humano com a sua selvageria, como também pelas questões das doenças tropicais, assolavam na época. (MELLO, relato oral, 2018)

Conforme relatamos ao longo dessa dissertação, o fluxo migratório foi intenso, a ideia do enriquecimento através do Eldorado fazia parte do imaginário local, daqueles que vinham para a região e trabalhar no garimpo, porém com isso surgem as mazelas sociais, os altos índices de violência, prostituição, doenças, ausência de políticas públicas.

Diante desse cenário, como era desenvolvida a educação escolar? Podemos verificar pelo quadro elaborado a partir de dados do IDESP (1977) que haviam apenas duas escolas da Rede Estadual de ensino. Felipe também comenta sobre a existência dessas duas unidades de ensino, sendo a Escola Gaspar Viana e Escola Alice Carneiro, que atualmente não estão mais em funcionamento, e para ele a população em geral não dava muita importância para a educação, ela não era vista como algo promissor, onde mandar uma criança para a escola não era algo imprescindível,

Não tinha ensino médio, só tinha até a 5ª série primária, as pessoas ainda iam para Fordlandia fazer o exame de admissão, quando passavam no exame é que iam fazer a primeira série ginásial, ou faziam por um curso chamado Madureira, ou iam para Santarém para continuar seus estudos. Importante era ensinar a criança a trabalhar, colocar na cabeça da criança que garimpo que dava dinheiro,

garimpo que enricava, garimpo que é o eldorado, estudo é uma coisa muito demorada e as vezes nem chega aquele objetivo que pretende. (MELLO, relato oral, 2018)

O colaborador da pesquisa acrescenta que até para administrar os recursos que eram adquiridos no garimpo seria necessário ter estudo, que por muitas vezes comentava em sala de aula com as crianças sobre pessoas que obtiveram através da garimpagem grandes fortunas e empobreceram rapidamente, exatamente porque não tinham conhecimento, não tinham o saber necessário para administrar seus bens, aquilo que conseguiu através do ouro, "se ele tivesse estudo ou se tivesse pelo menos incentivado o filho dele, talvez essas pessoas tivessem conseguido administrar melhor e saber manusear, aplicar, reaplicar o recurso". (MELLO, relato oral, 2018)

A primeira experiência de Sonia com a educação foi em 1979, quando começou a trabalhar como auxiliar de secretaria na Escola Gaspar Viana, sendo realocada para a Escola Alice Carneiro. Foi então que nessa época, mesmo sem ter terminado o Segundo Grau (ensino médio), ela foi convidada para substituir uma professora que estava de partida da cidade,

Naquela época a carência fazia com eles colocassem a gente para trabalhar com português, ensino religioso, espanhol, geografia, história. Uma vez me colocaram para trabalhar com física, eu tive que estudar uma noite inteira para dar aula de física, para substituir um professor. Trabalhei matemática, paguei um professor amigo meu para me ajudar porque não tinha professor na escola e eles queriam que eu pegasse as aulas. (CAETANO, relato oral, 2018)

Para Felipe a cidade possuía bons professores, porém a grande maioria eram pessoas de outras localidades, a exemplo as esposas de militares que vinham trabalhar no 53º Batalhão de Infantaria de Selva, funcionários do Banco do Brasil, do antigo IBDF, Incra e outros órgãos que passaram a se instalar.

Todos esses órgãos sempre vinham pessoas com formação acadêmica e outros com formação específica na educação, esses a gente agarrava com unhas e dentes, muitos deles podiam dar aula alguns dias só, mas mesmo assim a gente aproveitava aquelas pessoas que vinham do sul do país. (MELLO, relato oral, 2018)

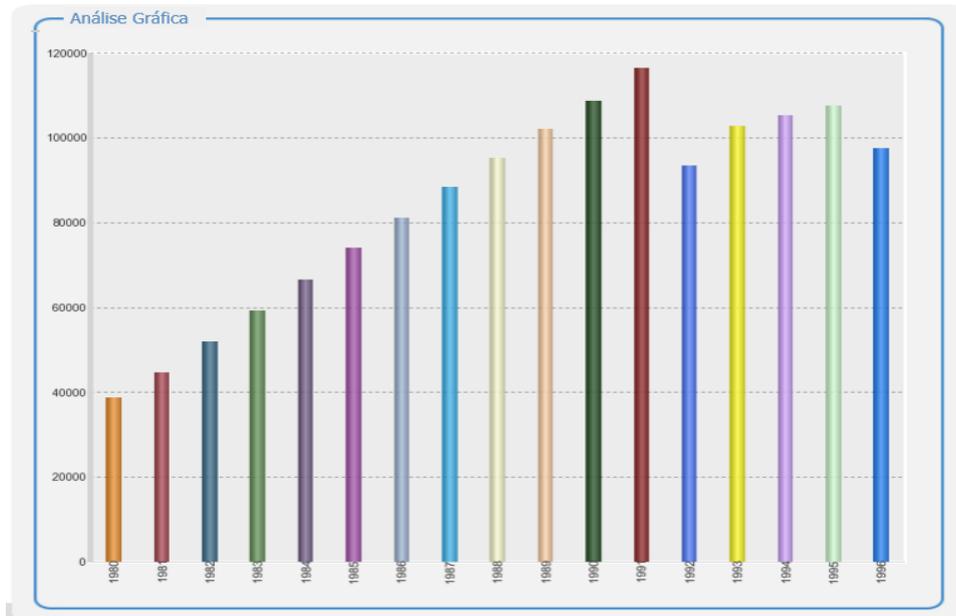
Os dados considerados no relatório do IDESP, apresentam um percentual de quase 50% de professores leigos atuando no município, informações essas reforçadas nas falas de nossos entrevistados. Percebemos no depoimento de Sonia a prática existente na época, de pessoas sem qualificação, ministrando aulas nas mais diversificadas áreas; e com Felipe conseguimos entender quem eram – em grande parte -, os profissionais formados que atuavam no município.

Para nossos entrevistados o garimpo trouxe vantagens e desvantagens, de um lado o aumento populacional, proporcionou também, o aumento no número de unidades escolares, de professores vindos de outras localidades com formação acadêmica. Ressaltou-se que naquela época a ajuda financeira, por parte dos pais das crianças, era algo constante, sempre que necessário reformar a escola, realizar pinturas no prédio, os pais se prontificavam a ajudar. Por outro lado, o garimpo acabou por proporcionar uma desestruturação familiar, comenta-se que era muito comum os pais irem para o garimpo, enquanto as crianças ficavam na cidade com outras pessoas responsáveis por elas,

Famílias ficaram desestruturadas em virtude do garimpo, os pais quando estavam na cidade queriam festa e bebida, havia muita prostituição, não tinha preocupação com bens estar da família. Tinha muita evasão escolar, desistência por parte dos alunos por se envolverem com questões relacionadas a criminalidade. Quando ia chamar um pai ou mãe na escola, não tinha, o responsável dizia que só ganhava para dar o banho e a comida, não ganhava para buscar a criança em escola ou ver tarefa. (CAETANO, relato oral, 2018)

A partir da década de 1970, o grande fluxo migratório acabou proporcionando a criação de diversas unidades de ensino, que passaram a atender a demanda demográfica e a nova ordem social que surgia. O gráfico a seguir, demonstra o fluxo migratório ocorrido entre os anos de 1980 e 1996, onde é possível perceber durante os anos 80 o auge o crescimento populacional que marca também o auge da economia aurífera. Conforme o declínio da extração passa a ocorrer na região, há uma oscilação no quantitativo populacional.

Gráfico 01: População Residente em Itaituba-Pa



FONTE: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/poppa.def>

Entre as escolas mais antigas do município, segundo informações adquiridas em pesquisa na Biblioteca Pública Municipal, através do registro de históricos produzidos pelas próprias unidades escolares, estão a Escola Municipal de Educação Infantil e de Ensino Fundamental Presidente Castelo Branco, fundada em 31 de março de 1973. Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Engenheiro Fernando Guilhon, fundada em 04 de outubro de 1976, onde em seu primeiro ano atendia um contingente de 250 alunos do Ensino Fundamental. Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Correa, criada oficialmente em 8 de março de 1975, funcionou em caráter provisório com turmas de 5ª e 6ª séries, no extinto prédio do Ginásio Normal de Santa'Ana e tendo seu prédio próprio inaugurado no dia 28 de Setembro de 1976, atendendo alunos de 5ª a 8ª séries.

Segundo o Programa de Integração Mineral no Município de Itaituba (1996), durante a década de 1980 o processo migratório prosseguiu – assim como demonstrado no gráfico 1 na página anterior, chegando a 116.541 habitantes no ano de 1991. Ressalta que no período a crise enfrentada nos garimpos, fez com que a população abandonasse a atividade, saindo da área rural e ocupando as zonas urbanas, formando inclusive um cinturão de pobreza.

O relatório apresenta um tópico sobre a educação escolarizada, onde destacamos os principais pontos. A partir de 1995, Itaituba passou a dispor dos três

graus de ensino com a implantação do curso de Letras pela Universidade Federal do Pará.

Esse curso conta com apenas uma turma de cinquenta alunos, onde o corpo docente, na sua quase totalidade, vem da UFP, do Campus de Santarém e de Belém. Os créditos são ministrados em forma de módulos, em época de férias, onde cada professor dispõe do tempo necessário para concluir a matéria de sua competência. [...] O segundo grau funciona somente na sede do município e conta com 2.206 alunos, distribuídos em 46 turmas, encaixadas em 4 colégios. O corpo docente dispõe de apenas 29 professores com nível superior (3º grau), o restante, na sua grande maioria, possui o 2º grau, uns com formação em magistério, e outros, em estudos adicionais. Os que não possuem esta qualificação, podem adquiri-las através do Projeto Gavião, que é realizado nos meses de janeiro e julho. [...] Há também o Projeto Gavião I, que atende aos profissionais que não terminaram o 1º grau, objetivando transformar leigos em futuros profissionais da educação. (PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO MINERAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA, 1996 p.73 - 74)

O primeiro grau era ofertado tanto na sede do município quanto na zona rural, áreas ribeirinhas e no garimpo, com um total de 25.544 alunos distribuídos em 677 turmas, em 159 escolas. “O corpo docente, principalmente aqueles ligados à administração municipal, não conta com professores capacitados a nível de 3º grau. A maioria dos alunos é apenas alfabetizado”. (PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO MINERAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA, 1996 p.74)

O quadro geral do município apresentava-se da seguinte forma, em relação ao ensino de 1º e 2º graus:

- 31.524 alunos matriculados
- 167 escolas construídas
- 477 salas de aula
- 653 professores

Com o declínio da atividade garimpeira, muitas famílias residentes em áreas garimpeiras se deslocaram para a sede do município, acarretando em uma grande quantidade de crianças fora da escola por insuficiência de vagas, criando a existência inclusive de grupos de crianças de rua. Outro fator preocupante levantando é sobre a alfabetização, em 1991 cerca de 28% da população entre 11 e 14 anos e 35% acima de 15 anos, eram analfabetos.

Vários são os problemas detectados no setor educacional, como causa de evasão escolar, entre eles: a repetência, o calendário escolar, o transporte, falta de merenda e a necessidade dos alunos trabalharem. Uma outra causa de evasão de alunos é refletida pelo processo de rotatividade da população residente na região. A população flutuante, também formada em decorrência da atividade garimpeira, que, em algumas regiões, encontra-se em processo de desaceleração, provoca o deslocamento de famílias para outras áreas, e, com isso, as crianças abandonam os bancos escolares. A evasão se dá ainda, a partir dos 10 anos de idade, quando o menor começa a ser inserido no processo produtivo para garantir a sua sobrevivência, caracterizando-se nesse caso, um problema sócio-econômico. (PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO MINERAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA, 1996 p.75)

Em 2016, elaboramos um texto para fins de avaliação na disciplina Sociedade, Estado e Políticas Educacionais, durante o Mestrado em Educação, intitulado "As implicações do capital na construção de uma identidade de Ensino Superior: História, questionamentos e inquietações", e durante o processo de pesquisa no município de Itaituba, verificamos que ao assumir o governo municipal em 1997, o Prefeito Edilson Dias Botelho, promoveu uma verdadeira ruptura no quadro docente predominantemente constituído por professores leigos. A ação decorreu do cumprimento da obrigatoriedade imposta através da Lei 9.394, em seu Art. 62 que diz "A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação [...]”, realizou concurso público para município.

Edilson Dias Botelho, até hoje é conhecido na cidade como o "Prefeito dos Importados", pois em seu mandato fez prevalecer a obrigatoriedade da lei, inicialmente abrindo concurso público e exigindo qualificação necessária para se trabalhar com o setor da educação escolarizada, e também na própria contratação de pessoal vindo de outras localidades, o que acabou por proporcionar uma mudança nas relações educacionais, existentes até então, em virtude dessa Política Pública.

4.3 Relação Sociedade e escola

Refletindo sobre a relação entre sociedade e educação, compreendemos em Saviani (2007) que o grande desafio educacional da sociedade sob o modo de

produção capitalista, é conseguir articular a escola com os interesses da classe dominada. Para ilustrar nossas análises, recorreremos a entrevistas com um grupo de professores do município, Professora Cleide Aparecida da Silva, 28 anos, natural de Rurópolis-pa. Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia e especialização em Docência Para o Ensino Superior e também em Psicopedagogia Institucional. Mudou-se para Itaituba ainda adolescente para poder cursar o Ensino Médio e Superior.

Professor João Diogo Rego da Silva, 51 anos, natural de Santarém-Pa, graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

Professora Raquel Peres Rocha, 33 anos, natural de Santarém, mas criada em Itaituba desde os 7 anos de idade. Formada em Licenciatura Plena em História e especialista em História e geografia, especialista também em Ciência no Ensino Superior e Mestre em História.

Professora Norma Lindoso Viana , natural do Estado do Maranhão. Quando se mudou para Itaituba no ano de 1979, já possuía formação em Enfermagem, porém ao perceber que no município não havia ensino de nível médio, resolveu direcionar seu trabalho para a área da educação. Formou-se em Letras e Inglês, fez pós-graduação em Supervisão escolar e hoje é dona de uma Instituição Particular que oferece o ensino fundamental e médio.

Professora Edna Oliveira Padilha, 31 anos, natural de Rurópolis-Pa. Mudou-se para Itaituba com o objetivo de continuar os estudos, pois em sua cidade natal só havia a educação básica. Graduada em Pedagogia, cursou posteriormente Especialização em Magistério Superior e também em Educação no Campo Desenvolvimento e Sustentabilidade da Amazônia. O teor das questões foi sobre a relação da escola com a economia aurífera desenvolvida em Itaituba.

Todos os entrevistados acreditam em uma educação que deva proporcionar a apropriação dos conhecimentos historicamente construídos. Para Diogo o processo de construção do conhecimento evolui em consonância com a evolução da sociedade, o conhecimento é aprimorado, aperfeiçoado e novos paradigmas são superados pela busca do conhecimento. Para Cleide, tanto a base comum quanto as partes diversificadas do currículo escolar da educação básica contemplam conteúdos que favoreçam tal apropriação, mas é "claro que isso depende muito do interesse de

cada professor em promover em suas aulas mecanismos e dinâmicas que favoreçam a construção desse conhecimento histórico construído pelos povos” (SILVA, relato oral, 2018).

Raquel ressalta que o saber e o fazer históricos, não são fixos, ou seja, precisam de uma constante revisão, pois sempre existem novas linhas, novas descobertas históricas, e esses conhecimentos podem ser construídos ao longo do processo educacional, onde os agentes construtores da história, são os próprios alunos. Nesse mesmo sentido, Norma afirma que é a partir do conhecimento que emergem as dúvidas acerca do homem histórico, sendo ele capaz de transformar-se e transformar o meio. A educação deve ser transformadora, eficaz, capaz de tornar o homem sujeito de si próprio.

Edna entende que uma educação verdadeiramente de qualidade seria aquela que “desperte nos educandos mediante o saber adquirido o desejo de construir sua própria história, professores com práticas pedagógicas progressistas apoiados pela gestão democrática. Bom, não custa nada sonhar” (PADILHA, relato oral, 2018).

Na sequência da entrevista, indagações aos professores: Se a educação deve proporcionar a apropriação dos conhecimentos historicamente construídos, no município de Itaituba, a educação escolar permite que nossos alunos conheçam a realidade da cidade?

Os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas não contemplam meios que favoreçam aos alunos uma aprendizagem significativa, contextualizada com meio social em que estão inseridos. Mas algumas disciplinas específicas, como Estudos da Amazônia, História e Geografia, facilitam a abordagem de tais temáticas. É claro que conhecer a realidade local deveria ser trabalhado em todas as disciplinas e de forma transdisciplinar mas de fato não vejo que aconteça. (SILVA, relato oral, 2018).

Parcialmente, percebe-se isso quando o aluno chega ao ensino superior, infelizmente temos uma educação enraizada com práticas pedagógicas tradicionais. Para tanto, faz necessário que as escolas construam o Projeto Político Pedagógico de acordo com as experiências da comunidade local para que assim possam diagnosticar as necessidades educacionais e formar cidadãos críticos com um olhar holístico sobre as coisas que lhes rodeiam e sobre o seu próprio projeto de vida. (PADILHA, relato oral, 2018)

Norma também acredita que não, para ela a educação é estanque e conteudista, “de uma sociedade que privilegia o tradicional, posto que inovar, agir é condenável. A educação não é transformadora pois a sociedade a quer tradicional”. (VIANA, relato oral, 2018) Em Itaituba, os anseios capitalistas dos pais são transmitidos aos filhos em função do desejo de enriquecer, a entrevistada ainda ressalta que isso ocorre ainda nos dias de hoje, pois grande parte da sociedade do município é formada por migrantes que vieram em busca do ouro.

Diogo ainda ressalta que discutir sobre a educação municipal, virou algo vinculado a valorização financeira do professor, o profissional da educação vincula desenvolver um trabalho diferenciado somente se ele for valorizado. Outra questão apontada por ele, refere-se ao fato de que a Secretaria de Educação não conseguir desenvolver um programa de ensino que contemple a realidade da educação municipal, onde as escolas municipais desenvolvem muitas ações sem ter foco no processo de ensino aprendizagem.

Raquel afirma que é possível essa apropriação histórica, exemplificando a disciplina de Estudos Amazônicos, onde em um dos bimestres, ela é voltada somente para história de Itaituba, onde trabalha-se aspectos como a cultura, economia, geografia, símbolos municipais e demais informações que podem propiciar ao aluno uma nova dimensão sobre a realidade do município em que se vive, inclusive as próprias relações de trabalho desenvolvidas no sistema capitalista, tendo como principal fomento dessa conjuntura em Itaituba, a economia aurífera.

Haja vista que a economia que fomentou e fomenta a economia local é a mineração, esse aspecto é muito importante, pois ajudou a construir o município que é hoje. Para se entender o nosso contexto atual, é necessário que os alunos, mediados pelo professor, possam compreender o nosso tipo de economia e como o capitalismo está ligado à nossa atual situação social, política cultural e econômica. Na disciplina de Estudos Amazônicos, quando falamos dessa parte dos ciclos econômicos, é necessário ser mencionado o porquê temos o título por exemplo de cidade pepita, e como o município teve um rápido crescimento, devido a chegada de muitos migrantes em busca do tal sonhado eldorado nos garimpos que ficam próximos ao município. (ROCHA, relato oral, 2018)

Para Cleide e Diogo, o que é abordado em sala de aula, que consta na proposta pedagógica, de um modo geral, ainda deixa muito a desejar nesse ponto de

problematização da realidade local e está acaba por se tornar algo muito distante das discussões cotidianas da escola. Especificamente sobre a economia garimpeira,

No currículo oculto é sempre abordada a questão da influência da realidade garimpeira na educação em Itaituba hoje, pois ainda está muito presente, uma que a maioria do alunado das escolas periféricas de Itaituba, ficam na cidade sob cuidados de terceiros enquanto os pais ainda trabalham na prática da garimpagem, e tal realidade influencia muito no processo educativo. (SILVA, relato oral, 2018)

Edna ao ser indagada sobre o entendimento por parte dos educandos das relações de trabalho dentro do sistema capitalista, questiona,

Será que os professores compreendem? Basta pensar nas práticas pedagógicas de boa parte dos professores, sendo esta ainda tradicional, reprodutora de um sistema capitalista, de uma educação elitista alienado a uma política neoliberal impregnada de desigualdade social. Enquanto os professores fizerem do ensino uma educação bancária dificilmente despertará a criticidade de seus alunos para esta relação acima citada. A história das pessoas que vivem em Itaituba a 'Cidade Pepita' tem uma passagem pelo garimpo, marcadas pela famosa desigualdade social. Por mais que a economia do município seja evidenciada pela mineração e o comércio de ouro, por outro lado existe sua ilegalidade, o desmatamento, a prostituição, quantos garimpeiros continuam sem dinheiro? A educação escolarizada deveria aproximar os alunos de sua própria realidade. (PADILHA, relato oral, 2018)

Diogo ao comentar sobre a relação entre o garimpo e a educação, coloca que ao ministrar aulas de geografia fazia referências a riqueza existente no município e as consequências que a exploração trouxe para a questão social em Itaituba. Relata como exemplo a realização de uma pesquisa em uma escola do município, onde é perceptível até hoje influência econômica nas questões sociais, "Fizemos um levantamento para identificar o perfil familiar na escola municipal Brigadeiro Haroldo C. Veloso e foi identificado que apenas 54% dos alunos viviam com os pais os demais pais ou mãe tinham ido para o garimpo". (R. SILVA, relato oral, 2018)

Quando questionados sobre a relação entre a economia aurífera e a educação escolarizada, nossos entrevistados tiveram diversos pontos de vista. Para Cleide, a garimpagem ainda representa grande parte da economia do município,

De forma direta com a educação escolar sentimos de forma negativa, pois a maioria dos garimpos não possuem escola e ainda as famílias deixam seus filhos a cuidado de terceiros, enquanto passam meses realizando a prática da garimpagem e conseqüentemente a escola fica sem a presença da família no processo de ensino. (SILVA, relato oral, 2018)

Na fala Diogo, a relação educação e capital está associada a manutenção financeira da família e também na arrecadação de impostos que serão geradores de melhorias para o setor educacional,

Percebemos que os garimpeiros possuem uma escolarização muito baixa e não demonstram muito interesse em educar os filhos para que amanhã eles possam cuidar da família. O reflexo da economia aurífera é pouco percebido na arrecadação dos impostos no município, quando percebemos na mídia local que o município de Itaituba ainda é dos maiores produtores de ouro da região, entretanto isso não reflete na educação. (R. SILVA, relato oral, 2018)

Raquel comenta que houve um avanço para a educação, no que se refere a implantação do ensino médio e posteriormente o superior,

Com a chegada de uma grande quantidade de pessoas se fez necessário a implantação de alguns serviços que até então não eram tão cobrados ou "necessários" existirem no município, mas a demanda de pessoas e o franco desenvolvimento exigiu novas modalidades de ensino para acompanhar esse desenvolvimento local, até então as escolas eram poucas, a modalidade era até a 4ª série, e quem queria prosseguir teria que sair daqui para dar continuidade, e com esse crescimento foi necessário implantar o ensino fundamental completo, na sequencia o médio, e mais recentemente o superior, a cerca de 10 a 15 anos, é que foram instaladas as primeiras instituições de ensino superior no município, fazendo com que os jovens não tivessem mais que ir embora para poder dar prosseguimento aos seus estudos. E isso foi um grande avanço no nosso município. (ROCHA, relato oral, 2018)

Outro ponto elencado pela entrevistada Norma é a relação existente entre a maioria dos professores, com pessoas que tem, ou tiveram, vínculos estreitos com a produção aurífera na região. Ou são filhos de garimpeiros, netos ou mesmo esposas. Nas assembleias realizadas sobre assuntos educacionais, discute-se apenas salários,

cargos etc., nunca se destinam as discussões sobre os problemas ambientais, históricos e essencialmente humanos.

Ao falarmos sobre educação e a estrutura da sociedade de classes, em Saviani (2007 p.17) encontramos o seguinte questionamento: "é possível considerar a escola como um instrumento a serviço dos interesses da classe dominada?". O autor afirma que para a classe dominante é interessante a preservação do seu domínio, utilizando apenas mecanismos de adaptação ao capitalismo e não a sua transformação. Em Itaituba, o desenvolvimento da escolarização esteve estritamente relacionado ao quantitativo populacional, novas escolas foram surgindo para suprir a demanda do processo migratório em virtude da economia aurífera,

Na fala do nosso entrevistado Felipe Mello, percebemos inclusive a ideia de que a educação escolarizada serviria para a manutenção do sistema, ele chega a comentar que a escola proporciona um conhecimento capaz de possibilitar para aquele que ganhou grandes fortunas, um saber necessário para não manter esses recursos, saber fazer investimentos, aplicações financeiras. Na fala de Norma, evidencia-se o ideário capitalista passado de pai para filhos, do enriquecimento proporcionado pela economia aurífera. A educação escolar reforçando a ideologia da possibilidade de ascensão social e da manutenção do enriquecimento causado pelo capital, através da economia garimpeira.

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu - no seu todo - ao propósito de não só fornecer conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma "internalizada" (isto é, pelos indivíduos devidamente "educados" e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente imposta. (MÉSZAROS, 2008 p.35)

Mais do que reforçar uma ideologia, o garimpo cria em Itaituba a internalização dos valores que legitimam os interesses da classe dominante, colocando a escola enquanto o espaço onde deve-se criar um saber necessário para manter aquele enriquecimento, aquela economia aurífera, que na visão de grande parte dos professores entrevistados, foi responsável por fomentar o desenvolvimento

da cidade, como é relatado pelo entrevistado E que afirma ser a educação necessária para a manutenção financeira familiar.

Essa internalização relacionada está também, a própria separação entre educação escolar e trabalho, presente no início do processo extrativista mineral, discutida por Saviani (2007 p.157), onde ressalta-se que o sistema de produção determina a forma como será gerenciada e realizada a organização escolar.

Logo, a separação também é uma forma de relação, ou seja: nas sociedades de classes a relação entre trabalho e educação tende a manifestar-se na forma da separação entre escola e produção. Essa separação entre escola e produção reflete, por sua vez, a divisão que se foi processando ao longo da história entre trabalho manual e trabalho intelectual. Por esse ângulo, vê-se que a separação entre escola e produção não coincide exatamente com a separação entre trabalho e educação. Seria, portanto, mais preciso considerar que, após o surgimento da escola, a relação entre trabalho e educação também assume uma dupla identidade. De um lado, continuamos a ter, no caso do trabalho manual, uma educação que se realizava concomitantemente ao próprio processo de trabalho. De outro lado, passamos a ter a educação de tipo escolar destinada à educação para o trabalho intelectual.

Ao longo da extração mineral, podemos afirmar que a educação se fez presente relacionada ao próprio processo de trabalho manual, afinal sabemos que para a realização de qualquer atividade é necessário um conhecimento, um saber, mas não necessariamente ele será adquirido através da institucionalização educacional. Já a educação escolarizada, é colocada em segundo plano, não necessária naquele momento para a realização da atividade garimpeira, principalmente no início do seu processo, ou mesmo para a alcance do enriquecimento desejado. Assim, conforme Saviani (2007) nos mostra, a escola é colocada ao lado do trabalho intelectual.

Com vimos o procedimento de bateia dará lugar a inserção de novas tecnologias, com maquinários e motor-bomba, intensificando assim a produtividade do ouro e criando uma nova divisão de trabalho no garimpo, verificamos a transferência de parte do trabalho manual para as máquinas.

Pela maquinaria, que não é outra coisa senão trabalho intelectual materializado, deu-se visibilidade ao processo de conversão da

ciência, potência espiritual, em potência material”. [...] Portanto, à Revolução Industrial correspondeu uma Revolução Educacional: aquela colocou a máquina no centro do processo produtivo; esta erigiu a escola em forma principal e dominante de educação. (SAVIANI, 2007 p. 158-159)

A universalização da escola passou a promover a socialização dos indivíduos na sociedade moderna, com a tentativa de integrar a ela o processo produtivo. Porém o que se viu foi a burguesia concebendo uma educação onde, de um lado teremos as profissões manuais, onde se exigia uma formação prática limitada, sem necessariamente conhecimento dos fundamentos teóricos; de outro, as profissões intelectuais “para as quais se requeria domínio teórico amplo a fim de preparar as elites e representantes da classe dirigente para atuar nos diferentes setores da sociedade”. (SAVIANI, 2007 p. 159)

Em Itaituba não será diferente, como verificamos ao longo da dissertação, a falta de segurança, escolas e hospitais na área garimpeira, cedem lugar à violência, analfabetismo e outras mazelas sociais. Os entrevistados D e E, afirmam ainda, a inexistência de escolas em diversas áreas garimpeiras e baixo índice de escolaridade nessas localidades. O estudo passa a ser oferecido para os filhos desses trabalhadores, grande parte morando na cidade aos cuidados de terceiros, que serão no futuro aqueles que estarão atuando nos diversos setores da sociedade.

Vimos que o quantitativo de unidades escolares aumentou proporcionalmente ao crescimento demográfico em Itaituba – de 2 escolas no início dos anos de 1970, para 167 no final do auge da economia aurífera. Porém esses espaços escolares não necessariamente fomentam uma educação que priorize ou mesmo forneça uma visão crítica da história, ou das relações do processo capitalista.

Cleide ressalta que os próprios Projetos Políticos Pedagógicos das escolas não possuem mecanismos que favoreçam uma aprendizagem significativa e relacionada ao meio social em que a criança está inserida, sendo este um desafio para a educação pública de forma geral,

O desenvolvimento da educação e, especificamente, da escola pública entra em contradição com as exigências inerentes à sociedade de classes de tipo capitalistas. Esta, ao mesmo tempo em que exigiu a universalização da forma escolar de educação, não pode

realiza-la plenamente porque isso implicaria a sua própria superação. (SAVIANI, 2007 p.20)

Edna em sua fala ainda ressalta a utilização de uma aprendizagem tradicionalista e reprodutora do capitalismo, evidenciando e colaborando para as desigualdades sociais, sendo necessário que os professores deixem de reproduzir uma educação bancária, conceito utilizado por Freire (1977), onde o professor é responsável apenas em seu um depositário de conteúdos que serão memorizados e repetidos pelos educandos.

Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los. [...] Educar e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. [...] O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (FREIRE, 1977 p. 62-63)

As três entrevistadas Cleide, Raquel e Edna, ressaltaram em suas entrevistas a tentativa de se trabalhar uma educação problematizadora, assumindo um compromisso de fomentar entre os alunos a criticidade, porém acabam esbarrando nas questões relacionadas ao próprio sistema capitalista que vivemos. Mesmo quando verificamos através da fala de Raquel, que afirma utilizar em suas aulas de Estudos Amazônicos temas que abordam a história do município, percebemos o status que é dado ao ouro enquanto propulsor de riquezas, sobre o rápido crescimento populacional, o sonho do eldorado, deixando omitido a questão do próprio processo de trabalho e suas implicações para a sociedade. Isso ocorre pois,

A sociedade capitalista funda-se exatamente na apropriação privada dos meios de produção. Assim, o saber, como força produtiva independente do trabalhador, define-se como propriedade privada do capitalista. O trabalhador, não sendo proprietário de meios de produção, mas apenas de sua força de trabalho, não pode, portanto, apropriar-se do saber. Assim, a escola pública, concebida como instituição de instrução popular, destinada, portanto, a garantir a todos o acesso ao saber, entra em contradição com a sociedade capitalista. (SAVIANI, 2007 p. 20)

Esse acesso ao saber é impossível de acontecer na medida em que a prática bancária da educação continua a anestesiá-lo, inibir o poder criativo dos educandos, mantendo a imersão da consciência, tornando-se uma prática de dominação. A educação enquanto prática para a liberdade desmistifica as concepções já formuladas, ao contrário da bancária “insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto mistifica a realidade” (FREIRE, 1977 p. 75). Exatamente o que ocorre em Itaituba em relação ao processo aurífero, que é visto como propulsor de todo crescimento da cidade, coloca como fomento de melhorias, desenvolvimento, enriquecimento, mas não problematizado em suas reais estruturas e principalmente não problematizado junto ao processo educacional ofertado aos educandos.

Com Mézaros (2008 p.27) reforçamos ser impossível negar que os processos educacionais e sociais estão intimamente ligados, em consequência disso, para se obter uma reformulação significativa da educação deve-se transformar o quadro social onde ocorrem as práticas educativas, sendo elas também agentes responsáveis pelas mudanças necessárias. “É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente”. Para o autor, somente através do confronto e alteração do sistema de internalização, substituindo as formas lógicas mistificadoras do capital, é possível assim também romper com a lógica desse capital na área da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que os processos históricos não possuem uma conclusão, assim como a construção do conhecimento científico, dessa forma, apresentamos nossas considerações já admitindo serem possíveis novas interpretações, a partir da existência de novos estudos na área em questão.

Percebemos enquanto pesquisadores e educadores, a necessidade do incentivo e mesmo da iniciativa de profissionais, para a elaboração de pesquisas direcionadas a esse setor, ainda que já existam alguns estudos, fica evidente a lacuna em relação às produções que discutam as políticas públicas, os problemas

evidenciados nas escolas – violência, evasão escolar, infraestrutura, qualidade do ensino, etc.-, implantação dos programas governamentais, entre outros fatores que pudessem analisar de forma mais qualitativa o desenvolvimento da educação escolar em Itaituba.

Nossa própria experiência enquanto docente no nível superior no curso de Pedagogia, tem feito com que possamos perceber um avanço no que se refere à discussão sobre a área educacional, porém em se tratando de uma graduação, os objetos de estudo tem se concentrando em questões muito específicas, o que acaba por não proporcionar uma visão mais macro acerca dos processos, evoluções ou mesmo problemáticas enfrentadas; mesmo assim consideramos de extrema importância todas as referências que estão sendo desenvolvidas por esses acadêmicos, que proporcionam o registro, a construção de parte da história da educação atual.

Outro ponto importante a ser ressaltado, refere-se a escassez de informações sobre a história do município, principalmente sobre a educação escolarizada. Durante a elaboração da dissertação, procuramos em alguns órgãos informações que pudessem auxiliar o processo de pesquisa, a Secretaria Municipal de Educação afirmou não possuir nenhum dado referente a evolução escolar, censo, ou mesmo relatórios estatísticos, referente aos anos anteriores a 1997, momento em que a educação passou a ser municipalizada. Na Secretaria de Estado da Educação fomos informados da inexistência de documentos que pudessem nos auxiliar, e que deveríamos procurar as próprias escolas para obtermos qualquer tipo de registro.

Contudo, ao longo da dissertação, oportunizamos a construção da evolução sócio-econômica do município de Itaituba, relacionando-a com a totalidade amazônica, contemplando as estruturas sociais. Evidenciamos o processo extrativista aurífero – consequentemente sua evolução -, onde o garimpeiro passa de trabalhador que depende do capital apenas como comprador de sua produção, até o momento em que se torna o peão, sob total estrutura promovida pelo capital, onde tudo é pago com seu trabalho, fazendo crescer a exploração sem que exista necessariamente a percepção disso.

Assim, como questão que norteia este estudo, procuramos verificar de que forma ocorreu o desenvolvimento da educação escolarizada durante o período

econômico extrativista mineral em Itaituba-Pa e analisar se a educação escolarizada reflete ou não as nuances da exploração do trabalho pelo capital. Através dos aportes teóricos utilizados, entendemos que a escola como ela é organizada hoje, não possibilita um saber que contemple a apropriação dos conhecimentos historicamente construídos, pelo contrário, a escola nos moldes burguês legitima os interesses da classe dominante, passando a existir a internalização desses valores e não uma consciência crítica da exploração do trabalho pelo capital.

Em Itaituba vimos o surgimento de muitas unidades escolares - na mesma proporção que aumentou o quantitativo populacional-, a implantação do ensino médio durante o período da economia garimpeira, aumento no número de alunos matriculados e de professores atuantes. Porém, ainda em 1995 verificamos a inexistência de instituições de Ensino Superior, o que refletia inclusive na falta de qualificação dos profissionais na educação, a presença de professores leigos ainda era uma constante no final do auge aurífero. Através de nossas entrevistas, verificamos a existência de discursos contraditórios, ao mesmo tempo que os professores acreditam em uma educação transformadora, capaz de tornar o homem dono de si próprio, de fornecer aos educandos a verdadeira apropriação do conhecimento histórico, na prática isso dificilmente, ou realmente não acontece.

A educação, na percepção de nossos entrevistados, o que acaba por corroborar com os teóricos que utilizamos, não fornece conteúdos que proporcionem aos alunos uma aprendizagem significativa, contextualizada com as questões sociais e econômicas do meio em que se vive. Não temos então, uma educação transformadora, libertária. Mais do que isso, vemos que a ideologia fomentada pelo sistema capitalista - representado nesse cenário pelo ouro -, reforça o ideário de desenvolvimento do município fomentado pelo capital, onde em nenhum momento se evidencia a força do trabalhador como o verdadeiro gerador de riquezas. Os pontos negativos ressaltados ao longo das entrevistas, no que se refere a educação escolarizada, referem-se a falta de qualificação profissional dos professores, a ausência dos pais na vida escolar dos filhos, em virtude de terem que se deslocar para o garimpo para trabalhar, ausência da escolarização em áreas garimpeiras.

Diante do exposto, através das pesquisas e das entrevistas, reafirmamos que para a existência de uma educação para a classe trabalhadora, que sirva aos

interesses dessa classe, que possua um verdadeiro significado, que consiga promover a emancipação humana, é necessário o rompimento com a lógica do capital, substituindo o processo existente de internalização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Djalмира de Sá. **História do município de Itaituba:** importância econômica e geopolítica na Amazônia legal, na mesorregião do Tapajós e no estado do Pará. CRV: Curitiba, 2012.

LAEMMERT, Eduard; LAEMMERT, Heinrich. **AlmanakeLaemmert.** Rio de Janeiro, 1913.

AMORIM, Antonia Terezinha dos Santos. **A dominação norte americana no Tapajós.** Gráfica Tiagão: Santarém, 1995.

BRASIL. Raymundo Pereira. **O Rio Tapajós na exposição nacional de borracha de 1913.** Itaituba, 1913.

CAVALCANTE, Damião Oliveira de Souza. A teoria de Karl Marx: a mais-valia no processo econômico da garimpagem no município de Itaituba. **Revista Acadêmica da Faculdade do Tapajós Boyrá.** P. 7 – 21. 1 ed. Julho a Dezembro de 2013.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na Economia da Borracha (Belém 1870- 1920).** 2006. 343 f. (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor).

CENSO DEMOGRÁFICO 1960. Regiões por sexo, segundo as zonas fisiográficas e os municípios. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. Disponível em: <<http://memoria.org.br/pub/meb000000363/censodem1960rvol1t2b/censodem1960rvol1t2b.pdf>> Acesso em 15 de junho de 2017.

CENSO DEMOGRÁFICO 1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1970. Idade por sexo, segundo as microrregiões e municípios. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t4_pa.pdf> Acesso em 12 de fev de 2018.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. População. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/itaituba/panorama>> Acesso em: 20 de junho de 2017.

CENSO DEMOGRÁFICO 2017. História, Itaituba-Pa. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/itaituba/historico>> Acesso em: 20 de junho de 2017.

COLARES, Anselmo Alencar. História da Educação na Amazônia. Questões de Natureza Teórico-metodológicas: Críticas e Proposições. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, número especial, p. 187-202, out 2011.

COSTA, Clerismá. **Amazônia Economia e Meio Ambiente: o dilema**. Ados: Niterói – RJ, 2008.

COUDREAU, Henri. **Viagem ao Tapajós**. Companhia Editora Nacional: São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre, 1896.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra** / tradução B. A. Schumann. Boitempo: São Paulo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação "bancária e educação libertadora**. In Introdução a Psicologia Escolar. PATTO, M. H. S. (Org). 3 ed. Casa do Psicólogo: São Paulo, 1977.

HAAG, Carlos. **A pastoral americana. Henry Ford tentou, sem sucesso, produzir borracha e utopias na Amazônia**. Ciência e Tecnologia no Brasil, Pesquisa Fapespa. Abril 2009 nº 158. São Paulo.

IANNI, Octavio. **Colonização e Contra-reforma Agrária na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Parque Nacional da Amazônia. Ministério do Meio Ambiente, 2017. Disponível em:> <http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/200-parque-nacional-da-amazonia>> Acesso em: 13 de maio de 2018.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ. Convênios Diagnóstico do Município de Itaituba. IDESP. Coordenadoria de Documentação e Informação. Belém, 1977.

MACHADO, Eliana. **A atividade garimpeira na província mineral do Tapajós e sua influência na produção do espaço.** 2013. 99f. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de mestre).

MACHADO, L. O. Urbanização e mercado de trabalho na Amazônia Brasileira. **Cadernos IPPUR**, 1, 1999, pp. 109-138.

MATHIS, Armin. **Garimpos De Ouro Na Amazônia: Fatores Sociais, Relações De Trabalho E Condições De Vida.** UFPA: Belém,1995.

MARX, Karl. **O capital:** extratos por Paul Lafargue. Tradução de Abguar Bastos. São Paulo: Veneta, 2004.

MARX, Karl. **Capítulo VI Inédito de O Capital.** Tradução Klaus Von Puchen. 2 ed. Centauro: São Paulo, 2008.

MÉSZÁROS, Istivan. **A educação para além do capital.** 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOREIRA, Francisco de Assis Santo. **Mineração e Colonização: Impactos sociais.** Gráfica Brasil: Itaituba, 2003

MULLER, Fabiano Hector Lira. (Re) contando a história da colonização da Transamazônica entre as cidades de Itaituba e Altamira-Pa. **Revista Acadêmica da Faculdade do Tapajós Boyrá.** P 83 – 101. 3 ed. Julho a dezembro de 2015.

MUNIZ, João de Palma. **O Município de Itaituba.** Estado do Pará: 1906.

OLIVEIRA, Wesley Pereira de; TRINDADE, José Raimundo Barreto; MACHADO, Nathalia Menezes. Borracha, nordestino e floresta: a economia e a sociedade amazônica nos dois ciclos gomíferos. **Cadernos Cepec.** Belém, Volume 1, n. 1, p. 8 – 35, fevereiro de 2012.

ORSO, Paulino José. **Para uma educação além do capital e por uma educação para além da Escola.** 2011.

PEREIRA, Raimundo Paixão. Soldado Nelson, o combatente da borracha. In: WHITAKER, Jussara (org). **Os (outros) donos da História**. Itaituba,Pa: Globo, 2009.

PINTO, Fernando. **Memórias de um repórter**. Brasília: Thesaurus, 2004.

PRADO JUNIOR, Caio. **Teoria Marxista do Conhecimento e Método Dialético Materialista**. Discurso. V 4. N 4. 9 de Agosto de 1973. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37760>> Acesso em: 15 de maio de 2018.

PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO MINERAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA. Ministério de Minas e Energia, 1996.

PROJETO AGENDA CIDADÃ: relatório final. Volume I. Ministério da Educação, janeiro de 2016.

PROJETO AGENDA CIDADÃ: relatório final. Volume V I. Ministério da Educação, janeiro de 2016.

RODRIGUES, Rita Maria et al. **Estudo dos Impactos Ambientais decorrentes do extrativismo mineral e poluição mercurial no Tapajós**. Rio de Janeiro: CETEM/CNPQ, 1994.

SANTOS, José Nazareno dos. **Tapajós: Histórias e estórias e outras moagens**. 2ª ed. Itaituba, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

_____. Os desafios da educação pública na sociedade de classes. In **Educação, sociedade de classes e reformas universitárias**. ORSO, Paulino José; SAVIANI, Dermeval; SILVA JUNIOR, João dos Reis; NOSELLA, Paolo. (Org). Autores Associados: Campinas, 2007.

_____. **Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação. V 12. N 34. Jan./Abr., 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Computador%20antigo/Desktop/MESTRADO_STM>

/AULAS/METODOLOGIA%20DA%20PESQUISA%20EM%20EDUCAÇÃO/Metodologia%20da%20Pesquisa/Pesquisa/SAVIANI,%20Dermeval%20(2007)%20Trabalho%20e%20educação%20-%20fundamentos%20ontológicos%20e%20históricos.pdf> Acesso em 02 de maio de 2018.

_____. **A Pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar.** Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 5, n. 2, p. 25-46, dez. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Computador%20antigo/Desktop/MESTRADO_STM/Projeto%20e%20Dissertação/A%20pedagogia%20histórico-crítica,%20as%20lutas%20de%20classe%20e%20a%20educação%20escolar.pdf> Acesso em 02 de maio de 2018.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES DE INDICADORES SOCIAIS/MPPA. Abrangência: Itaituba-pa. Disponível em: <[https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/itaituba\(2\).pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/53/itaituba(2).pdf)> Acesso em: 15 de jul. de 2016.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-époque (1870-1910).** 2008. 247f. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre).

SOUZA, César Martins de. Ditadura, grandes projetos e colonização no cotidiano da Transamazônica. **Revista Contemporânea – Dossiê 1964-2014: 50 Anos Depois, A Cultura Autoritária em Questão.** Ano 4, nº 5, 2014.

SANTOS, Nazareno. **Tapajós: histórias estórias e outras moagens.** Itaituba, 2010.

TAVARES, R. L. **O Rio Tapajós.** Typographia Nacional: Rio de Janeiro: 1876.

TOCANTINS, Gonçalves. **Estudos sobre a Tribo Mundurucu.** Revista Trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil. B L Garnier : Rio de Janeiro, 1877. Disponível em < http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Atocantins-1877-mundurucu/tocantins_1877_mundurucu.pdf > Acesso em 5 de Outubro de 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

VIANA, Aldir. **Itaituba, 154 anos de existência.** Itaituba, 2010. Disponível em: <<http://colocandoospaposemdia.blogspot.com.br/2010/12/itaituba-154-anos-de-existencia.html>> Acesso em: 10 de set. 2017.

WHITAKER, Carolina. O cotidiano das benzedeiiras, entre rezas, poções e fé. **Revista Acadêmica da Faculdade do Tapajós Boyrá.** 1 ed. Julho a dezembro de 2013.

WHITAKER, Jussara; BIERI, Marcia Eloisa Lasmar; MACHADO, Eliana. Implicações antrópicas na Bacia Hidrográfica do Tapajós. In: **Encontro do Fórum das Entidades**, 2014, Itaituba. Pará: CDL, 2014.

WHITAKER, Jussara. Os Empreendimentos econômicos no solo Tapajônico e as questões sociais decorrentes. In: **Seminário Estratégico Sobre o Complexo Tapajós**, 2015. Itaituba. Pará. Instituto Salomão Ribeiro, 2015.

_____. **A Subjetividade do investigador no trabalho de campo como valor educativo: um estudo sobre o desenvolvimento da percepção e dos sentidos dos investigadores jovens.** 2016. 290f. (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação de Doutorado em Educação na Universidade de Desenvolvimento Sustentável, para obtenção do título de Doutora).

VALLADARES, Saturnino. As mudanças no sentimento de vergonha na Manaus de 1890 a 1920. In **AbyaYala&Amazonia: nosotros os afro-indo-americanos.** Whitaker, Dulce C.A.; Whitaker, Jussara (org). Itaituba: Acesso Fácil, 2016.

Como Era a Aviação de Garimpo na Década de 80? **Produção Globo repórter.** [198_?] Década provável. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5FeCKfwJ9HA>> Acesso em: 10 set. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

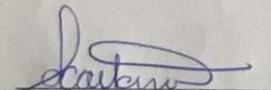
Eu, Sônia Maria Cantano
 Nacionalidade brasileira Idade 57 Estado Civil solteira
 estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado “A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL”. A pesquisa está sendo desenvolvida pela Mestranda Carolina Whitaker Pescaria, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação/PPGE/UFOPA, sob a orientação do Professor Dr. Anselmo Alencar Colares.

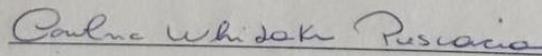
A pesquisa tem como objetivo discutir a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro.

A minha participação no referido estudo será no sentido de permitir que a pesquisadora realize uma entrevista através de um roteiro semi-estruturado, com questões voltadas para a pesquisa. Estou ciente que as informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Itaituba, PA, Abril de 2018.


 Assinatura do sujeito da pesquisa


 Assinatura do responsável pela aplicação do instrumento de pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Edna Oliveira Pachilha
Nacionalidade Brasileira Idade 31 Estado Civil união estável

estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado "A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL". A pesquisa está sendo desenvolvida pela Mestranda Carolina Whitaker Pescaria, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação/PPGE/UFOPA, sob a orientação do Professor Dr. Anselmo Alencar Colares.

A pesquisa tem como objetivo discutir a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro.

A minha participação no referido estudo será no sentido de permitir que a pesquisadora realize uma entrevista através de um roteiro semi-estruturado, com questões voltadas para a pesquisa. Estou ciente que as informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Itaituba, PA, Abril de 2018.

Edna Oliveira Pachilha

Assinatura do sujeito da pesquisa

Carolina Whitaker Pescaria

Assinatura do responsável pela aplicação do instrumento de pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, JOÃO DIOGO REGO DA SILVA
Nacionalidade BRASILEIRA Idade 51 Estado Civil CASADO

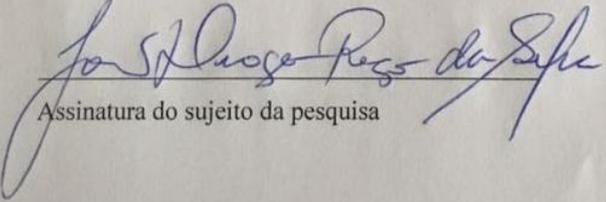
estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado "A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL". A pesquisa está sendo desenvolvida pela Mestranda Carolina Whitaker Pescaria, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação/PPGE/UFOPA, sob a orientação do Professor Dr. Anselmo Alencar Colares.

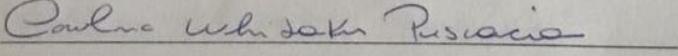
A pesquisa tem como objetivo discutir a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro.

A minha participação no referido estudo será no sentido de permitir que a pesquisadora realize uma entrevista através de um roteiro semi-estruturado, com questões voltadas para a pesquisa. Estou ciente que as informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Itaituba, PA, Abril de 2018.


Assinatura do sujeito da pesquisa


Assinatura do responsável pela aplicação do instrumento de pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Cleide Aparecida da Silva
Nacionalidade Brasileira Idade 28 anos Estado Civil solteira

estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado "A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL". A pesquisa está sendo desenvolvida pela Mestranda Carolina Whitaker Pescaria, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação/PPGE/UFOPA, sob a orientação do Professor Dr. Anselmo Alencar Colares.

A pesquisa tem como objetivo discutir a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro.

A minha participação no referido estudo será no sentido de permitir que a pesquisadora realize uma entrevista através de um roteiro semi-estruturado, com questões voltadas para a pesquisa. Estou ciente que as informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Itaituba, PA, Abril de 2018.

Cleide Aparecida da Silva

Assinatura do sujeito da pesquisa

Carolina Whitaker Pescaria

Assinatura do responsável pela aplicação do instrumento de pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu Francisco Felipe dos Santos Melo
 Nacionalidade Brasileiro Idade 67 Estado Civil casado

estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado "A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL". A pesquisa está sendo desenvolvida pela Mestranda Carolina Whitaker Pescaria, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação/PPGE/UFOPA, sob a orientação do Professor Dr. Anselmo Alencar Colares.

A pesquisa tem como objetivo discutir a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro.

A minha participação no referido estudo será no sentido de permitir que a pesquisadora realize uma entrevista através de um roteiro semi-estruturado, com questões voltadas para a pesquisa. Estou ciente que as informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Itaituba, PA, Abril de 2018.

Francisco Felipe dos Santos Melo
 Assinatura do sujeito da pesquisa

Carolina Whitaker Pescaria
 Assinatura do responsável pela aplicação do instrumento de pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Raquel Peres Rocha
Nacionalidade Brasileira Idade 32 Estado Civil Casada

estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado "A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL". A pesquisa está sendo desenvolvida pela Mestranda Carolina Whitaker Pescaria, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação/PPGE/UFOPA, sob a orientação do Professor Dr. Anselmo Alencar Colares.

A pesquisa tem como objetivo discutir a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro.

A minha participação no referido estudo será no sentido de permitir que a pesquisadora realize uma entrevista através de um roteiro semi-estruturado, com questões voltadas para a pesquisa. Estou ciente que as informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Itaituba, PA, Abril de 2018.

Raquel Peres Rocha

Assinatura do sujeito da pesquisa

Carolina Whitaker Pescaria

Assinatura do responsável pela aplicação do instrumento de pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Norma Yolanda Lindoso Piana
 Nacionalidade Brasileira Idade 64 anos Estado Civil casada
 estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado "A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A SOCIEDADE EM ITAITUBA-PA NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA EXTRATIVISTA MINERAL". A pesquisa está sendo desenvolvida pela Mestranda Carolina Whitaker Pescaria, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação/PPGE/UFOPA, sob a orientação do Professor Dr. Anselmo Alencar Colares.

A pesquisa tem como objetivo discutir a educação escolar no município de Itaituba-Pa, problematizada a partir da relação desta com o contexto socioeconômico gerado pela atividade extrativista do ouro.

A minha participação no referido estudo será no sentido de permitir que a pesquisadora realize uma entrevista através de um roteiro semi-estruturado, com questões voltadas para a pesquisa. Estou ciente que as informações obtidas têm como única finalidade a pesquisa e fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

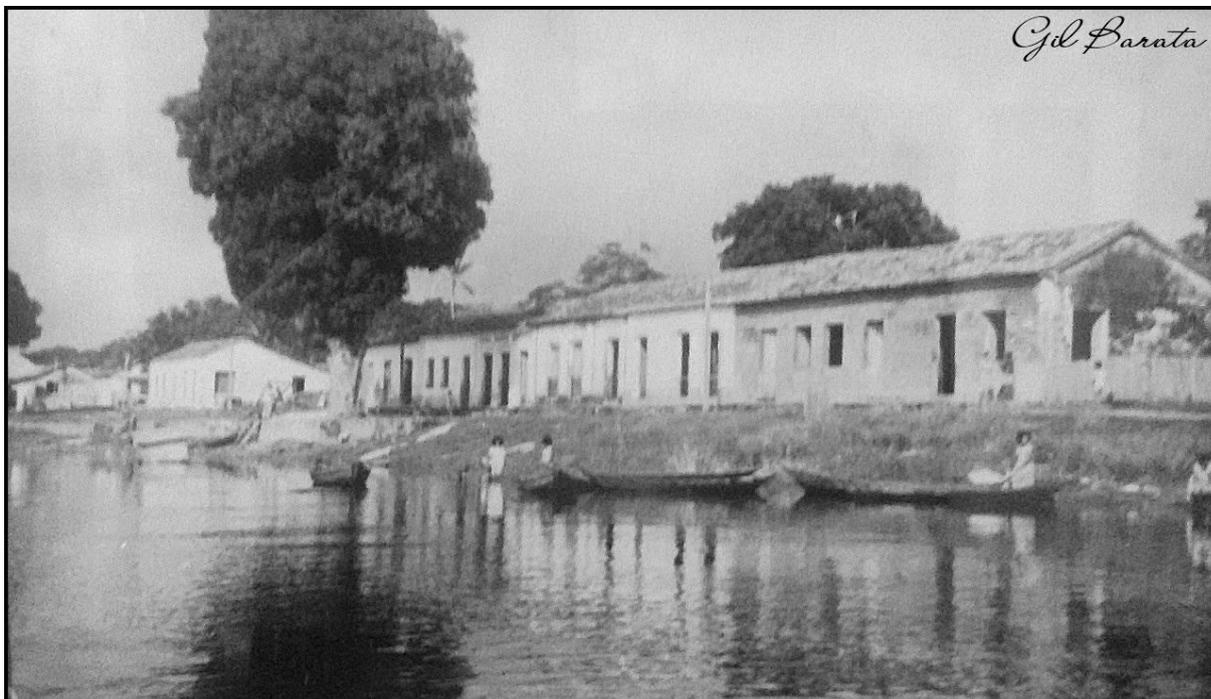
Itaituba, PA, Abril de 2018.

Norma Yolanda Lindoso Piana

Assinatura do sujeito da pesquisa

Carolina Whitaker Pescaria

Assinatura do responsável pela aplicação do instrumento de pesquisa

ANEXOS**ANEXO A – FOTOS HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DE ITAITUBA-PA**

Orla de Itaituba nos anos 1960 / Acervo pessoal de Gil Barata



 **Av. Hugo de Mendonça em 1962**

Acervo pessoal de Ernesto Cirio de Oliveira



Festejo de Sant'Ana início de 1970 / Acervo pessoal de Gil Barata



Desfile 7 de setembro em Itaituba nos anos de 1970 / Acervo pessoal de Gil Barata

ANEXO B – TRECHO DO LIVRO O PASSADO DE ITAITUBA E A CONQUISTA DO TAPAJÓS

Autor: Poeta Marcelino Pereira de Aguiar
26 de Janeiro de 1984

Quanto ao plano de educação
Estando em primeiro lugar
Na sede do município
Tem hoje sete grupos escolar
Sob orientação do MEC
Com um trabalho exemplar
Estando assim bem adiantado
Em um perfeito funcionamento
Com um número de alunos
Razoável em cada estabelecimento
Entre adultos e crianças
É excelente o processamento
Na Escola Estadual Gaspar Viana
Vemos um número de estudantes
Os quais são 551
Desde os principiantes
Funcionando em quatro turnos
Com horários reversantes
Com dedicação ao ensino
Vem a mão cooperadora
Com 543 alunos
Assistidos por sua diretora
Eis a escola semica
Sendo hoje bem promissora
Escola Estadual Profa. Alice Carneiro
As quais são ensinadas
Para garantir as esperanças
E o destino de Itaituba
Celeiro de gloriosas lembranças
Entre todas as escolas
Eis uma a se destacar
Talvez pela boa atuação
E pelo ensino exemplar
Escola Estadual Fernando Guilhon
Sempre em primeiro lugar
A Escola Estadual Fernando Guilhon
Dá uma boa demonstração
Do estímulo ao ensino
Na luta pela educação
Dando tudo de si
Para esta nova geração
Com 2.183 alunos

Funciona em quatro turnos iguais
Trazendo uma boa tranquilidade
Desde alunos, aos pais
Com professoras bem experientes
Formadas por cursos especiais
Esta escola presta homenagem
A um ente querido
O qual foi Fernando Guilhon
Que jamais será esquecido
Pena que este governante
Tão jovem tenha desaparecido
Eis uma justa homenagem
Que a história não fica alheia
Lembramos este grande vulto
Tenente Joaquim Caetano Correia
Sendo ele patrono de Itaituba
A história nele sempre se baseia
Estando hoje esta escola
No destino da juventude
Educando e ensinando
Desde a criança rude
Para ser no amanhã
Um homem de plenitude
Conta em 901 alunos
Em seu quadro atualmente
São dezenas de professoras
Com dedicação quase diariamente
Na dedicação ao ensino
Servindo os interesses do presente
A Escola Estadual Magalhaes Barata
Mostra sua luta árdua
Sua meta é o ensino
Está firme na vanguarda
Porém deve se orgulhar
Pelo nome que guarda
Hoje esta escola funciona
Com estilo de melhor padrão
Contando com 517 alunos
Constando em sua relação
Os quais são ensinados
Com amor e dedicação
Continuando vem a seguir
Uma escola bem conhecida
Escola Duque de Caxias
Inicia uma nova vida
Com 68 alunos
Porém com atuação garantida